



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Das hesitações no Estado Novo à construção do lugar: o Estádio Nacional do Jamor

Maria Margarida Lourenço Marreiros de Novais

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Possolo Saldanha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

iscte

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Das hesitações no Estado Novo à construção do lugar: o Estádio Nacional do Jamor

Maria Margarida Lourenço Marreiros de Novais

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Possolo Saldanha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio incondicional em todos os desafios que me proponho, pelos ensinamentos, pela confiança e por todas as oportunidades.

A toda a minha família, em particular às primas Lúcia Dâmaso e Joana Lourenço.

Aos meus amigos Catarina Silva, Carlota Pereira, Elodie Marques, Margarida Condeixa, Matilde Aresta Branco, Teresa Mateus, Sarah Andrade, Afonso Patinhas e Marco Tavares. E aos meus amigos finalistas e companheiros deste ano Beatriz Beato, Renata Regina, António Castro e Gonçalo Grácio.

Quero ainda deixar um agradecimento especial à arquiteta Sofia Pimenta, à família que adotei no Brasil, ao professor Ricardo Resende, à Professora Gabriela Gonçalves e ao atelier GGLL e a todos os professores, em particular:

Ao professor Alexandre Delijaicov pelas suas provocações, pela sua entrega social e pedagógica que demonstram a sua extrema sensibilidade humanista, marcando o meu semestre de intercâmbio na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo de uma forma muito particular. “Confiança nas diferenças, nunca podemos perder a oportunidade de dar oportunidade para as pessoas.”

À professora Paula André pela sua valiosa dedicação e partilha, transformando instintos particulares em trabalhos gratificantes de procura e descoberta. Pelos desafios que nos lança coletivamente e individualmente inquietando a nossa sensibilidade.

Ao professor José Saldanha pela partilha e acompanhamento preciosos, conseguindo sempre articular múltiplas disciplinas que contribuíram profundamente para a transformação particular de cada um de nós.

Grata a todos!

Resumo

A presente proposta de ampliação temporária do Estádio Nacional do Jamor surge no âmbito da realização dos Jogos Olímpicos, em Lisboa. Este Estádio é exímio na sua localização e relação com a envolvente, fato que se deve às críticas que o arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral apresentou ao projeto que tinha sido escolhido em concurso lançado pelo regime. Acontecimento semelhante sucedeu no Concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres, a interferência dos arquitetos muda o rumo do concurso. Assim interessou-nos compreender os vícios da historiografia da produção arquitetónica do período do Estado Novo uma vez que entendemos que esta época tem sido excessivamente simplificada e/ou extremada.

Em ambos os concursos os arquitetos preocupados com os objetos arquitetónicos apresentavam propostas que não tomavam em consideração a topografia dificultando a possibilidade de integração de valor de sublimidade. A proposta de Caldeira Cabral tomando em consideração os valores do local, através dos seus conhecimentos modernistas adquiridos no curso que frequentava em Berlim, consegue conciliar a valorização da imagem arquitetónica e a valorização do lugar, conferindo alguma sublimidade ao Estádio.

Assim a presente proposta de ampliação das bancadas tem em consideração o construído e as variantes apresentadas por Miguel Jacobbety Rosa e Francisco Caldeira Cabral, e as premissas que Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner utilizaram para criticar a proposta de Jorge Segurado e integrar o edifício na paisagem. Resulta assim numa proposta de ampliação temporária das bancadas adaptando o local às necessidades dos Jogos Olímpicos, atividade de curta duração.

Palavras-chave: Estádio Nacional do Jamor, Estado Novo, “português suave”, “arquitectura doce”, imagem, lugar, implantação.

Abstract

The present proposal for the temporary expansion of the National Stadium of Jamor arises within the scope of the Olympic Games in Lisbon. This Stadium is excellent in its location and in relation to its surroundings, a fact that is due to the criticisms that landscape architect Francisco Caldeira Cabral presented to the project that had been chosen in a contest launched by the regime. A similar case happened at the Competition for the Monument to Infante D. Henrique, in Sagres, the interference of architects changes the course of the competition. Therefore, we were interested in understanding the vices of the historiography of architectural production in the Estado Novo period, since we understand that this era has been excessively simplified.

In both competitions, architects concerned with architectural objects presented proposals that didn't take topography into account, making it difficult to integrate sublimity values. Caldeira Cabral's proposal, taking into account the local values, through his modernist knowledge acquired in the course he attended in Berlin, manages to reconcile the valorization of the architectural image and place, giving some sublimity to the Stadium.

Therefore, the present proposal to expand the benches takes into account the construction, the proposals presented by Miguel Jacobbety Rosa and Francisco Caldeira Cabral and the premises that Caldeira Cabral and Konrad Wiesner used to criticize Segurado's proposal and integrate the building in the landscape.. This results in a temporary proposal for the expansion of benches adapting the place for the short-term activity.

Key-Words: Nacional Stadium of Jamor, Estado Novo, "português suave", "arquitectura doce", image, place, implantation.

Índice

Índice de figuras.....	III
Apresentação.....	XVII
Trabalho de Grupo	XVIII
Trabalho Individual	XIX
Introdução.....	XXIII
Tema	XXIII
Objetivos	XXIV
Estado da Arte	XXV
Metodologia	XXIX
Estrutura do Ensaio	XXIX
Contributos	XXX
Capítulo I - Imagem do Estádio Nacional como rosto da Nação.....	1
Antecedentes: inquietação cultural.....	1
“Efémero Modernismo”.....	4
Imagem de Poder - Estádio Nacional como rosto da Nação.....	5
Capítulo II - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” na construção de uma revisão historiográfica.....	47
“Português Suave” e “Arquitectura Doce”.....	48
Representação 35 - Os concursos de Sagres.....	55
Capítulo III - A Imagem do Lugar.....	77
Concursos.....	77
O lugar e a imagem	79
Capítulo IV - Projecto.....	119
Memória Descritiva	119
Conclusão.....	150
Bibliografia.....	155
Anexos.....	157

Índice de figuras

Introdução

Figura 1 – “Panorâmica do Vale do Jamor. Verificam-se as primeiras intervenções no terreno” [1900- 1940]. ANDRESEN, Teresa – O vale do Jamor. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 70-71.

Figura 2 – Estádio Nacional – vista aérea. 1998. **Arquivo Municipal de Oeiras**.

Figura 3 – ANDRESEN, Teresa, ed. lit – **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian**.

Figura 4 – GUIA, Diogo – **Jamor: o palco do desporto Nacional**.

Figura 5 – ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os Concursos de Sagres**. 2002.

Capítulo I

Figura 6 – “Étude de la continuation de l’Avenue de la Liberté”. 1927. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo** – (CFT003.102325)

Figura 7 – “Cinema Capitólio [c.1960]”. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 8 – Garagem do Comércio – Porto. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/12/garagem-o-comercio-do-porto.html>>.

Figura 9 – Pavilhão de Rádio do I. Oncologia. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/instituto-portugues-de-oncologia.html>>.

Figura 10- “Cinema Éden”. 1937. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 11 – “Escola Secundária Diogo de Gouveia (Beja) – entrada principal” – Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** [Em linha] [Consult. 09. 07. 2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/biblioteca-de-arte-em-casa/fotografias-com-historia/escolas/>>>.

Figura 12 – Escola Secundária D. Filipa de Lencastre- Lisboa. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF003.15886)

Figura 13 - “Estação dos CTT em Beja, inaugurada em 1943”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.

Figura 14 – “Estação dos CTT em Figueira da Foz, inaugurada em 1943”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.

Figura 15 – “Estação dos CTT em Leiria, inaugurada em 1946”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.

Figura 16 – “Fotografia aérea do Instituto Superior Técnico em construção” [c. 1934. Fotografia de José Pedro Pinheiro Corrêa. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 17 – “Vista geral da Exposição do Mundo Português. Ao centro, a Praça do Império. Fotógrafo: Estúdio Horácio Novais. 1940. **FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos** (CTF164.163258).

Figura 18 - “António Oliveira Salazar a ler o discurso em que prometia a construção o Estádio Nacional”. [1933]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 35.

Figura 19 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 26.

Figura 20 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 28.

Figura 21 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 27.

Figura 22 – Artigo dedicado ao Estádio Nacional, **Revista Panorama**, nº7, 1942.

Figura 23 - Artigo dedicado ao Estádio Nacional, **Revista Panorama**, nº7, 1942.

Figura 24 - Artigo dedicado ao Estádio Nacional, **Revista Panorama**, nº7, 1942.

Figura 25 – Capa da revista semanal **Vida Mundial Ilustrada**, nº 161, 15 de junho de 1944.

Figura 26 – Reportagem sobre a Inauguração do Estádio Nacional na revista semanal **Vida Mundial ilustrada**, nº 161, 15 de junho de 1944.

Figura 27 – Panfleto comemorativo dos 15 anos de obras públicas do Estado Novo, este dedicado em exclusivo ao Estádio Nacional, 1947.

Figura 28 - Panfleto comemorativo dos 15 anos de obras públicas do Estado Novo, este dedicado em exclusivo ao Estádio Nacional 1947.

Figura 29 – Capa do livro **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 30 – Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 31 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 32 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 33 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 34 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 35 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de

Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 36 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Figura 37 - Desdobrável do concelho de Oeiras com a fotografia aérea do Estádio Nacional na capa. Município de Oeiras, 1950.

Figura 38 - “Plano de Urbanização da Costa do Sol.”. 1948. Etienne de Groer. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 95.

Figura 39 - “Auto-estrada Lisboa- Cascais” 1958. Fotografo: Salvador de Almeida Fernandes. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 40 - “Viaduto Duarte Pacheco, Lisboa”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. In **Flickr Biblioteca de arte Gulbenkian**.

Figura 41 - “Estrada Marginal”. [c.1950]. Fotografia: António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 42 - “Estação Ferroviária do Estádio Nacional”. 1964-07. Fotografia: Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 43 – Cartografia do Vale do Rio Jamor antes da construção do Estádio Nacional do Jamor. Espólio do Arquiteto Francisco Caldeira Cabral, **Arquivo do Forte de Sacavém**. Pasta 13. Caixa 2.

Figura 44 – “Panorâmica da estrada de acesso às quintas [1900-1940]”. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 68-69

Figura 45 - “Estádio Nacional, jogo de futebol” [195-]. Fotografia de António Castelo Branco. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 46 - Inauguração do Estádio Nacional do Jamor, 10 junho 1944. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 47 – “Panorâmica do Estádio Nacional”. Inauguração do Estádio Nacional do Jamor, 10 junho 1944. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 48 – “Aspectos da assistência à festa inaugural do Estádio”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 236.

Figura 49 - “Estádio Nacional”. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 50 - “Aspectos da assistência à festa inaugural do Estádio”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 239.

Figura 51- “Desfile de ginastas da Mocidade Portuguesa”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 239.

Figura 52 - “Aspectos da exibição de ginástica de classe feminina da FNAT”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 246.

Figura 53 – “Presidente da República e do Conselho e membros do Governo assistem às cerimónias”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 237.

Capítulo II

Figura 54 – “Tipos e subtipos que compõem a arquitectura “Português Suave”. Esquema desenhado por José Manuel Fernandes durante a entrevista.” In UCHA, Maria Margarida - **“Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. VI.

Figura 55 – “Instituto Nacional de Estatística, edifício de 1935 do arquitecto Pardal Monteiro” [post. 1935] Fotografia de Ferreira Cunha. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 56 – “Instituto Superior Técnico” [194-]. Fotografia de: Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 57 – “Casa da Moeda. Fachada principal. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF003.62454)

Figura 58 – “Praça do Areeiro – maquete! [194-]. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 59 – “O Estádio Nacional inaugurado em 1944”. 1957. Fotografia de Armando Maia Serônio. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 60 – “Auto-estrada Lisboa- Cascais”. [post. 1941]. Fotografia de António Castelo Branco. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 61 - “Viaduto Duarte Pacheco, Lisboa”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF164.54938)

Figura 62 - “Estrada Marginal”. [c.1950]. Fotografia: António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 63 – “Esplanada do restaurante do aeroporto – vista para a pista de aviões”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF164.49267)

Figura 64 – “Parque Florestal de Monsanto, a Mocidade Portuguesa participa na sua arborização”. [c. 1944]. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 65 – “Padrão dos Descobrimentos em construção”. 1960. Fotografia de: Artur João Goulart. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 66 – “Palácio da Justiça, Lisboa”. Inaugurado em 1970. Arquitetos: Januário Godinho de Almeida, João Henrique de Melo Breyner Andersen. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF164.160205)

Figura 67 - Palácio da Justiça do Porto. Inaugurado em 1961. Arquitecto Raul Rodrigues Lima. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecolecção.blogspot.com/2011/06/palacio-da-justica-do-porto.html>>.

Figura 68 – Palácio das Comunicações do arquitecto Adelino Nunes. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecolecção.blogspot.com/2014/01/palacio-das-comunicacoes.html>>.

Figura 69 - Standart Eléctrica do Arquitecto Cottinelli Telmo. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecolecção.blogspot.com/2015/03/standard-electrica.html>>.

Figura 70 – Coliseu do Porto do Arquitecto Cassiano Branco. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecolecção.blogspot.com/2012/12/coliseu-do-porto.html>>.

Figura 71- “Fotografia de grupo dos participantes no “I Congresso Nacional de Arquitectura” 1948. In **Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva**.

Figura 72 – “Estruturação possível do sistema nazi, do sistema fascista e do sistema de Salazar”. In ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa:

Livros Horizonte, 2002. p.28.

Figura 73– “Artigo publicado no Diário de Lisboa, com o título O concurso para o monumento ao Infante D. Henrique no promontório de Sagres (O monumento ao Infante. O Júri escolheu o projecto com a divisa «Dilatando a Fé e o Império» do s arquitectos Rebelo de Andrade e o escultor Rui Gameiro)”. 30-04-1935. **Arquivo Municipal de Lisboa.**

Figura 74 – Proposta de Carlos Ramos e Leopoldo do Almeida para o Monumento ao Infante. In GORI, Annarita – **História de una obra nunca realizada. El monumento al Infante Dom Henrique y la autorrepresentación del Estado Novo.** [Em linha]. História Contemporânea, 2016. [Consult. 10 Julho 2020] p. 289. Disponível na internet: <URL: https://www.researchgate.net/publication/303710749_Historia_de_una_obra_nunca_realizada_El_monumento_al_Infante_Dom_Henrique_y_la_autorepresentacion_del_Estado_Novo>. ISBN 130-2402.

Capítulo III

Figura 75 - Proposta do arquiteto Jorge Segurado–projeto definitivo. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.101137)

Figura 76 - “Estádio Nacional” - Cabral, Francisco Caldeira. In **DGEMN** [Em linha], IPA.00006084, DES.00973822 [Consult. 11 Jan. 2020] Disponível em: WWW: < http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1 >.

Figura 77 – “Maqueta e desenhos da proposta do arquitecto Carlos Ramos”. Acessível em **Restos de colecção** [Em linha] Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>>.

Figura 78- “Maqueta e desenhos da proposta do arquitecto Carlos Ramos”. Acessível em **Restos de colecção** [Em linha] Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>>.

Figura 79 – Proposta apresentada pelos arquitetos Carlos Ramos e Jan Wills – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.101958).

Figura 80 – “Estádio Olímpico de Amesterdão”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional.** Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 128.

Figura 81 - “Jan Wils. Olympic Stadium Amsterdam, 1928. Photo: Technisch Fotobureau Gouda Collection Het Nieuwe Instituut.” Acessível **Collection Nieuweinstituut** [Em linha] [consult. 12 julho 2020]. Disponível em: WWW:

<URL: <https://collectie.hetnieuweinstituut.nl>>

Figura 82 - Proposta apresentada pelos arquitetos Cristino da Silva e Constantino Constantini – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.102317 - Estádio de Lisboa. Planta geral).

Figura 83 – Maquete do Estádio proposto por Cristino da Silva e Constantino Constantini para o concurso do Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.102095)

Figura 84– Fórum de Mussolini, em Roma, também conhecido como “O estádio (Stadio del Marmi) da Escola Superior de Educação Física em Roma.”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 138.

Figura 85 - Fórum de Mussolini, em Roma, também conhecido como “O estádio (Stadio del Marmi) da Escola Superior de Educação Física em Roma.”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 138.

Figura 86 - Proposta apresentada pelo arquiteto Antonio Illanes – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.101721)

Figura 87 – Cortes do Velódromo proposto por Jorge Segurado para a segunda fase do concurso para o Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.102200)

Figura 88 – Alçados do Velódromo proposto por Jorge Segurado para a segunda fase do concurso para o Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.102201)

Figura 89 - “A distribuição dos equipamentos na primeira proposta” de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 34.

Figura 90 - “Uma ilustração para contrapor a nova proposta à solução do Segurado”. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 35.

Figura 91 – “Étude pour une nouvelle avenue sur le Tage”. 1927. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG –Biblioteca de Arte e Arquivo** – (CFT003.102333).

Figura 92 – “Estádio Nacional, estação ferroviária” [post. 1944]. Fotografia de Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 93 – “Estação Ferroviária do Estádio Nacional” julho de 1964. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 94 – “Estádio Nacional – campo de ténis” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 95 - “Estádio Nacional – campo de ténis” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 96 - “Estádio Nacional – instalações” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 97 – Praça da Maratona e edifício dos balneários do Estádio Nacional. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 98 – Tribuna no “Estádio Nacional”. 1961. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 99 - Tribuna no “Estádio Nacional”. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 100 – Lado Oeste da Tribuna de Honra “Estádio Nacional”. [c.1941]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 101 – “Estádio Nacional”. 1991. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.

Figura 102 – Interior da Tribuna de Honra “Estádio Nacional”. 1961. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

Figura 103 - “O início do revestimento das bancadas em pedra. 1940.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 153.

Figura 104 – Revestimentos das bancadas do “Estádio Nacional”. 1991. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.

Figura 105 – “Vista aérea do Estádio Nacional”. 1944. Fotografia de M. P. Carneiro. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 171.

Figura 106 - “Estudo de Miguel Jacobetty para ampliação das bancadas do

Estádio. Sobrepondo uma segunda bancada.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 62.

Figura 107 – Teatro de Epidauro, Grécia. 2011. Fotografia de Manu Treku. Acessível em **FLICKR** [Em linha]. [consult. 03 agosto 2020]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.flickr.com/photos/58191074@N04/5541478890/in/photolist-9rFwBu-2hGfzFp-PbwDz-7MPHMT-pUgaat-4Yk65H-PbqqF-3fuqeJ-KC2yrc-PbsRB-PbsRK-PbqqH-PbsSa-PbsSg-PbkRF-PaRKf-y2ts-Q-PaRKd-6VAcPb-PbsRP-PbwDD-9zYTDa-PbwDt-Pbqqr-Pbqqc-Pbqqa-PbwDi-PbkRR-byFJi7-PbkRH-PaRJY-PaRJQ-PbkRM-PbkRT-PaRK5-Pbs-Sk-PbkRB-PaRJN-Pbk6z-6Vw9er-Pbqqz-6Vw99x-2jbHqHu-ohwHPV-2jbHqy1-2jbDpTY-2jbG5vB-2jbG5sq-2jbDpBk-PMbMaD>>.

Figura 108 – Teatro de Epidauro, Grécia. 2003. Fotografia de Gisleno. Acessível em **FLICKR** [Em linha]. [consult. 03 agosto 2020]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.flickr.com/photos/gislenofl/3078806316/>>.

Figura 109- Sobreposição do Vale do Jamor e das quintas aí existentes com alguns dos primeiros edifícios que foram construídos, a encarnado.

Figura 110 – “Panorâmica da Praça da Maratona” [1940-1944]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 178.

Figura 111 – “Entrada da Praça Sul”. Fotografia de Horácio Novais. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 79.

Figura 112 – Entrada Norte do Estádio do Jamor onde se localiza a entrada para a Tribuna de Honra. [1944]. Fotografia de Horácio Novais. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 40.

Figura 113 – Vista aérea sobre o Estádio e Vale do Jamor onde se pode observar a relação que a interrupção nas bancadas estabelece com o Vale. 1998. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.

Figura 114 – “Vista aérea do Estádio Nacional” [1940]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 164 -165.

Figura 115 – Vista sobre o Vale do Jamor, onde é possível observar ao fundo o Estádio encaixado na topografia. [1944]. Fotografia do Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT164.50200)

Figura 116- “A solução para a tribuna de honra proposta por Wiesner e Caldeira Cabral.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 62.

Figura 117 – “Esquízo. Alçado poente/ Sem assinatura, s.d. Sem escala” Fotografias de Manuel Silveira Ramos. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT169.423)

Figura 118 – “Estádio de Lisboa – Edifícios da entrada principal. Escala 1:200. Berlim 12-10-1938” Fotografias de Manuel Silveira Ramos. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT169.445)

Figura 119 - Proposta dos arquitetos Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner – proposta de alteração de implantação do Estádio. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Capítulo IV

Figura 120 - “Inauguração do Estádio Nacional”, 10 junho 1944. Acessível em LISBOA. **Arquivo Municipal de Lisboa**

Figura 121 – Página de rosto onde o Estádio Nacional é identificado como “Estádio de Atletismo”, de desenho técnico do projeto para o Edifício anexo dos Jogadores identificado neste trabalho como edifício dos Balneários. **Arquivo do CNDJ**. Estádio Nacional do Jamor.

Figura 122 – Enquadramento que nos permite identificar as novas cadeiras plástico colocadas nas bancadas e do elemento separador vertical em metal e vidro para separar os adeptos futebolísticos que descaracterizam o projeto do Estádio. (fotografia: Maria de Novais, 18 setembro 2019)

Figura 123 – Enquadramento da tribuna do Estádio Nacional onde se observam os novos elementos de sombreamento que descaracterizam o projeto desta. (fotografia: Maria de Novais, 18 setembro 2019)

Figura 124 - Jogo de Futebol entre Belenenses SAD e Clube Desportivo das Aves no Estádio Nacional do Jamor. (fotografia: Maria de Novais, 26 de outubro de 2019).

Figura 125 - Vista de satélite do Vale do Jamor onde se destacam as vias o limitam. Acessível em **Google Earth** [Em linha]. [consult. Maio 2020]. Disponível em WWW: <URL: google.com/intl/pt-PT/earth/>.

Figura 126 - Planta de Implantação - Escala 1:500.

Figura 127 - Planta de pisos térreos - Escala 1:500.

Figura 128 - Corte A - Escala 1:500.

Figura 129 - Corte B - Escala 1: 500.

Figura 130 Vista de parte da cobertura das Ruínas da Quinta da Conceição e num segundo plano das árvores plantadas sobre o Alto da Boa Viagem inclinadas devido ao vento que fustiga o local. (fotografia: Maria de Novais, 6 outubro 2020)

Figura 131– Vista do Estádio Nacional do Jamor que evidencia a possibilidade de relação de proximidade tanto dos atletas com a envolvente verde como dos espectadores. (fotografia: Maria de Novais, 6 outubro 2020)

Figura 132 - Planta Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico -Escala 1:200.

Figura 133 - Corte C - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:200.

Figura 134 - Alçado Nascente - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:200.

Figura 135 - Corte D - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:200.

Figura 136 - Alçado Poente - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:200.

Figura 137 - Alçado Sul - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:50.

Figura 138 - Corte E - Balneários temporários/ centro interpretativo e arquivístico - Escala 1:200.

Figura 139 - “O estádio de atletismo” Fotografia Horácio Novais. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 63.

Figura 140 – Vista da Arcada Norte do Edifício dos Balneários sobre o Edifício da Tribuna. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 181.

Figura 141 – Vista da Arcada Norte do Edifício dos Balneários sobre o Edifício da Tribuna. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 181.

Figura 142 – Planta atual das instalações dos Balneários. Arquivo do CNDJ. Estádio Nacional do Jamor.

Figura 143 – “Edifício Anexo dos Jogadores – Planta de pavimento”, desenhados por Miguel Jacobetty Rosa. 1941. **Arquivo do CNDJ**. Estádio Nacional do Jamor.

Figura 144 – Relação das bancadas com o Vale ao fundo através da interrupção das bancadas. (fotografia: Maria de Novais, 26 de outubro de 2019).

Figura 145 - Alçado tardoz das bancadas temporárias - Escala 1:100.

Figura 146 - Corte F - Bancadas temporárias - Escala 1:50.

Figura 147 - Planta Instalações Sanitárias Temporárias - Escala 1:100.

Figura 148 - Alçado Sul - Instalações Sanitárias Temporárias - Escala 1:100.

Figura 149 - Alçado Norte - Instalações Sanitárias Temporárias - Escala 1:100.

Figura 150 - Corte G - Instalações Sanitárias Temporárias - Escala 1:100.

Figura 151 - Alçado Nascente - Instalações Sanitárias Temporárias - Escala 1:100.

Figura 152 - Planta Instalações Sanitárias da Entrada Sul - Escala 1:100.

Figura 153 - Alçado Norte - Instalações Sanitárias da Entrada Sul - Escala 1:100.

Figura 154 - Alçado Poente - Instalações Sanitárias da Entrada Sul - Escala 1:100.

Figura 155 - Corte H - Instalações Sanitárias da Entrada Sul - Escala 1:100.

Figura 156 - “Plano Geral do Estádio de atletismo assinado por Wiesner e Caldeira Cabral”. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 38.

Figura 157 – “Projecto do Estádio Nacional, 1940. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 76.

Apresentação

No âmbito da Unidade Curricular Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ISCTE-IUL, no ano letivo 2019/2020, foi proposto o programa da hipotética realização dos Jogos Olímpicos *Lisboa 2020*. Segundo André Cruz, esteve em cima da mesa a hipótese da realização dos Jogos Olímpicos, em Lisboa, em 1940. No entanto, Tóquio foi a cidade escolhida. Neste ano os jogos não se realizaram devido à 2ª Guerra Mundial, mas, em 1964, a cidade acaba mesmo por receber o evento desportivo. Em 2002 recebe também, em parceria com a Coreia do Sul, o Mundial de Futebol. Os avultados investimentos necessários para eventos desta natureza resultam na redução do número de países com recursos para receber eventos desportivos internacionais, ao que acresce também o aumento do número de modalidades e de atletas. Consequentemente os países anfitriões começam a repetir-se frequentemente.

A cidade selecionada para os Jogos Olímpicos de 2020 seria Tóquio novamente, no entanto: “(...) uma sensibilidade surpreendente para com os direitos dos mais pequenos desenvolveu-se no Comité Olímpico Internacional, que em *volte-face* preferiu que a prova se realizasse na capital mais ocidental da Europa.”¹

As competições terão lugar em vários núcleos na área metropolitana de Lisboa, o Vale do Jamor será o epicentro do evento, local onde os alunos desenvolverão as suas propostas.

¹ Consultar Anexo A em Anexos.

Trabalho de Grupo

No trabalho de grupo, Anexo B, a preocupação central passou por garantir um pensamento projetual que contribuísse para o desenho da cidade, evitando a obsolescência da intervenção após a realização do evento Olímpico, melhorando e valorizando as condições das infraestruturas do Centro Desportivo do Jamor. Para este tipo de abordagem tivemos em consideração como principal referência o projeto dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, pela sua abordagem que canaliza e planeia os investimentos de modo a dar resposta à lógica da cidade, como por exemplo: a conversão da vila olímpica em área residencial servida de escritórios, bibliotecas, universidades, entre outros, novos parques urbanos, estruturas viárias modificadas e a incrementação de uma rede de transportes urbanos. Em síntese pode-se considerar que os Jogos Olímpicos em Barcelona foram utilizados como instrumento de planeamento urbano.

Tomando como fio condutor os Jogos de 1992 foi proposta a integração do Centro Desportivo do Jamor com a cidade em várias frentes. Em termos de transportes propôs-se o prolongamento da linha Vermelha de metro, com base em propostas existentes pelo Metropolitano de Lisboa, facilitando a ligação do aeroporto até à Estação da Cruz Quebrada, permitindo a ligação entre a linha ferroviária de Sintra e a de Cascais. Também é proposta a reativação do troço da linha de eléctrico desativada entre Algés e Cruz Quebrada, linha esta proveniente da Praça da Figueira. Na estação da Cruz Quebrada é proposta, assim, uma estação intermodal entre metro e comboio.

Quanto à estrutura viária e pedonal destaca-se a indispensável intervenção na frente ribeirinha desde a Fundação Champalimaud até à Estação da Cruz Quebrada, dando continuidade à frente de espaço público que se tem desenvolvido ao longo do estuário, através da restituição da praia, da criação de uma piscina de saltos para os Jogos Olímpicos que será revertida a piscina oceânica após o evento, da realocação da prática da canoagem, junto ao local onde atualmente é o Centro Náutico de Algés, e da criação de vários edifícios habitacionais que servirão os atletas e mais tarde poderão ser convertidos numa área residencial. As ligações pedonais entre o Jamor e Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha e Caxias foram igualmente pensadas de modo a garantir uma melhor fluidez com a envolvente, permitindo aos locais o usufruto do Vale e das infraestruturas.

Para as modalidades praticadas e respetivas infraestruturas, no Vale do Jamor, é proposto dotá-las de condições para a sua prática, respondendo às carências existentes, seguindo a lógica do projeto inicial de Francisco Caldeira Cabral (1908 - 1992) e Konrad Wiesner para o Vale, onde se mantêm características paisagísticas do local enaltecendo-as com a implantação dos edifícios em

situações de meia encosta, evitando construir no leito de cheias existente, local onde se propõem a implantação de campos de treino. O centro de Alto Rendimento será realocado axialmente com o Estádio Nacional, permitindo o aumento da pista, dos atuais 60 metros para 200, e a transição entre a cota superior (Avenida Pierre de Coubertin) e o vale. As bancadas do Estádio Nacional, estádio de honra durante os Jogos Olímpicos, serão ampliadas para receber o evento. A piscina Olímpica será redesenhada, permitindo a sua melhor integração com o local. A modalidade do ténis será dotada de uma arena de maiores dimensões que lhe permitam voltar a receber competições nacionais e internacionais. A reabilitação da Faculdade de Motricidade Humana e a intervenção na Quinta da Graça permitem a transição com o Vale do Jamor e a convergência entre as várias instituições.

Quaisquer destas intervenções propostas têm a intenção de permitir o usufruto de todos do Centro Desportivo do Jamor, seja para o uso lúdico ou profissional, de maior ou menor escala, nacional ou internacional, garantindo a diversidade da utilização do Centro Desportivo Nacional do Jamor.

Trabalho Individual

Na sequência do trabalho de grupo de reestruturação do Complexo Desportivo do Vale do Jamor, oportunidade única proporcionada pelo investimento dos Jogos Olímpicos, torna-se fundamental a integração do Estádio Nacional do Jamor, elemento fundador deste complexo, como estádio de atletismo do evento. Esta proposta despertou a minha atenção pela possibilidade de abordagem de temas que me interessam enquanto estudante de arquitetura, onde se destacam o estudo da arquitetura realizada durante o período do Estado Novo e a compressão da intromissão que este exerceu sobre a arquitetura, provocando abordagens tão diversas, das quais o Estádio é exemplo.

Todo o processo do Estádio Nacional do Jamor desde a promessa da sua construção, aos concursos, à construção são reveladores das hesitações do Estado perante a melhor abordagem arquitetónica a utilizar nas novas edificações, assim como por parte dos arquitetos. Este contexto de crise arquitetónica permite a entrada de novas abordagens, inclusive no caso do Estádio Nacional com o trabalho dos arquitetos Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, como a de uma arquitetura que dialoga com o lugar, princípio que a arquitetura moderna recupera. Este projeto, um dos pioneiros da disciplina da arquitetura paisagista em Portugal, despoletou uma abordagem de preocupação com o lugar, da relação com o exterior, como é visível em obras de grande valor arquitetónico e paisagístico: a Gulbenkian, diversos bairros de habitação: Encarnação, Restelo, Parque Serralves, EXPO 98, entre outros.

É neste sentido que o trabalho individual seguirá uma lógica que beneficie a comunidade onde se incluem atletas de alta competição, amadores, e por outro lado preserve a estrutura ecológica do Vale, o trabalho paisagista do projeto de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, valorizando a herança e as memórias do lugar.

Este espaço que começou por ser um dos símbolos do regime tornou-se um espaço para todos. No entanto, novos projetos ambicionados para o Vale começam a entrar em conflito com o que o Vale representa.

Nesse sentido a proposta que este trabalho desenvolve pretende dar uma outra visão sobre possibilidades de intervenção num espaço tão emblemático como este, valorizando os projetos de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner e o de Miguel Jacobetty Rosa.

O trabalho de grupo propõe desde logo resolver algumas destas questões com:

- a deslocalização da cidade do Futebol, recuperando a possibilidade de atravessamento através do Estádio, dando prioridade à possibilidade de circulação pedonal ou ciclável;

- a realocação do centro de alto rendimento de atletismo para potencializar a relação entre estas duas infraestruturas;

- e a deslocação do Centro Desportivo Nacional do Jamor (CDNJ) para a Quinta do Esteiro, libertando a sua ocupação nos balneários do Estádio Nacional.

O trabalho de grupo, a consulta de fontes bibliográficas e sobretudo as visitas ao local foram imprescindíveis para definir a abordagem individual. Um evento como os Jogos Olímpicos exige das infraestruturas desportivas uma capacidade que dificilmente será novamente necessária, nesse sentido algumas partes da intervenção são pensadas como elementos desmontáveis, ou que se convertem após o grande evento.

Assim a proposta individual propõe o aumento da capacidade de espectadores para a receção do evento olímpico, com uma estrutura temporária, além de algumas infraestruturas de apoio a este: instalações sanitárias, algumas de carácter temporário também, mantendo-se algumas para responder à carência verificada atualmente. Por outro lado, pretende-se através da reduzida capacidade dos balneários atuais, para receber o evento Olímpico (onde é guardado também grande parte do espólio do Estádio Nacional) tirar partido desta problemática para a construção de um novo edifício que funcionará como balneários durante os Jogos Olímpicos e após o evento converte-se no Centro Interpretativo e Arquivístico do Estádio Nacional, onde serão

guardados e expostos documentos relativos ao Estádio Nacional. O Centro Interpretativo e Arquivístico do Estádio Nacional será também fundamental para apoiar as constantes visitas de estudo, entre outras, realizadas por grupos ao local. O atual edifício dos balneários será recuperado e devolvida a traça original, conferindo-lhe a integridade uma vez que a sua função se mantém atual nas necessidades atuais. Será ainda relocado um pequeno auditório/sala de imprensa junto do novo centro interpretativo.

Introdução

Tema

A investigação teórica para Projeto Final de Arquitetura tem como título: *Das hesitações no Estado Novo à construção do Lugar: o Estádio Nacional do Jamor*. O tema relaciona-se com a importância da valorização do lugar através da implantação do objeto arquitetónico, no contexto do Estado Novo Português. O Estádio Nacional é exímio na sua localização e relação com a envolvente, integrando-se no terreno de forma semelhante à dos anfiteatros gregos. Esta obra, uma das pioneiras da profissão de arquiteto paisagista em Portugal, surpreende pela sua dimensão orgânica de transformação do território em conformidade com a envolvente, figuras 1 e 2.

Com a proposta de ampliação do Estádio Nacional surge o interesse pelo entendimento da relação da escolha da implantação deste, uma vez que anteriormente a implantação seria feita em pleno vale, com as denominações que surgem nas obras do arquiteto e crítico Pedro Vieira de Almeida de arquitetura “no Estado Novo”, em vez de arquitetura “do Estado Novo” e “arquitetura doce” em vez de “português suave”, com o objetivo de servir como ferramenta operativa para a intervenção prática.

O início do século XX em Portugal é caracterizado por uma série de alterações a nível político, económico e social que trazem consequências para a produção arquitetónica. Sendo assim será aí estabelecido o início do recorte temporal deste trabalho terminando na atualidade.

Objetivos

A compreensão dos vícios da historiografia, em relação à produção arquitetónica do período do Estado Novo, torna-se fundamental para a análise do edifício que se insere neste recorte temporal e comprovar que esta época tem sido excessivamente simplificada e que não se têm tido em consideração as variáveis como sugere Pedro Vieira de Almeida.²

Esta análise permitirá intervir com maior assertividade no projeto que se propõe em diálogo com a pré-existência, de modo a respeitar os seus valores intrínsecos, valorizando-os.

A este objetivo acresce: a compreensão da importância da escolha do local de implantação do Estádio Nacional como premissa essencial que desencadeia consequências positivas num pensamento integrado de manutenção do território, a compreensão da implicação da imagem na interpretação da envolvente paisagística e a importância do desenho na arquitetura moderna para a valorização da relação com o lugar. Ou seja, a compreensão de como o lugar, o desenho, a paisagem e a implantação foram fatores chave para a construção de uma imagem deste projeto Símbolo do regime.

Os objetivos desta investigação são fundamentais para todas as decisões de projeto, desde a temporalidade da intervenção, à escolha do material de ampliação das bancadas.

² ALMEIDA, Pedro Vieira [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 106. XXIV

Estado da Arte

A informação existente sobre o Estádio Nacional do Jamor e sobre a arquitetura produzida durante o Estado Novo pode-se encontrar em diversas obras.

Para o entendimento de todo o processo que contribui para erguer a obra do Estádio Nacional do Jamor destacam-se 3 obras.

O livro *Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)* (Figura 3), com coordenação editorial de Teresa Andresen, publicado em 2003, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Esta obra é relevante para o entendimento da importância do projeto do Estádio Nacional como símbolo da entrada da arquitetura paisagista em Portugal, através de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, com a qual a relação entre lugar e projeto arquitetónico é valorizada.

No livro *O Estádio Nacional – um paradigma da arquitectura do desporto e do lazer*, cuja coordenação editorial pertence também a Teresa Andresen, publicado em 2007, pela Câmara Municipal de Oeiras, destacam-se os textos: *O Estádio Nacional: a sua génese e a sua construção*, de Teresa Andresen, que interessa por explicar como surge a ideia desta obra, os seus concursos e construção, mas acima de tudo o envolvimento de Francisco Caldeira Cabral neste projeto; o texto de Ana Tostões, *A crítica do Lugar*, que interessa para compreender as decisões tomadas durante todo o processo de concursos e construção do estádio Nacional durante esta época em que a arquitetura passava por uma crise, onde os arquitetos hesitavam entre diferentes linguagens de “expressão modernista e internacional, como eclética-historicista e regionalista”³; e por fim o texto de Manuela Hausse, *A pedra e a água. O desporto e o estádio nacional no processo de re-significação do espaço e da natureza, no Estado Novo*, que interessa na medida em que explora a importância da localização e materialização do estádio como criação de um símbolo de poder, onde a água e a pedra desempenham um papel fundamental.

E a terceira obra *Jamor: o palco maior do desporto nacional*, publicado em 2014 (Figura 4), com coordenação geral de Diogo Guia, na qual interessam para o entendimento do processo e construção do Estádio os textos *O vale do Jamor*, de Teresa Andresen, onde é exposto o Vale do Jamor antes

3 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.44.

da construção do Estádio, e um pouco do processo dos concursos da obra até à sua construção, *De viagem ao Estádio Nacional*, de Júlio Cardoso para o entendimento da importância da política obras públicas, no caso da cidade de Lisboa, cujo objetivo maior é o desenvolvimento urbanístico da cidade como um todo, construindo uma série de infraestruturas para garantir o pensamento integrado da cidade com a envolvente. Processo este fundamental para entender a localização do Estádio Nacional. E o texto *Os espaços e a arquitectura do desporto | influências internacionais*, escrito por Anne Strooband, que contribui para a compreensão das influências internacionais nas várias propostas apresentadas ao longo dos concursos e até mesmo na proposta apresentada por Caldeira Cabral, uma vez que em Portugal até ao momento os recintos desportivos eram campos pelados, esta construção exigiria mais conhecimento do que o que os engenheiros e arquitetos portugueses tinham.

Nesta monografia encontram-se também dois textos que serão utilizados para o entendimento do edifício estudado como símbolo de um lugar de poder: *A arquitectura da identidade*, de André Cruz e *A inauguração do Stadium* de Carla Santos. E por fim três textos que ajudam na compreensão da atividade desenvolvida no recinto desde a sua inauguração à atualidade onde são expostos alguns dos problemas que recentes intervenções têm trazido ao Jamor, que ajudaram em várias opções de projeto: *O palco das festas nacionais do desporto*, de Carlos Guardado da Silva, *Outros desportos... outras práticas*, de Anne Strooband e *A História fala do Futuro* de Diogo Guia e Carlos Guardado da Silva.

Para compreender a influência do regime no panorama da arquitetura, construindo uma revisão historiográfica desta neste período selecionaram-se obras que se apoiam em 3 conceitos importantes para este trabalho “arquitetura no Estado Novo”, “Português Suave” e “Arquitetura Doce”.

No livro *Arquitetura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres* de Pedro Vieira de Almeida (Figura 5), publicado em 2002, é feita uma “teoria crítica da arquitectura”⁴ que interessa para este trabalho na medida em que esclarece através dos vários concursos realizados para o Monumento de Sagres, que se distribuem ao longo de 55 anos representando um importante corte longitudinal na história da arquitectura portuguesa, o problema denominado “estilo oficial (...) assim como eventuais vínculos de adesão ou rejeição ideológica e formal, na ambígua relação de conflitu-

4 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p.106. XXVI

dade diversamente assumida pelos representantes da nossa vida artística.”⁵

Neste livro são referenciados vários momentos que comprovam a preocupação formal e as hesitação dos arquitetos na escolha do modelo a seguir. Hesitação que o Estado não esclarecia como comprovam os documentos *Representação 35*, a revista Panorama onde se publicavam obras tanto de cariz mais modernista, como mais tradicionalista, entre outros.

O volume 14 da monografia geral *História da Arte em Portugal: Arquitectura Moderna*, publicado em 1993, da autoria de Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e Maria Helena da Maia. A obra faz a caracterização da sociedade e da arquitetura desde o momento em que o Movimento Moderno entrou em Portugal, 1900, através dos momentos ou das figuras mais importantes. Esta obra interessa pelo olhar crítico que tem sobre os vícios da historiografia da arquitetura, criticando autores que escrevem sobre este período e têm-no assumido o Estado Novo “como uma entidade homogénea, blocada, coerente, que teria organizado a vida económica, social e cultural portuguesa a partir de pressupostos ideológicos decidida e firmemente assumidos.”⁶

O autor considera que desta forma se tem simplificado excessivamente a arquitetura da época e não se tem tido em conta as variáveis.⁷ Apesar de alguns autores considerarem a existência de uma evolução das características deste regime composto por uma sucessão de etapas, o pensamento revela-se insuficiente para os autores pois “não há só sucessivos salazarismos no salazarismo, mas há simultâneos salazarismos no salazarismo.”⁸

Na dissertação de Mestrado de Maria Margarida Ucha “*Português Suave*” e “*Arquitectura Doce*”: *contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa*, publicada em 2015, no ISCTE-IUL, é feita a relação entre dois conceitos, “Português Suave” e “Arquitectura Doce”, analisando textos de José Manuel Fernandes e Pedro Vieira de Almeida. Terminologias que interessam para este trabalho e são aplicadas à arquitetura desenvolvida durante o Estado Novo, que são reveladores do espaço que existia na arquitetura para o desenvolvimento de várias correntes resultantes das dúvidas dos arquitetos sobre o melhor rumo que a arquitetura deveria seguir.

5 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p.106.

6 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] - **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 106.

7 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 106.

8 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 106.

Chegamos assim por fim à tese deste projeto: a importância da preservação da imagem do lugar e a sua valorização.

A dissertação de Mestrado de Luís André Cruz intitulada *O Estádio Nacional e os Novos Paradigmas do Culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época*, publicada em 2005, na Universidade Lusíada de Lisboa, é importante pela interpretação aqui feita sobre os “novos paradigmas do culto (...) através da análise da cultura material como reflexo da cultura de época.”⁹ Este entendimento é feito, principalmente, através dos edifícios desenvolvidos pelo arquiteto Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970) analisando as escolhas, do arquiteto, para desenhar os espaços onde utiliza um leque de convicções civilizacionais que contêm ideias e crenças, que podem ser traduzidas em distintas simbologias, formas de discurso ou ícones. Os arquitetos utilizam-nas nos seus trabalhos em qualquer contexto promovendo um discurso figurativo. O projeto do Estádio Nacional do Jamor, onde o arquiteto também intervém, é utilizado como fim para interpretar o “conjunto das imagens do discurso figurativo”.¹⁰

Na tese de doutoramento intitulada *El magnetismo del lugar en la arquitectura: un análisis a través del dibujo de las diferentes estrategias de intervención en el paisaje a partir de la arquitectura del Movimiento Moderno*, realizada no ano de 2006, na Faculdade de Belas Artes (BBAA) da Universidade de Barcelona, por Carmen Escoda Pastor, é proposta, através da análise dos esboços e desenhos de alguns arquitetos modernistas, a interpretação e análise da importância do lugar como marco temporal, cujas referências se encontram na “topografía, las trazas, la orientación, los hitos, el carácter del lugar, explorando al máximo las directrices y fuerzas muchas veces ocultas en él”¹¹, ou seja, são reveladas as suas preocupações na adaptação do projeto ao lugar como um fator chave de valorização do projeto. Este trabalho contribui assim para uma análise crítica dos desenhos do projeto do Estádio Nacional e serve como ferramenta para desenhar a proposta indo ao encontro das diretrizes de desenho que aqui são enunciadas.

9 CRUZ, Luís André S. F. – **O Estádio Nacional e os Novos Paradigmas do Culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época**. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p. XIV.

10 CRUZ, Luís André S. F. – **O Estádio Nacional e os Novos Paradigmas do Culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época**. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p. 2.

11 PASTOR, Carmen Escoda – **El magnetismo del lugar en la arquitectura: un análisis a través del dibujo de las diferentes estrategias de intervención en el paisaje a partir de la arquitectura del Movimiento Moderno**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2006. Tese de Doutoramento. p. 3.
XXVIII

Metodologia

A metodologia adotada para a realização da vertente teórica de projeto foi sustentada pela recolha e análise de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias foram recolhidas junto do Arquivo Municipal de Lisboa, do Arquivo Municipal de Oeiras, do Arquivo do CDNJ e no espólio do arquiteto Caldeira Cabral que se encontra no Arquivo DGPC. Os elementos encontrados foram, posteriormente, analisados e confrontados entre si. A consulta destas fontes revela-se fundamental pelo contacto direto com as informações sobre as várias temáticas abordadas, evitando partir de análises feitas em outros trabalhos e podendo tirar conclusões próprias. A constituição das fontes secundárias é sobretudo formada por trabalhos académicos nacionais e internacionais, como dissertações e teses de mestrado ou doutoramento, monografias e livros. Elementos que permitiram não só encontrar fontes primárias e outras referências como contribuíram para a construção e estruturação do ensaio teórico espelhado no projeto. Todos os elementos foram analisados e relacionados entre si criticamente, obtendo diversas perspetivas sobre a produção arquitetónica durante parte do regime ditatorial em Portugal.

O acordo ortográfico adotado para o trabalho é o que se encontra em vigor. E norma NP405 é utilizada para a realização da referência bibliográfica.

Estrutura do Ensaio

O ensaio será desenvolvido em 4 capítulos. No primeiro capítulo será feita uma pequena introdução sobre os antecedentes de inquietação cultural que precederam a instauração do Estado Novo, simultaneamente será explicada a importância da arquitetura para a afirmação do Poder do novo regime, sendo o Estádio Nacional a obra símbolo deste desejo. Esta pequena introdução dará sequência para o segundo capítulo onde se procura entender que intromissão o Estado Novo tinha na produção arquitetónica neste período, construindo uma revisão da historiografia do período, através dos conceitos de “Português Suave” e “Arquitetura Doce” e do documento *Representação* 35. O segundo capítulo do trabalho dará o mote para o terceiro onde se expõe a importância da valorização da implantação e do percurso para o concurso do Estádio Nacional relacionando com o desejo de sublimidade inerente a projetos desta dimensão de um regime autoritário. Por fim o quarto capítulo

apresenta a memória descritiva da proposta de intervenção no estádio, tomando em consideração a valorização do lugar como ferramenta operativa de conceção espacial.

Contributos

O ensaio teórico contribuirá para futuros trabalhos dentro da temática que pretendam compreender a importância da implantação na criação de uma imagem em edifícios construídos no Estado Novo e a renovação dos vícios da historiografia através de um olhar mais atento perante as variantes que a arquitetura do período apresenta, pensando a arquitetura como um projeto e não como um objeto.



Figura 1 – “Panorâmica do Vale do Jamor. Verificam-se as primeiras intervenções *no terreno*” [1900- 1940]. ANDRESEN, Teresa – O vale do Jamor. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 70-71.



Figura 2 – Estádio Nacional – vista aérea. 1998. Arquivo Municipal de Oeiras.

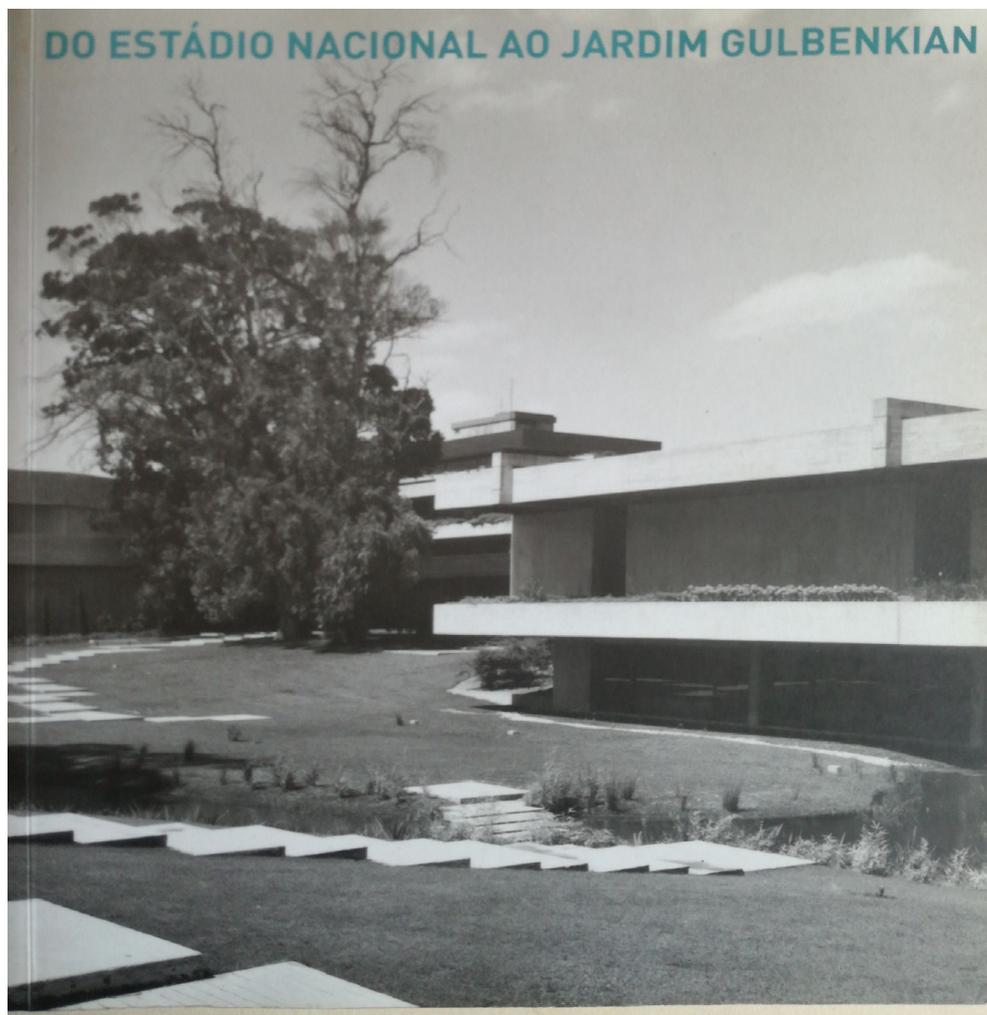


Figura 3 – ANDRESEN, Teresa, ed. lit – *Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian*.



Figura 4 – GUIA, Diogo – **Jamor: o palco do desporto Nacional.**

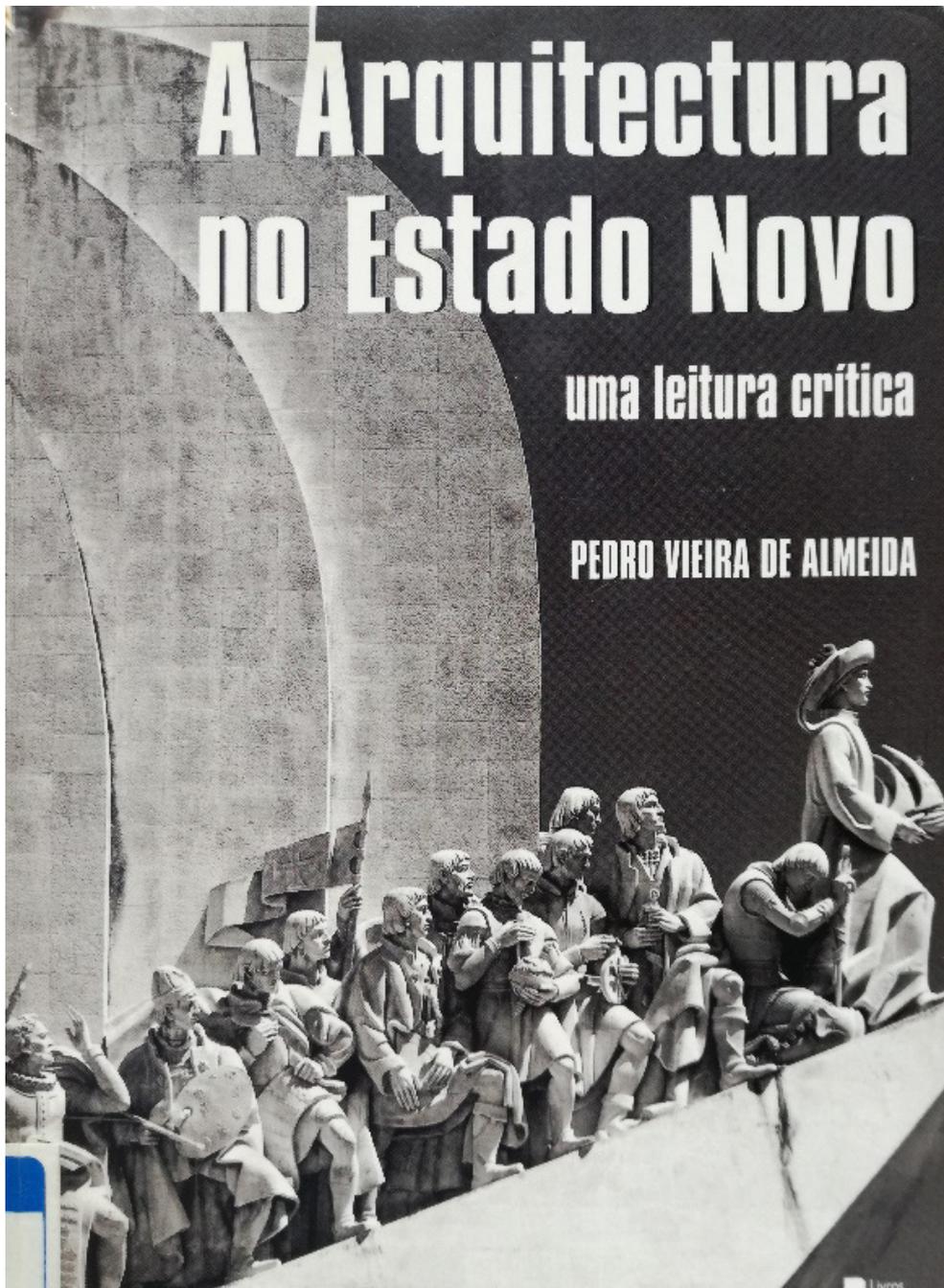


Figura 5 – Almeida, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os Concursos de Sagres*. 2002.

I – Imagem do Estádio Nacional como rosto da Nação

Antecedentes: inquietação cultural

A construção do Estádio Nacional está inserida no período do Estado Novo interessando assim compreender os antecedentes que proporcionaram a realização desta obra.

Após as grandes obras de Marquês de Pombal e até aos finais do século XIX a arquitetura em Portugal entrou em decadência, o exercício transformou-se, sobretudo, na resposta a “modas estilísticas superficiais ou subsidiárias da «construção».”¹²

Na capital portuguesa verifica-se uma alteração perceptível do pensamento a nível económico, cultural, profissional, social e técnico, nos finais do século XIX inícios do século XX, conduzindo os autores Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes e Maria Helena da Maia a considerar que a arquitetura moderna surge neste momento no contexto português.

Contudo, o período é caracterizado pela modesta industrialização, pressão económica e pela deslocação para os centros urbanos das pessoas que viviam no campo. A agricultura deixa de constituir uma força de fixação da população. Lisboa e Porto são os locais que mais sofrem com a migração da população, entre 1900 e 1930 a população de Lisboa quase duplica. A massa de trabalhadores, que se deslocava para as cidades portuguesas mais industrializadas vivia em condições desumanas em novas tipologias que surgem: vilas operárias, pátios e ilhas.¹³

Este período de industrialização foi acompanhado do que se chama «expansão burguesa», que é a extensão das cidades de Lisboa e do Porto para os planaltos através de novas construções para esta classe social.¹⁴

As novas construções em Lisboa são, ainda assim, poucas, concentrando-se em grandes projetos e concursos. Constrói-se sobretudo para as classes mais altas como é possível perceber através da construção do prolongamento da Avenida de Liberdade (figura 6), da Avenida da República e Avenida Fontes Pereira de Melo. Ressano Garcia é muitas vezes requisitado para o embeleza-

12 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 153.

13 ALMEIDA, Pedro Vieira [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 37.

14 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 153.

mento da capital portuguesa, preferindo-se o seu trabalho ao de um arquiteto.

A “concepção «arquitectónica» da cidade”¹⁵ utilizada na cidade iluminista em que Carlos Mardel coordenava uma série de funções tinha desaparecido. Agora as várias funções são divididas para poder responder às ambições da sociedade liberal onde o arquiteto só é chamado para “ilustrar um programa individual (a moradia de prestígio) ou um tipo de edificação já padronizado.” O arquiteto perde o seu papel de conciliador de várias disciplinas, ocupando apenas alguns momentos do processo, e assim se mantém até o Estado ser o “grande promotor (...) de bocados de cidade, para habitação «social», ou de edifícios singulares de interesse colectivo.”¹⁶

Em 1901, a substituição da Associação dos Arquitetos Civis pela Sociedade dos Arquitetos Portugueses foi sinónimo de uma consciência profissional diferente onde se procura a afirmação da profissão, reivindicando a arquitetura feita por arquitetos ou por profissionais com estudos correspondentes.¹⁷ No ensino da arquitetura ainda não se questionava o ensino das Belas-Artes, que segundo Nuno Portas era caracterizado pela sua falta de abertura com as inovações “mas sólido nas bases estilísticas e na padronização dos edifícios, codificada nos tratados mas apenas se constatava um vazio disciplinar que tinha perdido o conhecimento rigoroso das escolas pombalinas da Academia Militar e da aula de Arquitetura Civil de Maia, Mardel ou Eugénio dos Santos.”¹⁸

A pequena mudança cultural que se ia fazendo na filosofia, nas artes e na literatura, não se verifica na concepção espacial, os novos materiais industrializados e novas técnicas utilizadas são insuficientes para a rutura com a linguagem do passado.¹⁹

Na arquitetura e urbanismo a falta de investimento em teoria, como considera Nuno Portas, resulta na “crónica de costumes ou de gosto”²⁰

15 PORTAS, Nuno – A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 159.

16 PORTAS, Nuno – A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 160.

17 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 11.

18 PORTAS, Nuno – A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 155.

19 PORTAS, Nuno – A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 154.

20 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura**

as «décadas obscuras». Os primeiros sinais de “decadência moral e espiritual de toda a nação”²¹ surgem através dos primeiros homens do romantismo, influenciados também pelos acontecimentos internacionais de estruturação de identidade nacional, que procuram salvaguardar os “valores de memória estruturadores de uma identidade e dignidade nacionais.”²²

Algum progresso económico que se verifica “não foi acompanhado de idêntico desenvolvimento social e moral, por isso sendo asperamente estigmatizado pelos melhores espíritos da época, que simultaneamente, procuravam promover um reencontro de Portugal consigo mesmo, preocupação em que se inserem também as tentativas, ainda que pouco esclarecidas, da instauração de uma arquitectura de carácter nacional.”²³

O contexto de inquietação na valorização e salvaguarda de memórias de identidade nacional traz consequências políticas e culturais. Esta preocupação passa a não atingir apenas as camadas intelectuais e começa a surgir noutras camadas da população a necessidade de mudanças políticas.²⁴

O despertar político do proletariado surge como resposta às condições de insalubridade onde se propagavam rapidamente as doenças e irá constituir-se protagonista do início de século onde o conflito entre esta classe e os vários estratos da burguesia. Este conflito agrava-se até ao Estado Novo. Quando este entra em vigor, apoiado pela burguesia, consegue conter as reivindicações através de repressão.²⁵

moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 164.

21 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 43.

22 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 43.

23 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 35.

24 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 35.

25 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 10.

“Efémero Modernismo”

Depois das «décadas obscuras», nos anos 20 há uma pequena recuperação económica e um grupo de arquitetos, com uma linguagem comum rompe com o que se vinha a construir até então. Nuno Portas recorda-nos alguns desses projetos: “o cinema Capitólio (figura 7) (26-29) revela Cristino da Silva, a garagem do Comércio do Porto (figura 8) (28 a 30) Rogério de Azevedo: o Pavilhão de Rádio do Instituto Oncologia (figura 9) (30) confirma Carlos Ramos; o projecto do cinema Éden (figura 10) (30) destaca Cassiano Branco; logo os novos liceus de Beja (figura 11), Lisboa (figura 12), Coimbra, consolidam Cristino, Ramos, Segurado (30); os novos edifícios dos CTT (figura 13, 14 e 15) Adelino Nunes. Pardal Monteiro inicia o projecto do I.S. Técnico (figura 16) (27)”²⁶, entre outros.

No entanto, na altura, esta nova prática não era acompanhada de um fundamento teórico e não é inserida no ensino. Não se publicavam livros de teoria, nem mesmo artigos ou panfletos, distanciando-se do que ia acontecendo internacionalmente. O *Esprit Nouveau*, surge em Portugal sobretudo através das viagens que os arquitetos ia fazendo ao estrangeiro onde tinham oportunidade de visitar obras contemporâneas e acompanhar o que se ia fazendo lá fora.²⁷ Mas os arquitetos portugueses continuam a trabalhar na renovação linguística ou formal e a aplicar em simultâneo “uma expressão modernista e internacional, como eclética-historicista e regionalista”.²⁸

Para Ana Tostões os primeiros 10 anos do regime foram marcados pela tentativa de renovar a linguagem da arquitetura através do modelo internacional, utilizando a denominação de Nuno Portas para caracterizar o período como «efémero modernismo».²⁹

Retomando novamente os exemplos dados por Nuno Portas que criaram uma rutura na arquitetura que se fazia até então, estas obras revelam um novo gosto que surgia por uma linguagem mais depurada. O funcionalismo

26 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 173.

27 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 174.

28 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 43.

29 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 43.

destes edifícios rompe com a linguagem figurativa e provoca reações negativas onde se incluem por exemplo críticas aos novos elementos mais chocantes: os terraços que vinham substituir as coberturas inclinadas, os grandes planos de vidro, as volumetrias puras entre outras características. Assim, segundo Nuno Portas os “conservadores mais ou menos influentes no aparelho do Estado, começam a ter na sua mira impedir a progressão de tais jovens, denunciando a sua escolha nas encomendas do Estado ou dificultando as aprovações oficiais que as obras particulares também exigem”³⁰, e à medida que novas obras vão sendo construídas vai gerando um movimento reativo.

Esta nova arquitetura, segundo Portas, é resultado da convocação dos arquitetos pelo aparelho do Estado para participarem na «restauração cultural» para fazer renascer as «virtudes da raça» que estavam em ruína, assim muitos destes arquitetos convocados são beneficiados pela proteção de Duarte Pacheco lhes permite algumas “clareiras de liberdade.”³¹

Mas esta nova corrente durará pouco tempo e voltam a surgir obras que recuperam a tradição. As preocupações de Duarte Pacheco centram-se depois dos anos 30 na grande Exposição dos Centenários - a Exposição do Mundo Português (figura 17) - que tinha um papel ideológico fundamental e de propaganda nacionalista, sendo a arquitetura uma das vias para o conseguir.

Imagem de Poder - Estádio Nacional como rosto da Nação

Neste clima de instabilidade nacional, com a implantação da ditadura militar, a 28 de maio de 1926, seguido da entrada em vigor da nova Constituição em 1933 – que oficializa o Estado Novo, Salazar sobe ao poder em 1928, primeiro como Ministro das Finanças e em 1932 como Presidente do Conselho de Ministros consegue o apoio de “largos sectores da população portuguesa”.³²

O 28 de Maio é aceite pela burguesia com interesse na medida em que esta via alguns dos seus interesses incluídos, tais como a repressão do operário. No entanto, o Estado de forma ambígua ou até mesmo contraditória, não

30 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 176-177.

31 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 177.

32 PEREIRA, Jorge Paulino – O Estádio Nacional: projecto e construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 65.

consegue fazer o seu papel de mediador perante estes interesses, levando a “que cada sector procure fazer assumir pelo Estado o seu próprio programa.”³³

Inicia-se uma disputa pelo poder entre vários sectores. Entre 1926 e 1930 o regime é caracterizado por diversas dúvidas entre os que pretendiam uma nova ordem política caracterizada por um Estado absolutista ou pela reestruturação da República.

O Estado e a Igreja convergem num plano nacionalista de mitificação de personalidades e acontecimentos em vários sectores, procurando uma alternativa à cultura das massas.³⁴ Através da exaltação “de uma nação moldada historicamente pelo império e pelo catolicismo”³⁵ difundida através de um programa de propaganda nacional. O Estado tirava partido de “uma série de associações históricas, em que os momentos de glória nacional eram evocados e integrados na construção governamental, em que o ditador, Oliveira Salazar, tinha o lugar central.”³⁶

Em Portugal, durante os anos 30 e 40, tal como outros países europeus sob regimes autoritários fizeram, apostou-se numa política de obras públicas. A arquitetura e arte desempenham um papel fundamental para a ascensão dos regimes autoritários.

O interesse pelo que se fazia internacionalmente permite a uma série de técnicos, arquitetos e engenheiros viajar até ao local para se visitarem obras emblemáticas. As obras italianas influenciaram significativamente a obra em Portugal principalmente em arquitetos como: Cristino da Silva, Cottinelli Telmo, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Pardal Monteiro, Keil do Amaral, Miguel Jacobetty Rosa. Contudo, com a ascensão de Hitler ao poder, através do Partido Nacional – Socialista dos Trabalhadores Alemães surgem em Portugal duas correntes de pensamento: os pró-fascistas e os pró-nazis. Mas as influências alemãs acabaram por tornar-se as melhores aceites, no domínio técnico “por imporem uma tecnologia mais consciente e actualizada”. Este fator determinou assim viagens de muitos técnicos portugueses à Alemanha para estudar o progresso e as inovações.³⁷

33 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 108.

34 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 108.

35 CRUZ, André -A arquitectura da identidade. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 167.

36 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 20.

37 PEREIRA, Jorge Paulino – O Estádio Nacional: projecto e construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 66.

Na Alemanha Nazi a arquitetura foi instrumentalizada por Hitler como “projecto de renascimento cultural e espiritual, numa Alemanha que se encontrava fragilizada pela Grande Guerra. Como tal, a arquitetura “reconstrutiva” foi integrante dos planos do Partido Nazi, para criar “Welthauptstadt Germania” (a “capital do Mundo”), nome dado por Hitler à renovação urbana e arquitectónica prevista para Berlim como o futuro monumental da capital do *III Reich*.” Na Alemanha, ao contrário do que aconteceu em Itália, verifica-se uma oposição ao Movimento Moderno da arquitetura, por esta ser vista como “estrangeira” e não estar enraizada nas tradições culturais e artísticas do país, e “carente de recursos retóricos capazes de transmitir mensagens às massas”. Assim os projetos desenvolvidos pelo regime nazi resultavam da combinação de “linhas modernas e minimalistas com tradicionalismo neo-clássico, desprovido de ornamentos. Assim, o seu formalismo clássico, como característica, pelos seus valores evocativos de triunfo imperial do passado, associado a uma monumentalidade exuberante de linhas simples, fizeram a imagem do regime nazi.”³⁸ O partido nazi recorreu sobretudo a dois arquitetos: Paul Ludwig Trost (1878-1934) e Albert Speer (1905-1981), a este último coube o plano de *Reichsparteitagalände*, em Nuremberg, onde se incluía a construção do maior estádio do mundo, dentro de um complexo monumental composto por diversos edifícios como um estádio dedicado exclusivamente aos discursos de Hitler, salas para os congressos do partido entre outros. Neste complexo há que destacar ainda a instalação com centenas de holofotes, em redor do estádio, que projeta faixas de luz sobre o céu, um cenário impressionante. É assim divulgada pelo mundo a imagem de poder de Hitler. A propaganda foi utilizada intensamente pelo regime Nazi e Fascista não só como forma de culto do líder, mas também para divulgar as duas ideologias, servindo como instrumento repressivo sobre a comunidade. Speer baseando-se em modelos da antiguidade clássica, utilizando uma escala monumental em diversos edifícios públicos e em projetos urbanísticos. Estas obras eram caracterizadas por: “comprimentos e áreas desumanas, normalmente revestido de pedra calcária e rigorosamente simétricos, com a presença de colunas e janelas altíssimas, que intimidavam o observador”.³⁹

O Estado Novo influenciado pelos regimes italiano e alemão cria, em 1933, o *Secretariado da Propaganda Nacional* – SPN, organismo chefiado por António Ferro que procurava privilegiar a *Política do Espírito*, seguindo o modelo culturalista. O Secretariado da Propaganda Nacional é criado para “modelar um “homem novo”, que assumisse os valores do novo regime – o Estado Novo: Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho.”⁴⁰

38 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 10-11.

39 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 10.

40 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 21.

A propaganda ideológica do Estado incluía elementos para todos os estratos sociais, onde alguns invocações eram constantes: a presença da religião e o nacionalismo- servindo estes também como ensinamentos para o povo, controlando a opinião deste.

António Ferro foi nomeado para diretor da propaganda nacional, neste cargo dispunha do controlo de toda a imprensa, censurando os opositores do Estado. Todos os meios de expressão artística que possam de alguma forma comunicar com o povo eram supervisionados pelo S.P.N. Pela importância que os meios de expressão artística, música, cinema, teatro, arquitetura, entre outros, desempenham dentro da propaganda, a construção dos edifícios era idealizada como cenário para a propaganda e assim a sua divulgação glorificava a sua imagem e ideologia diante do país.

Diversos acontecimentos demonstram a importância que a propaganda desempenhava, como por exemplo, a publicação do álbum *Portugal 1934* onde se deu grande importância às imagens, publicando-se mais de um centena de fotografias, inclusive fotografias de arquitetura, e exposições, as recuperações feitas em inúmeros monumentos pelo país que muitas vezes alteravam os mesmos, a que se soma a permissão para desafogar e embelezar o enquadramento urbanístico destes contribuindo para a construção de uma imagem. As obras públicas eram divulgadas pelos concursos lançados em jornais, pelas exposições nacionais, panfletos, revistas, como por exemplo a revista Panorama, entre outros meios, instrumentalizando a arquitetura. Interessa ainda referir que a revista Panorama supervisionada por António Ferro publica projetos tendo de índole modernista como tradicionalista, permitindo “diversas formulações sintáticas.”⁴¹

A ideia da construção do Estádio Nacional surge durante o Estado Novo quando vários clubes desportivos após um congresso realizado a 3 de dezembro de 1933, manifestam a necessidade de um complexo apropriado à prática desportiva.⁴² Perante uma multidão de desportistas António Oliveira Salazar afirma “Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio.”⁴³ (figura 18) Este regime político autoritário “via a prática desportiva como actividade disciplinadora e educadora, que contribuía para o fortalecimento físico e psíquico da «raça» humana”⁴⁴

41 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 73.

42 HASSE, Manuela – A pedra e a água. O desporto nacional no processo de re-significação do espaço e da natureza, no Estado Novo. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 92.

43 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 7.

44 GUIA, Diogo, SILVA, Carlos Guardado – A História do Futuro. In GUIA, Diogo, ed. lit. –

(figura 19, 20 e 21) e enaltecimento da nação, tal como acontecia noutros países governados por governos totalitários: “A instrumentalização da arquitetura como estética totalitária, foi praticada por todos os regimes autoritários. A monumentalidade, como característica comum foi trabalhada de diversas formas, de modo a impor a grandeza do regime, ao mesmo tempo pela grandiosidade e pela opressão representada pela escala desumana. As estruturas arquitectónicas, que manifestavam o cenário autoritário e mantinham o respeito e admiração, como também estabeleciam a diferença hierárquica que afastava o povo do poder.”⁴⁵

Os estádios são assim projetos desejáveis para os regimes autoritários, não só pela sua monumentalidade, como pela importância simbólica do lugar de concentração de milhares de espectadores e de exposições de poder, em que os ditadores tiravam partido do interesse popular pelo futebol para benefício do seu regime.

O Estádio Nacional do Jamor além do propósito desportivo servia como elemento de propaganda do regime perante a nação “A sua construção integrava-se num plano de fomento de obras públicas, de representação política do regime, mas foi também um impulso para o desenvolvimento desportivo nacional.”⁴⁶ Foi divulgado através das diversas exposições, concursos, publicações e congressos que se fizeram. Destacamos algumas publicações importantes do Estádio Nacional em diversas revistas e suportes, ao longo de vários anos: o artigo sobre o Estádio na Revista *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº7, 1942, figuras 22, 23 e 24, esta revista era editada pelo Secretariado de Propaganda Nacional, destacamos neste artigo na 2ª página “A promessa cumpriu-se. O estádio Nacional, é hoje, a bela, sólida e imponente realidade que estas fotografias documentam”⁴⁷, artigo este publicado antes da inauguração do Estádio e que descreve o percurso de chegada até este, assim como a celebração que se aproxima, a sua inauguração; a publicação n.º 161 do semanário *Vida Mundial Ilustrada*, de 15 de Junho de 1944, cuja capa é uma fotografia da inauguração do Estádio, figura 25, que tinha acabado de inaugurar no dia 10 de Junho, a reportagem interior ocupa duas páginas repletas de imagens centradas nos atletas em formação e desfile da Mocidade Portuguesa e da F.N.A.T., na tribuna e na bandeira Nacional, figura 26; o folheto de comemoração de 15 anos de obras públicas dedicado exclusivamente ao Estádio Nacional (1932- 1947), o panfleto destaca esta

O Jamor: O palco maior do desporto Nacional. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 343.

45 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 15.

46 GUIA, Diogo, et.al. – A história fala do Futuro. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional.** Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 344.

47 AUGUSTO, José – Estádio Nacional. In **Panorama.** Lisboa, vol.2, nº7, (1942). p. 4.

obra pública concretizada pelo Estado, figuras 27 e 28; o 1º volume do *Livro de Ouro*, figura 29, publicado a propósito da celebração também da celebração dos 15 anos de obras públicas dedica 7 páginas ao edifício, figuras 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36, no pequeno texto são desenvolvidos os passos que a grande construção implicou, a capacidade da utilização atual e da futura e os custos, destacamos uma pequena frase: “De linhas sóbrias, que o tornam diferente do vulgar, construído com materiais da região”⁴⁸, discurso que em parte difere do que se escrevia no artigo do semanário *Vida Mundial Ilustrada* “A tribuna, nas suas linhas severas, sobreleva-se a toda a multidão. É qualquer coisa de austero e de maciço que nos lembra a própria realidade”⁴⁹; e por fim um desdobrável, de 1950, do concelho de Oeiras, cuja imagem da capa é uma vista aérea do Estádio Nacional, figura 37. Estas publicações distribuídas ao longo de vários anos podem comprovar como esta obra faz parte de um leque de obras que o Salazarismo pretendia que servissem como “símbolo de uma regeneração política e financeira que o Estado Novo ostentava.”⁵⁰

O local eleito para a sua construção, às “portas da capital do Império”⁵¹, apresentava diversas vantagens: a integração no plano de expansão da cidade para poente (figura 38), através da construção de várias infraestruturas. A expansão urbana, para oeste, faz parte de diversos projetos de Duarte Pacheco para reformas urbanísticas influenciadas pela “sólida fundamentação ideológica que tinha as suas raízes na sociologia francesa de Frédéric Le Play (1806-1882).”⁵² Resultando este interesse no Plano da Costa do Sol elaborado por Alfred Agache, após o convite de Duarte Pacheco a Agache para a elaboração de um estudo. Exemplar na ambição de planeamento integrado e de vontade de progresso no país que inclui a Autoestrada (figura 39), importada da Alemanha, o Viaduto Duarte Pacheco (figura 40), que dignificou a engenharia portuguesa e a estrada Marginal da Costa do Sol (figura 41); a utilização da rede de transportes coletivos existentes, mas melhorados, com o comboio (figura 42) e o elétrico e a possibilidade de criação de um parque articulado com o Parque

48 **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948]. p. 85.

49 **Vida Mundial Ilustrada: semanário gráfico de actualidades**. Lisboa, nº161, (15 Jun. 1944). p. 16.

50 SERRANO, Ricardo – O desporto no Estado Novo – 1933 - 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 52.

51 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 7.

52 ANDRÉ, Paula – **Arquitectura Moderna e Portuguesa: Lisboa 1938 – 1948**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010. p.219

florestal de Monsanto.⁵³

A zona escolhida era ocupada por diversas quintas de veraneio (figura 43), das quais ainda restam hoje alguns vestígios (Quinta da Graça, Quinta do Balteiro), que beneficiavam da bacia do rio Jamor para cultivar e da proximidade com o rio Tejo.⁵⁴ Um pequeno excerto de Almeida Garrett, na sua obra *Romanceiro*, descreve precisamente o que se pode observar em alguma da cartografia existente ou das fotografias anteriores à construção do Estádio:

“parei extasiado no meio da ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigavam em redor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até aos altos onde velem centenaes moinhos... E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos.”⁵⁵ (figura 44)

Esta localização pode também estar associada a uma estética desejada pela forma como se distancia do resto da cidade “tendo uma forma que deliberadamente não se encaixa no contexto urbano”⁵⁶ apresentando-se como obra singular.

A construção do Estádio Nacional do Jamor (figura 45) é uma “apoteótica manifestação do regime em pleno curso da II Guerra Mundial.”⁵⁷ Foi inaugurado no dia 10 de Junho de 1944 (figuras 46 e 47), dia este particularmente simbólico por ser o dia da raça e de Camões.

A sua inauguração terá sido o momento que teve mais repercussões sociais contando com a presença de cerca de 60 000 pessoas, simbolizando a “potência celebrativa do Estado Novo (...) da

53 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 42.

54 ANDRESEN, Teresa – O vale do Jamor. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 64

55 Cit por ANDRESEN, Teresa – O vale do Jamor. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 66.

56 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 15.

57 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 9.

parada exibidora da nova ordem na sua imagem mais colectiva”⁵⁸ (figuras 48, 49, 50, 51 e 52). O Estado utiliza a celebração pública da arquitetura instrumentalizando-a para promover assim a sua ideologia. A arquitetura constituía também uma forma de construir uma imagem do poder (figura 53), nesse sentido a inauguração do Estádio estava prevista para o ano de 1940, data comemorativa dos 800 anos da nacionalidade e 300 da independência.

No entanto, como vários autores referem a escala desenvolvida na arquitetura no Estado Novo em Portugal é menor. Teresa Caldeirão na sua tese de Mestrado diz: “apesar da realização da Exposição da “Moderna Architectura Alemã, em 1941, em Lisboa ter contado com a presença do próprio Speer, não foram as escalas monumentais, com influências passadas de Schinkel de apelo às massas que tiveram maior influência na arquitetura desenvolvida em Portugal, apesar de numa escala menor estarem presentes.”⁵⁹

Para Pedro Vieira de Almeida, o desejo de Oliveira de Salazar seria alcançar a sublimidade “a monumentalidade deveria funcionar “persuasiva”, dentro de um algo pragmático e imediatista quadro de decidida consciência nacional, a sublimidade deveria funcionar num registo mediato, mais emotivo que directamente operante, deveria conduzir ao “êxtase”.”⁶⁰

No entanto, para este autor o Poder no Estado Novo “não se apresenta coerente, nem estruturado ideologicamente”⁶¹, diferente em relação a Hitler que tinha os seus arquitetos a apoiá-lo, optando por esperar que algum arquiteto viesse a definir uma linha condutora definida para os arquitetos. Não quer isto dizer que Salazar não pretendesse a “criação de uma arquitectura correspondente ao esquema, ou aos esquemas ideológicos que estruturavam o poder”⁶², mas não havia no Estado uma figura que soubesse defini-la. Sem a criação de uma retórica como poderia a arquitetura atingir uma “retórica monumental” com “uma espécie de sublime arrebatamento, acional, frio”⁶³

58 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 42.

59 CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. p. 15.

60 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 19.

61 ROSMANINHO, Nuno – **O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. p. 95.

62 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 40.

63 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 45.



Figura 6 – “Étude de la continuation de l’Avenue de la Liberté”. 1927. Col. Estúdio Mário Novais | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo – (CFT003.102325)



Figura 7 – “Cinema Capitólio [c.1960]”. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 8 – Garagem do Comércio – Porto. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2010/12/garagem-o-comercio-do-porto.html>>.



Figura 9 – Pavilhão de Rádio do Instituto Oncologia. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: < <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/instituto-portugues-de-oncologia.html>>.



Figura 10- “Cinema Éden”. 1937. In Arquivo Municipal de Lisboa.



Figura 11 – “Escola Secundária Diogo de Gouveia (Beja) – entrada principal” – Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** [Em linha] [Consult. 09. 07. 2020]. Disponível em: WWW: URL: < <https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/biblioteca-de-arte-em-casa/fotografias-com-historia/escolas/> >.



Figura 12 – Escola Secundária D. Filipa de Lencastre- Lisboa. Col. Estúdio Mário Novais | **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF003.15886)



Figura 13 - “Estação dos CTT em Beja, inaugurada em 1943”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.



Figura 14 - “Estação dos CTT em Figueira da Foz, inaugurada em 1943”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.



Figura 15 – “Estação dos CTT em Leiria, inaugurada em 1946”. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/05/o-correio-em-portugal-10.html>>.



Figura 16 – “Fotografia aérea do Instituto Superior Técnico em construção” [c. 1934. Fotografia de José Pedro Pinheiro Corrêa. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 17- “Vista geral da Exposição do Mundo Português. Ao centro, a Praça do Império. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. 1940. FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos (CTF164.163258).



Figura 18 - “António Oliveira Salazar a ler o discurso em que prometia a construção o Estádio Nacional”. [1933]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 35.



Figura 19 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 26.



Figura 20 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 28.



Figura 21 - “Aspecto das demonstrações de ginástica na inauguração do Estádio Nacional”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 27.



ESTÁDIO NACIONAL

por

José Augusto

O caminho, mal empedrado, seguia entre muros de pedra solta e piteiras monstruosas. Aqui e além, um «chale» de mau gosto, dominado pela armação metálica e inestética dum moinho de vento.

Para trás, ficava a fita luminosa do Tejo, as casitas brancas da Trafaria aninhadas na Outra Margem, junto às colinas baixas e castanhas — um castanho deslavado e sem brilho. Não raro havia que subir para a vereda que ladeava o caminho para dar passagem a pachorrento carro de bois, a escorrer estrume, a chiar nas molas de azinho. Era da Herdade da Graça — um casarão dum branco sujo com a forma bizarra dum navio que, por capricho, tivesse vindo ancorar ali, no vale fértil, junto ao Jamor. Ladravam cães e ouvia-se o grunhir glutão dos porcos a focinhar nas pocilgas fartas.

Passos adiante, uma fila de casas miseráveis — uma «venda», piteiras, garotos semi-nus e rédes de pesca a secar às portas. Era a Costa de Linda-a-Pastora.

Na vertente fronteira, a dominar o vale, um moinho branco com um rodapé vermelho, cantava nos seus búzios de barro. Paz e quietação envolvia tudo.

*Muito ao fundo, entre ulmeiros seculares,
Seca o rio! Em três meses d'estiagem,
O seu leito é um atalho de passagem,
Pedregosíssimo, entre dois lugares.*

O rio é o Jamor. O poeta é Cesário Verde.

E Lisboa, a dois passos. Ali mesmo, quasi ao fim do caminho pedregoso, da Herdade da Graça, do carro de bois, das rédes de pesca da Costa Nova...

O caminho, hoje, está abandonado e nêle cresce erva verde. As piteiras são maiores e mais selvagens. Desapareceram as casas miseráveis. O moinho já não anda com as suas velas doídnhas sempre às voltas, entontecidas de vento

3

Figura 22 – Artigo dedicado ao Estádio Nacional, Revista Panorama, nº7, 1942.



depois, terão, decerto, mais respeito pela pedra do que pelo cimento; pelo trabalho do homem do que pelo da máquina; pela vida de ar livre do que pela das salas fechadas, escuras e cheias de fumo.

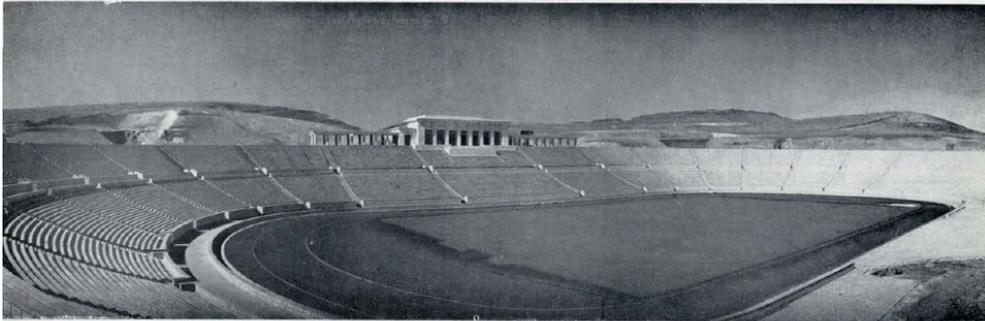
Magnífica lição a deste Estádio Nacional...

O hemiciclo abre-se sobre o vale fértil, sobre a terra por onde serpenteia o Jamor. Onde estava uma colina, abtiu-se — ao ar puro e lavado, ao sol e à chuva — mais este pulmão por onde a cidade, pelos seus elementos mais novos, mais sãos, mais fortes, já pode respirar.

A História, como as montanhas, só se pode ver a distância.

Um dia virá em que alguém se debruçará sobre a História dos nossos dias. E encontrará o caminho sinuoso e mal empedrado, e encontrará o resto, e as bancadas pilhas e reles dos campos de jogos espalhados pela cidade; e depois disto tudo (que só verá em velhas fotografias amareladas

CABEM, AQUI, CINCOENTA MIL ESPECTADORES



harmonia das linhas regulares e sóbrias, no conjunto forte e sereno.

As bancadas descem em hemiciclo até ao tapete verde de relva da pista, onde vão desenrolar-se os combates de velocidade e destreza, os jogos em que há força e agilidade. Aí tremularão, ao vento, bandeiras e insígnias; galhardetes e guiões. Aí desfilarão, em passo ginástico, rapazes novos, homens novos, corpos fortes e sãos.

E tudo será — necessariamente — jovem e belo. Na realidade, a impressão dominante que se colhe é esta: serenidade e beleza, força e beleza, juventude e beleza.

Cincoenta mil espectadores poderão aplaudir, neste Estádio Novo, a Mocidade de Portugal. Mais ainda, esses cinquenta mil espectadores vão colher, sem o suspeitar, uma profunda lição que só lhes pode ser útil.

Aprenderão que é na simplicidade que reside a beleza, que é no respeito pelas regras imutáveis que vive a harmonia, que é na força que palpita a essência do eterno. E,

e gastas pelo tempo — abençoado tempo!) verá esta obra magnífica, sóbria, imponente, que é o Estádio Nacional, aqui às portas de Lisboa.

E esse alguém — quem? quando será? — recordará, certamente, as palavras que um homem de gabinete e de estudo, um professor que ensinou alunos e um povo, proferiu um dia:

«Que pena me faz saber, aos domingos, os cafés cheios de jovens, discutindo os mistérios e problemas da baixa política, e, ao mesmo tempo, ver deserto esse Tejo maravilhoso, sem que nele remem ou velejem, sob um céu incomparável, aos milhares, os filhos deste país de marinheiros!»

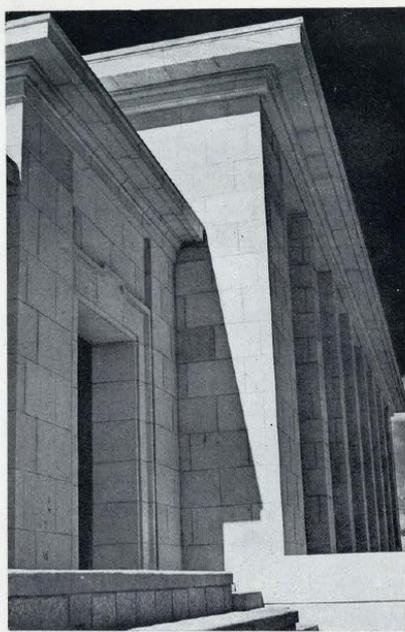
E não esquecerá estas outras palavras:

«Regosijemo-nos, porque teremos, em breve, o Estádio Nacional!»

Palavras que não eram só uma promessa e que hoje representam uma realidade magnífica.

Regosijemo-nos. Temos o Estádio Nacional.

Figura 23 - Artigo dedicado ao Estádio Nacional, Revista Panorama, nº7, 1942.



«Regostemo-nos, porque teremos, em breve, o Estádio Nacional!». —
A promessa cumpriu-se. O Estádio Nacional é, hoje, a bela, sólida e
imponente realidade que estas fotografias documentam.

Fotos de Horácio Novas e Manfredo

e de sol. Está mais para o interior, noutra colina, que, aquela em que estava antes, desapareceu.

— Roubaram uma colina! pensará o leitor.

A Avenida da Índia passa a ser estrada marginal sem o viandante dar por isso.

Atravessa Algés entre esplanadas; ladeia o Aquário Vasco da Gama, no Dafundo; alcança a Cruz Quebrada. E quando sobe ao alto, onde, ainda há pouco, se erguiam as vivendas da «vila» da Quinta da Boa Viagem — a vista alarga-se pelo rio fóra até ao Oceano, para lá da língua de areia que continua a mancha amarela, cintilante, da Caparica — abre-se uma nova estrada, tão larga como a principal — a que, entre pinheiros e debruçada sobre as águas azuis, segue até Cascais.

Tomemos por esse desvio. Sigamos pela direita...

São poucas centenas de metros de subida, entre taludes cuidados.

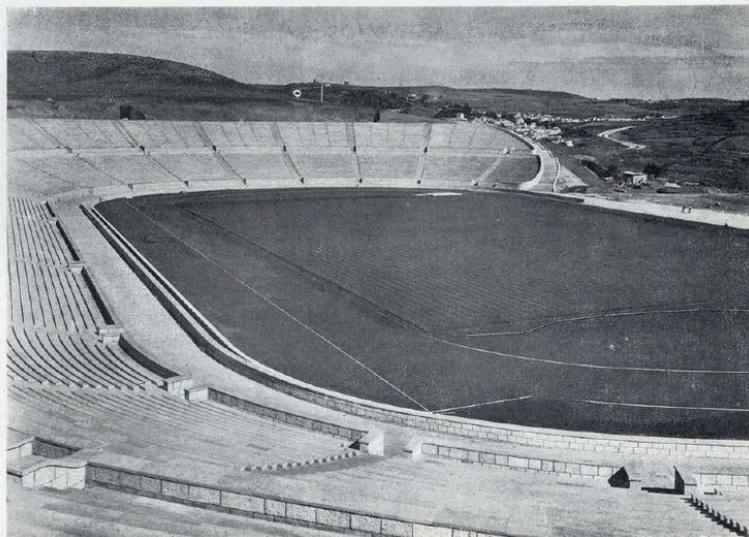
Se o leitor quiser — gloriosas estas tardes de inverno, duma luminosidade rara! — pode parar no alto da colina e admirar, uma vez mais, a toalha mansa do rio, a linha distante do grande mar Oceano, e adivinhar a ponta cinzenta do Cabo Espichel.

Abandonemos a paisagem. Ao cabo da estrada, no seu largo desvio para a direita, ergue-se como que um monumento em pedra — pedra talhada a escopro e cinzel. As linhas são sóbrias e discretas.

Com uma fila de ciprestes, duas oliveiras e uma piteira — o céu já é azul e o sol dum brilho sem par — poderemos pensar que estamos nas costas suaves do Mediterrâneo, nas terras sagradas da Grécia, na serena Ática.

Uns passos mais — e é o deslumbramento.

O Estádio está ali na pureza da pedra branca e viva, na



4

Figura 24 - Artigo dedicado ao Estádio Nacional, Revista Panorama, nº7, 1942.

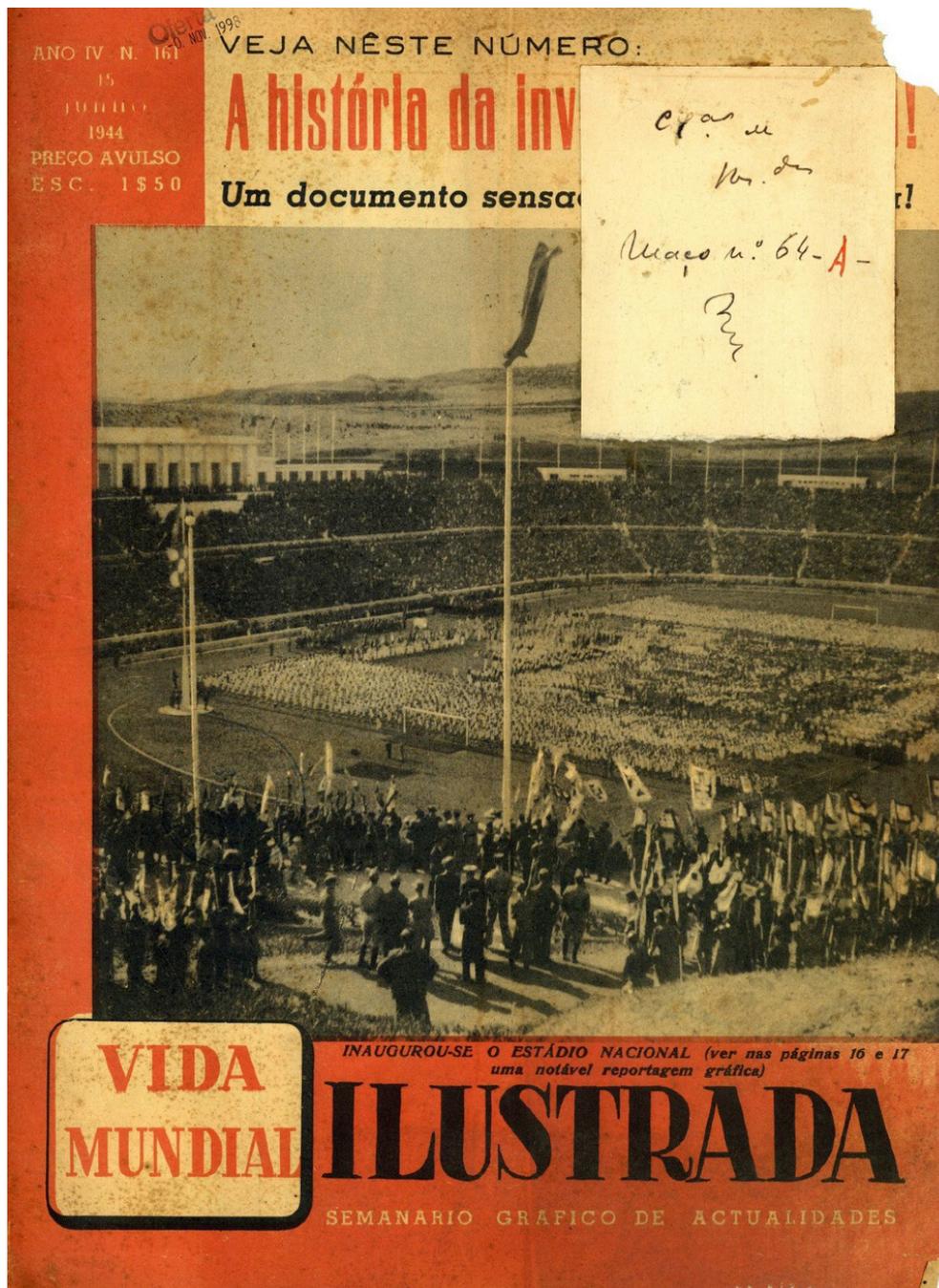


Figura 25 – Capa da revista semanal Vida Mundial Ilustrada, nº 161, 15 de junho de 1944.



Figura 26 – Reportagem sobre a Inauguração do Estádio Nacional na revista semanal Vida ilustrada, nº 161, 15 de junho de 1944.



Figura 27 – Panfleto comemorativo dos 15 anos de obras públicas do Estado Novo, este dedicado em exclusivo ao Estádio Nacional, 1947.



Figura 28 - Panfleto comemorativo dos 15 anos de obras públicas do Estado Novo, este dedicado em exclusivo ao Estádio Nacional 1947.

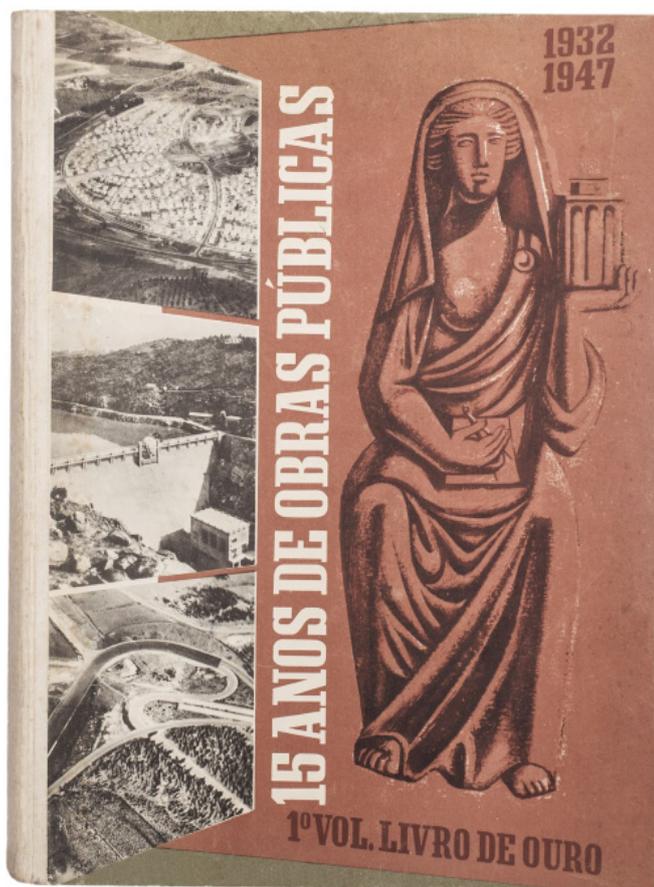


Figura 29 – Capa do livro **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

ESTÁDIO NACIONAL

UM grande parque, sem luxo, de relvados frescos e árvores copadas, onde a gente de Lisboa brinque, ria, jogue, tome o ar puro e verdadeiramente se divirta em íntimo contacto com a Natureza!

Esta foi a promessa feita por Salazar aos desportistas quando lhe pediram um estádio. Para dar realização ao programa definido na frase acima transcrita foi criada a Comissão Administrativa das Obras do Novo Estádio de Lisboa, e assim surgiu o plano geral, em execução desde 1939.

Foi projectado tendo em vista que o Estádio deverá ser, acima de tudo, uma escola de desporto e lugar de recreio saudável para que todos possam *fazer duradoira a sua mocidade em benefício de Portugal*, e para isso se procurou dotá-lo, não só com as instalações destinadas às grandes competições espectaculares, mas também com as que permitissem a prática desportiva a todos quantos a desejam sem outro intuito que não seja o de colher os benefícios do seu exercício. Nesta ordem de ideias se definiram as modalidades desportivas que mais convinham — atletismo, futebol, rãguebi, ténis, natação, hipismo, etc. —, a fim de disseminar as respectivas instalações na vasta área de 204 hectares que constituirá o parque do Estádio Nacional, em grande parte plantado nas duas encostas do Esteiro e Santa Catarina, nas quais, além de algumas dezenas de quilómetros de estradas e caminhos marginados por sebes vivas, se encontram plantadas cerca de quinhentas mil árvores e arbustos de várias espécies, que virão a constituir uma mata mista, de extraordinária beleza, transformando o árido vale do Jamor em lugar ideal de recreio, já hoje bastante frequentado.

O acesso ao vasto parque está assegurado, conforme a prática já demonstrou, não só pela estrada marginal e pela auto-estrada, mas pelas vias de eléctricos e caminho de ferro, para o que se construíram estações privativas a poucas centenas de metros das várias instalações.

Foram as obras iniciadas pela construção do estádio para atletismo e futebol, atendendo a que, sendo esta a modalidade mais preferida, certamente importaria, pelas grandes massas de público a que interessa, problemas de circulação e arrumação que demandariam uma vasta área e, por isso, um minucioso estudo da localização; sem esquecer que seriam as suas instalações as que mais haviam de prestar-se para realizar grandes festivais desportivos de carácter nacional, como os já efectuados pela Marinha, pelo Exército e pela Mocidade Portuguesa, em afirmações inesquecíveis de vitalidade, que por si só explicariam a existência do Estádio Nacional.

Assentou-se na solução adoptada — estádio clássico aberto —, não só por estar de acordo com o partido paisagístico seguido na execução do plano geral, que permitiu, para a sua localização, o feliz aproveitamento de uma depressão da encosta do Esteiro, mas também por se ter em vista movimentar, em impressionantes perspectivas, grandes formações de desportistas.

A localização escolhida, que obrigou a remover 450:000 metros cúbicos de terra e rocha, permitiu reservar o vale para a instalação de outras modalidades desportivas, que só nele poderiam ter lugar, tais como piscinas, campos de futebol, rãguebi, *courts* de ténis, etc.

De linhas sóbrias, que o tornam diferente do vulgar, construído com materiais da região, foram utilizados nele cerca de 11:000 metros cúbicos de alvenaria e cantaria. As suas bancadas,

Figura 30 – Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

com 25 quilómetros de extensão, têm capacidade para 48:000 lugares sentados, 60 por cento mais que a lotação previamente considerada, número já hoje insuficiente, o que virá a impor a sua ampliação.

Anexos, encontram-se, além das excelentes instalações para público e jogadores, três parques para estacionamento de cerca de 6:000 carros.

Os seus recintos destinados à prática desportiva — relvados, pistas e caixas para saltos e lançamentos — podem considerar-se modelares. Foram, durante a sua construção, realizados interessantes problemas de drenagem e consolidação de terrenos.

Alguns elementos do seu conjunto estão ainda por concluir — falta de que o vulgar espectador se não apercebe —, tais como o prolongamento da colunata, instalação de som e luz, torre da Maratona e pira olímpica, instalações sanitárias para o público, arrecadações, etc., que muito contribuirão, uns, para uma mais eficiente e perfeita utilização e, outros, para mais aumentar a sua beleza.

Constituindo como que um anexo do estádio de atletismo e futebol, rodeado por uma extensão da mata mista que desce da encosta do Esteiro para o vale, estão em vias de conclusão dois campos de treino — um em tudo semelhante ao daquele, com relvado, pistas, caixas para saltos e lançamentos, e outro de terra batida — destinados à prática de atletismo, futebol, hóquei em campo, etc.

Neste grupo foram previstas as instalações para espectadores e jogadores, que permitirão a sua utilização pelas modalidades desportivas de menor interesse, em vista das pequenas massas de público que movimentam, pelas organizações escolares, pela Mocidade Portuguesa e por todos aqueles que sem o desejo de competição deles pretendam utilizar-se.

Constituirão, com os pequenos campos a construir no vale e destinados à prática de outras modalidades desportivas — voleibol, basquetebol, etc. —, a possibilidade de uma mais frequente utilização do valioso conjunto que virá a ser o Estádio Nacional. Com capacidade para cerca de 5:000 espectadores, fácil estacionamento e acesso através do vale, já hoje, apesar de incompletos, permitem uma frequência média mensal de cerca de 600 desportistas. Oposto ao núcleo citado, e separado dele pela ribeira do Jamor, servido por boas vias de trânsito, encontra-se localizado, numa feliz adaptação local, o pavilhão destinado às grandes competições de ténis.

De linhas elegantes, constituído por ótimas instalações para público e jogadores, com capacidade para cerca de 2:000 espectadores, enquadrado por um recinto ajardinado de agradável aspecto, terá anexos dezanove courts para treino.

Destes, já cinco se encontram concluídos; insuficientes, se atendermos ao número de pessoas que os pretendem utilizar e se retiram sem o conseguirem. A frequência média mensal verificada é de 280 jogadores.

No plano de realizações está prevista a construção de courts utilizáveis em qualquer tempo, o que se não consegue com os pisos existentes, que são de saibro batido. Serão de ensaiar, à semelhança do que se tem feito no estrangeiro, pisos construídos com produtos betuminosos.

No vale do Jamor estão em curso os trabalhos de terraplenagem destinados à construção do hipódromo.

Este, além da pista para *Derby*, terá um campo para concurso hípico, modalidade tão da simpatia do nosso público, e possibilidade para percursos de corta-mato.

Com instalações e capacidade para cerca de 3:000 espectadores, localizado junto a um dos parques de estacionamento já construídos, constituirá, com as suas pistas relvadas, uma das mais belas instalações do Estádio Nacional.

A fim de evitar frequentes inundações que se verificaram no vale, onde, além das instalações já indicadas, se construirão as piscinas, coberta, descoberta e para crianças, os campos de jogos, os destinados a acampamentos, etc., foi feita a regularização do leito e das margens da ribeira do Jamor, em vias de conclusão, tendo em vista não só melhorar o seu aspecto por uma criteriosa plantação marginal, mas também a criação de espelhos de água, que muito contribuirão para a transformar num valioso elemento do Estádio.

Ainda dentro do plano geral, está prevista e terá início no corrente ano a construção do edifício destinado ao Instituto Nacional de Educação Física, criteriosamente localizado na vasta área do Estádio, com vistas à utilização das suas instalações desportivas, evitando-se a desnecessária duplicação de algumas delas.

Figura 31 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

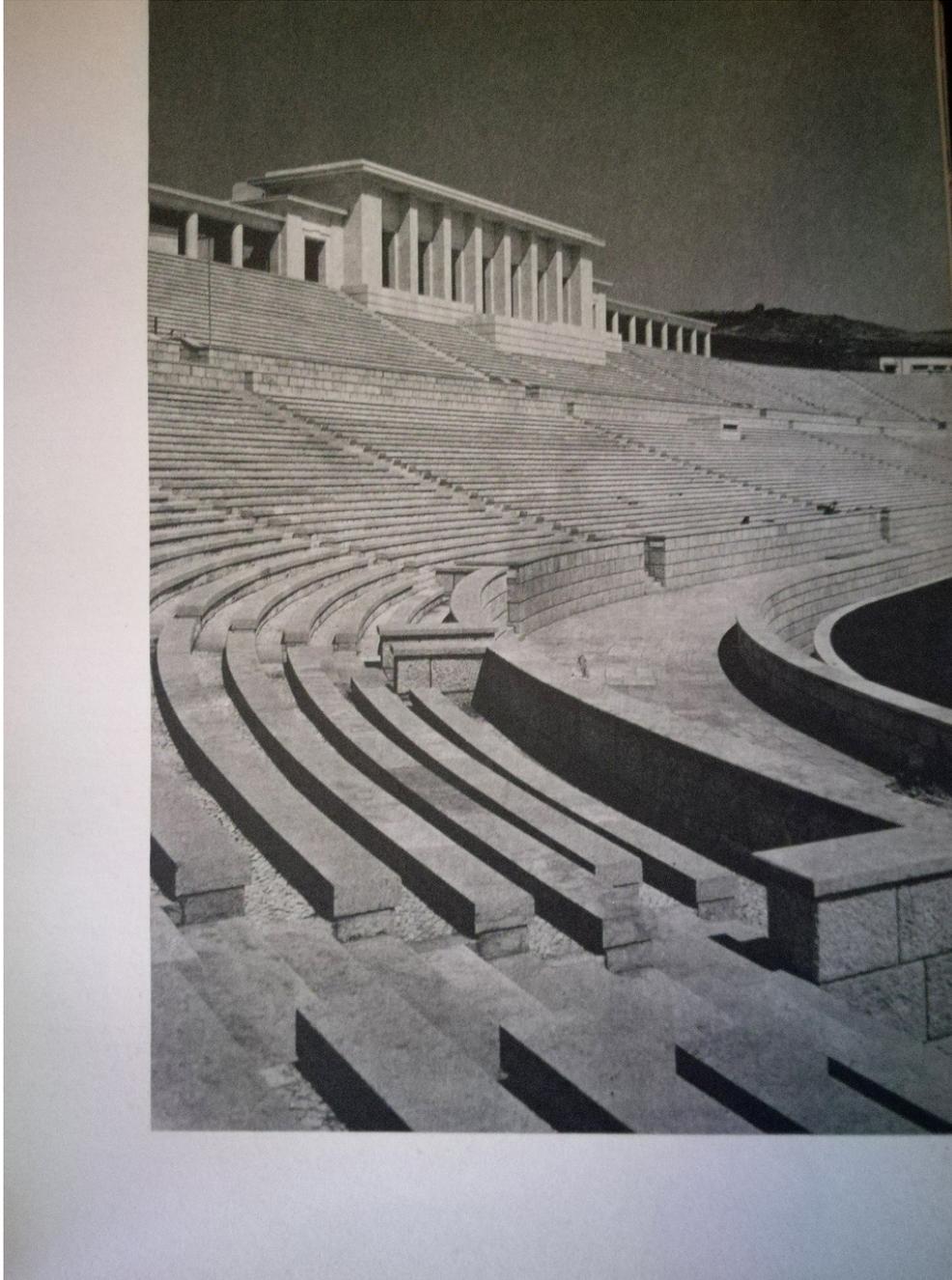


Figura 32 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

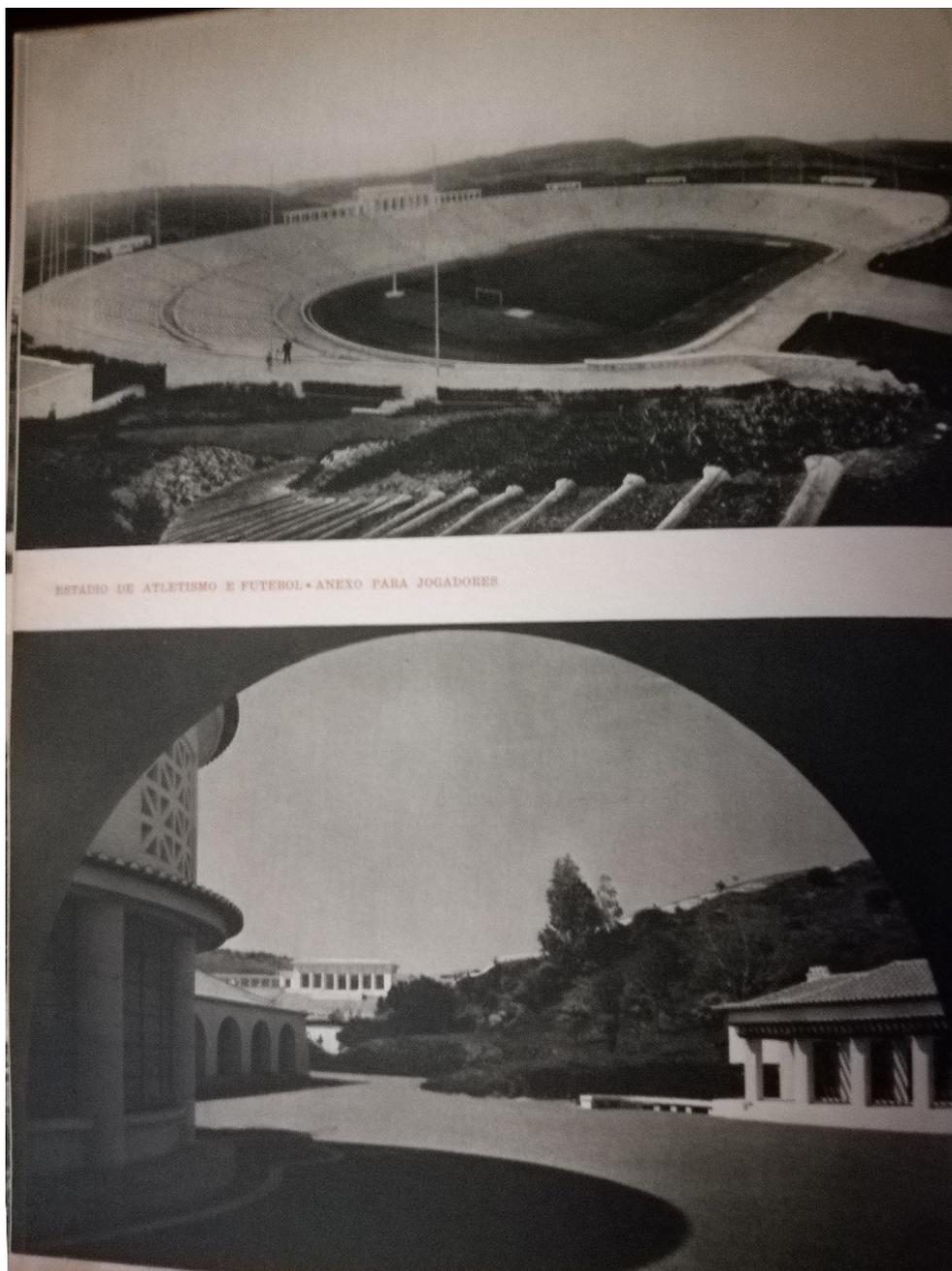
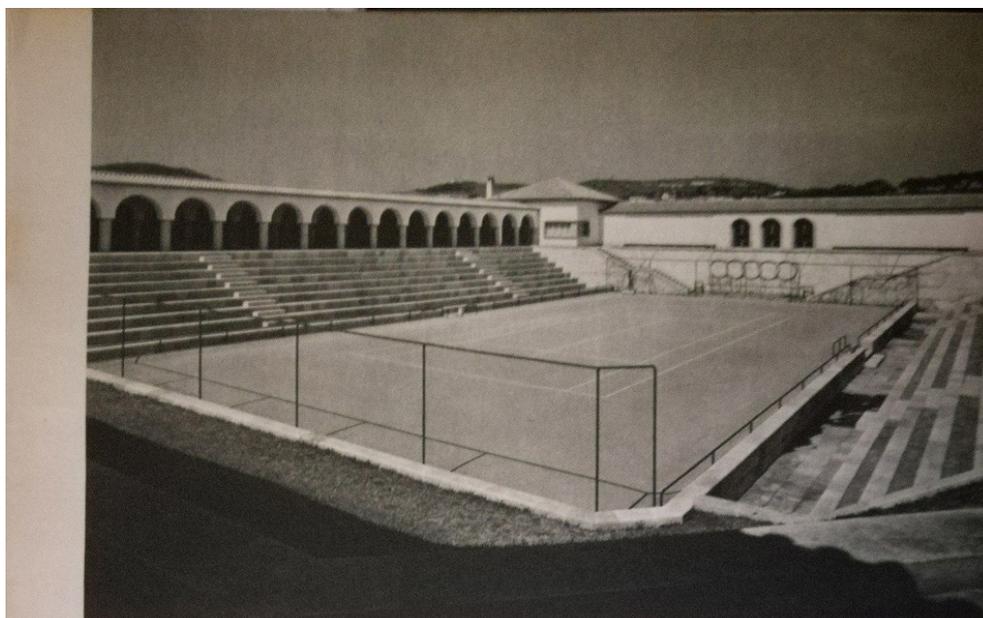


Figura 33 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].



PAVILHÃO DE TÊNIS

ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO



Figura 34 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

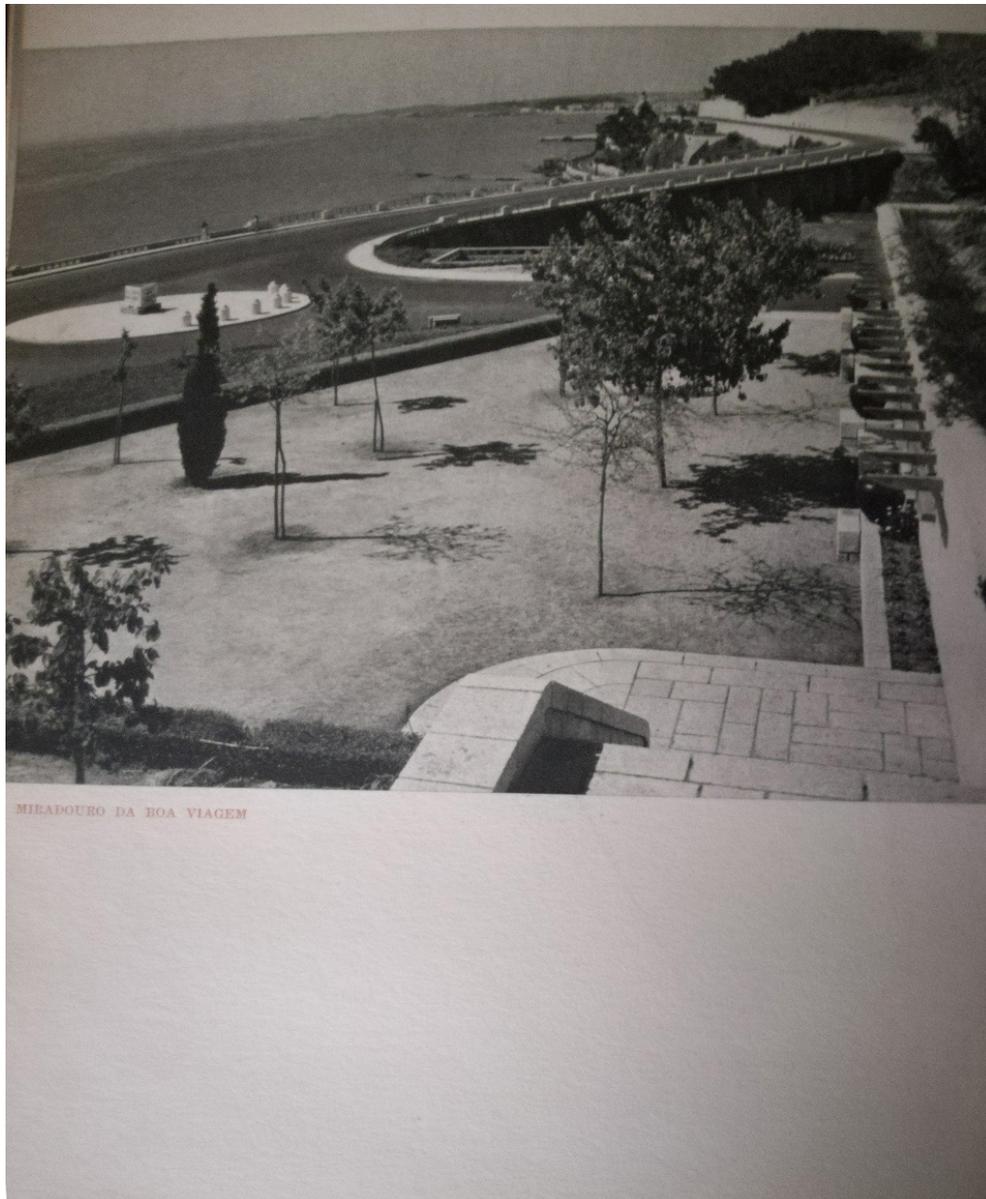


Figura 35 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

Quando as obras em curso e as previstas estiverem concluídas, poderá o Estádio Nacional ser utilizado em pleno e integrado na sua verdadeira função; e então se compreenderá que as verbas gastas foram a bem da educação física e da saúde do povo português e permitiram que se erguesse o que, sem dúvida, constituirá um dos padrões da grandeza da época de ressurgimento que vivemos.

Despendeu-se até 31 de Dezembro de 1947 com as obras concluídas e em curso, as quais foram objecto de sessenta e seis empreitadas e administrações directas, a quantia de 51:750.358\$77.

De entre elas destacaremos: expropriações, 5:113.130\$35; estradas e caminhos, 7:669.294\$43; parques de estacionamento, 4:578.199\$36; plantações, 2:512.995\$88; estádio de atletismo e futebol, 14:607.440\$46; campos de treino, 1:167.000\$13; ténis, 2:066.138\$17; regularização da ribeira do Jamor, 2:874.914\$78; hipódromo, Instituto Nacional de Educação Física, redes de água e esgoto, sinalizações, estações de caminho de ferro e eléctricos, etc., 5:769.112\$56; e conservação, 1:908.140\$92. Por estas verbas se pode ajuizar do valor de alguns dos trabalhos realizados.

Júlio José Netto Marques

PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS OBRAS
DO NOVO ESTÁDIO DE LISBOA

Figura 36 - Páginas dedicadas ao Estádio Nacional no livro: **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].



Figura 37 - Desdobrável do concelho de Oeiras com a fotografia aérea do Estádio Nacional na capa. Município de Oeiras, 1950.



Figura 38 - “Plano de Urbanização da Costa do Sol.”. 1948. Etienne de Groer. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 95.



Figura 39- “Auto-estrada Lisboa- Cascais” 1958. Fotografia: Salvador de Almeida Fernandes. In Arquivo Municipal de Lisboa.

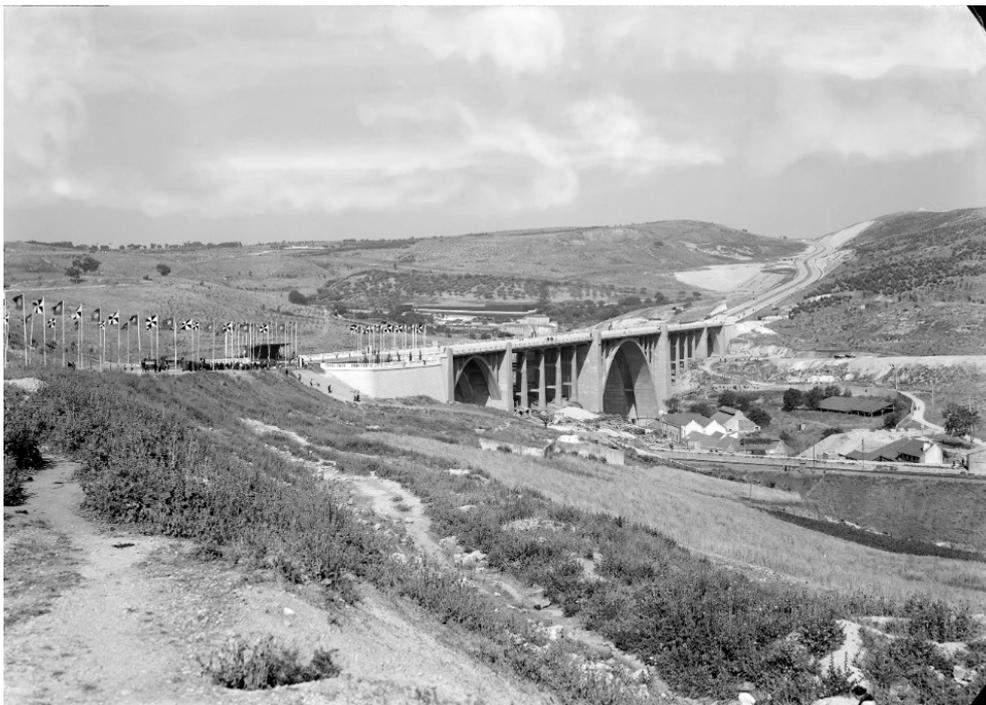


Figura 40 - “Viaduto Duarte Pacheco, Lisboa”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. In Flickr Biblioteca de arte Gulbenkian.



281 LISBOA — Estrada Marginal no alto da Boa Viagem

Figura 41 - “Estrada Marginal”. [c.1950]. Fotografia: António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 42 - “Estação Ferroviária do Estádio Nacional”. 1964-07. Fotografia: Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 43 – Cartografia do Vale do Rio Jamor antes da construção do Estádio Nacional do Jamor. **Espólio do Arquiteto Francisco Caldeira Cabral, Arquivo do Forte de Sacavém.** Pasta 13. Caixa 2.



Figura 44 – “Panorâmica da estrada de acesso às quintas [1900-1940]”. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 68-69.



Figura 45 - “Estádio Nacional, jogo de futebol” [195-]. Fotografia de António Castelo Branco. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 46 - Inauguração do Estádio Nacional do Jamor, 10 junho 1944. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 47 – “Panorâmica do Estádio Nacional”. Inauguração do Estádio Nacional do Jamor, 10 junho 1944. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 48 – “Aspectos da assistência à festa inaugural do Estádio”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 236.



Figura 49 - “Estádio Nacional”. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 50 - “Aspectos da assistência à festa inaugural do Estádio”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 239.



Figura 51- “Desfile de ginastas da Mocidade Portuguesa”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 239.

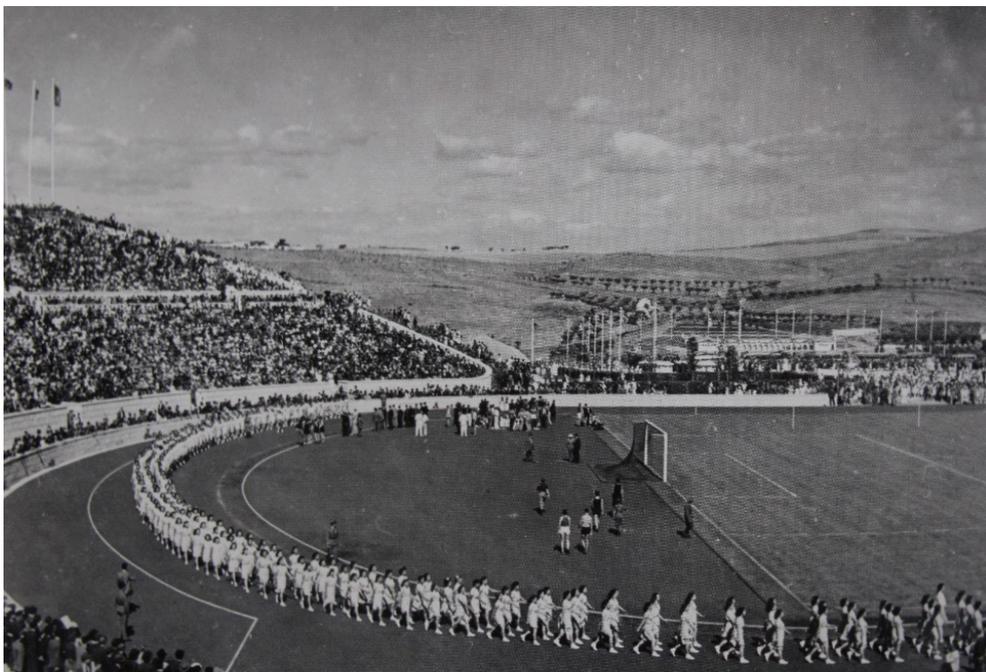


Figura 52 - “Aspectos da exibição de ginástica de classe feminina da FNAT”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 246.



Figura 53 – “Presidente da República e do Conselho e membros do Governo assistem às cerimónias”. 10 de Junho de 1944. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 237.

II - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” na construção de uma revisão historiográfica

Apesar da imagem das obras arquitetónicas encomendadas pelo Estado Novo serem utilizadas como propaganda do seu poder, isto não significa que a imposição do Estado sobre o modo de fazer arquitetura tenha sido suficiente para se dizer que tenha existido uma arquitetura “do Estado Novo”.

Assim serão exploradas, em seguida, as terminologias “Português Suave” e “Arquitectura Doce”, estabelecidas por José Manuel Fernandes e Pedro Vieira e de Almeida, respetivamente, que estão associadas a momentos da arquitetura no Estado Novo. Estas definições interessam para este trabalho na medida em que comprovam como a produção arquitetónica do período é caracterizada por diversas abordagens que resultavam não só das hesitações dos arquitetos como do próprio governo, proporcionando a possibilidade de diversas correntes arquitetónicas simultâneas, facto verificável no processo do Estádio Nacional tornando-se assim fundamental a sua compreensão para este trabalho.

Para Pedro Vieira de Almeida parte significativa dos autores que escrevem sobre este período têm assumido o Estado Novo “como uma entidade homogénea, blocada, coerente, que teria organizado a vida económica, social e cultural portuguesa a partir de pressupostos ideológicos decidida e firmemente assumidos.”⁶⁴ O autor considera que desta forma se tem simplificado excessivamente a época e não tem tido em conta as variáveis⁶⁵, sendo a causa da “desconexa e inconsciente intervenção dos arquitectos ao longo de todo aquele período.”⁶⁶

Nuno Portas considera que no caso da ditadura portuguesa não se tratou “do esmagamento dos arquitectos mais sérios por uns políticos e burocratas, nem a inquietante evolução estilística de muitos desses arquitectos melhores se pode classificar de «cedências» e «traições», como por vezes se lia ou se ouvia nos ambientes da resistência”, será sim a dificuldade de aceitação, por parte do público, da linguagem moderna e da falta de segurança dos arquitectos em relação a esta. Devendo assim evitar-se “comparações (...) lineares”⁶⁷

64 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 106

65 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 106.

66 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 107.

67 CRUZ, Luís André S. F. – **O Estádio Nacional e os Novos Paradigmas do Culto: Miguel**

em relação a outras nações.

As tentativas de fazer uma análise com coerência do período têm sido consideradas como formas de aliviar a carga negativa associada a este, argumento que terá bloqueado a análise crítica⁶⁸ afastando os arquitetos desta importante discussão. Pedro Vieira de Almeida explica que no período os arquitetos terão permanecido hesitantes – “maior ou menor cedência às pressões políticas de cada um dos sectores de influência, mas sobretudo às atitudes específicas, muitas vezes contraditórias e simultâneas, de cada um dos organismos que no aparelho de estado podia estabelecer-se como cliente.”⁶⁹ - e na expectativa porque os arquitetos parecem não ter sabido ocupar o espaço que era deixado para a arquitetura ocupar.⁷⁰

Para Pedro Vieira de Almeida alguns autores têm ainda considerado a existência de uma evolução das características da arquitetura durante o regime, considerando uma sucessão de etapas, no entanto, o pensamento é insuficiente pois segundo o autor “não há só sucessivos salazarismos no salazarismo, mas há simultâneos salazarismos no salazarismo.”⁷¹

“Português Suave” e “Arquitectura Doce”

Estes dois conceitos utilizados para definir espaços temporais diferentes da arquitetura concebida durante o regime do Estado Novo são importantes para compreendermos a intromissão que este tinha na arquitetura. As hesitações foram visíveis em concursos para edifícios públicos que se fizeram como é o caso dos Concursos de Sagres, ou em todo o processo do Estádio Nacional.

A designação “**Português Suave**” segundo José Manuel Fernandes, na entrevista realizada a 29 de Abril de 2015 por Maria Margarida Ucha, terá a sua origem numa das características inerentes ao povo português os seus “brandos costumes, com uma certa ideia de tradição, “laissez faire”, deixa andar, à portuguesa.”⁷²

Jacobetty Rosa e a sua Época. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p. 20-21.

68 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 109.

69 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 111.

70 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 111.

71 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 107.

72 UCHA, Maria Margarida - “**Português Suave**” e “**Arquitectura Doce**” **Contributos**

Este conceito é utilizado por José Manuel Fernandes para designar a “arquitetura do Estado” realizada entre 1940 e 1955, “no sentido de integrar, organizar um sistema de símbolos, de formas, de tipos, de espaços, de elementos decorativos, portanto um universo de formas e de espaços dentro de uma cultura portuguesa tradicional. Nós podemos dizer que é conservadora, que é tradicionalista, que é nacionalista, mas basicamente é a cultura portuguesa virada para a conservação dos valores da tradição. Isto para mim é o âmago do “Português Suave”.⁷³

Esta definição é utilizada para distinguir a Arquitectura Moderna do Estado Novo da Arquitectura neo-tradicionalista, nacionalista e neo-conservadora, ou seja, da arquitectura não modernista⁷⁴, (figura 54), revelada pela evolução que o arquiteto acredita que aconteceu quando o governo finalmente se conseguiu afirmar.

José Manuel Fernandes nesta mesma entrevista explica a escolha destas duas palavras “Português Suave” para caracterizar a arquitetura: “Português” no sentido de conotação com o nacionalismo, tradicionalismo e conservadorismo e “Suave” é utilizado no sentido da escala mais delicada da arquitetura portuguesa, em contraste com a arquitetura mais dura dos edifícios, por exemplo, dos regimes soviéticos ou nazis, ou até como “um desenquadrado fenómeno de timidez.”⁷⁵

Para o arquiteto a legitimidade em utilizar os conceitos de “Português Suave” e de arquitetura “do Estado Novo” é justificado pelas condições sociais, culturais e políticas que o Estado Novo estimulava. Mas parece entrar em contradição quando num artigo escrito em conjunto com Nuno Teotónio Pereira, para a revista *Arquitectura*, intitulado *A arquitectura do Fascismo em Portugal*, em 1980, referem um discurso proferido por Rui Ulrich, dando a entender que o regime era visto como um salvador da profissão: «quando, em 1932, foi criado o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, a arquitectura era profissão totalmente desconhecida, que se debatia numa tremenda crise, pois raríssimo era o arquitecto que lograva pelo seu trabalho ganhar

para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XIV.

73 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XVIII.

74 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. III.

75 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 139.

bastante para viver: os projectos de edifícios particulares – de construções públicas nem se fala, pois era coisa já esquecida em Portugal – eram confiados aos mestres de obras e a simples operários...» O novo regime apresenta-se assim como o salvador duma categoria profissional, cuja colaboração lhe era imprescindível.”⁷⁶

No mesmo artigo os arquitetos expõem os vários modelos de arquitetura fascista que terão encontrado em Portugal, durante o Estado Novo:

- num primeiro momento entre 1926 e 1931 - onde o regime não se impõe sobre as características dos diversos projetos que iam sendo feitos, onde se inclui uma corrente com linguagem modernista, período este em que se procuraria encontrar o seu próprio estilo;

- Um segundo momento entre 1932 e 1937 - inicia-se o período de obras públicas, com conseqüente intensificação da intervenção do Estado junto dos arquitetos, altura em que surge também o ministério das obras públicas com Duarte Pacheco como ministro. Este período inclui os projetos do Instituto Nacional de Estatística (figura 55) e o Instituto Superior Técnico (figura 56), por se distinguirem do que o regime pretendia pelas suas características modernistas, no entanto, já com algumas artes decorativas, obras que serão assim utilizadas como aliciamento para os arquitetos, acreditando que estes projetos de Pardal Monteiro serviram como processo de formação do arquiteto para criar “uma situação equilibrada de compromisso entre linguagem então actual e modelos autoritários.”⁷⁷

Enquanto que a Casa da Moeda (figura 57) modelo modernista segue uma lógica racional e funcionalista;

- O terceiro período: entre 1938 e 1943 será a fase de apuramento dos modelos que a arquitetura «do Estado Novo» iria usar. A Exposição do Mundo Português, em 1940, para os arquitetos, é o “laboratório máximo de adulteração de linguagem modernista”⁷⁸ Neste conjunto de obras são incluídas também o conjunto da Praça do Areeiro (figura 58), o Estádio Nacional como obra-símbolo (figura 59), assim como a Auto estrada (figura 60) e o Viaduto Duarte Pacheco (figura 61), a estrada

76 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XXX.

77 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XXXII.

78 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XXXIII.

Marginal (figura 62), o aeroporto (figura 63), e a plantação de árvores em Monsanto (figura 64). Além de se começarem a construir novas obras por todos o país: “escolas dos centenários, os edifícios para os CTT, os bairros económicos, mais adiante as obras da Caixa Geral de Depósitos, os Liceus, as Universidades, as pousadas, os quartéis, as cadeiras, os hospitais (...).”⁷⁹ Estes novos edifícios segundo os autores agrupar-se-ão em vários conjuntos onde cada especialidade tem um determinado modelo arquitetónico;

- A quarta fase: entre 1944 e 1948 que corresponde à replicação de modelos definidos na fase anterior;

- E ainda uma quinta fase que decorre durante os anos 50, onde se verifica a intensificação de obras de resistência às ideologias do Estado, consequência não só do I Congresso de Arquitetura, onde os arquitetos procuram libertar-se do regime, depois deste perder força com o fim da Segunda Guerra Mundial, onde os aliados saíram vitoriosos. Assim “a linha dos modelos autoritários é intensificada durante a década de 50; é a repressão intensa das novas ideias, linguagens e programas, e não só a nível de iniciativas oficiais, de prestígio, simbolizada pela anulação do novo concurso para o monumento de Sagres”⁸⁰, como é feito o padrão dos descobrimentos em pedra em Belém (figura 65), é concluída a grande obra de Coimbra e ainda são feitos uma série de Palácios da Justiça pelo país (figura 66 e 67).

No texto é ainda referido que é bastante frequente a recuperação de elementos da linguagem modernista na linguagem formal e espacial dos edifícios, mas degeneradas com elementos decorativos, estas situações verificam-se principalmente com arquitetos que se formaram durante a rutura académica e cultural, e são referidos alguns exemplos: como o Palácio dos CTT de Adelino Nunes (figura 68), a Standart Elétrica de Cottinelli Telmo (figura 69), o Coliseu de Cassiano Branco (figura 70) e a casa na Areosa de Viana da Lima. Refere-se ainda a ambiguidade de algumas conceções do mesmo arquiteto e do mesmo ano que conforme o lugar da sua implantação tem mais liberdade ou não para produzir obra com características modernistas.

Por outro lado, a designação “**Arquitettura Doce**” surge através do arquiteto Pedro Vieira de Almeida e refere-se à arquitetura desenvolvida desde a década de 30 à década de 50 que utiliza uma linguagem vernacular moderna, resultado não da imposição do regime na altura, mas das hesitações

79 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitettura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitettura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XXXVII.

80 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitettura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitettura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. XXXVII.

entre a linguagem a adotar entre modernidade e tradição.⁸¹

O arquiteto, segundo Maria Margarida Ucha, cria esta designação a partir da interpretação crítica da expressão “Português Suave” e não de uma interpretação formal da arquitetura. O seu significado não se baseia na leitura da linguagem arquitetónica de cariz historicista mas na “mistura doce, de modernidade e regionalismo”⁸² (...) “e que entende, por um lado ter como referência orientadora a obra de Wilhem Marinus Dudok, e por outro poder identificar-se com a linguagem arquitetónica de Robert Mallet Stevens, que define como “racionalismo doce”, no qual uma matriz arquitetónica racionalista se relaciona a uma de carácter decorativo.”⁸³

A II Guerra Mundial conseguiu “pôr progressivamente em causa o sistema de colaboração, ainda que reticente, que até então se vinha desenvolvendo entre a arquitetura e o governo.”⁸⁴ Pois se até então mantinham uma relação de ambiguidade que condenava o sistema absolutista, por outro disfarçava o alinhamento com o Estado. A esta transição juntou-se, em 1943, a morte de Duarte Pacheco, figura que tinha ajudado no posicionamento dos arquitetos junto do poder. Os arquitetos perdiam aqui um grande apoio, no entanto, também se viam com maior liberdade para optarem pelo afastamento da estrutura política do Estado.⁸⁵ Ainda no ano da morte de Duarte Pacheco começa a se tornar clara a derrota da Alemanha e Itália e a vitória dos aliados, que vem a acontecer em 1945, acontecimento que poderia indicar que estaria para breve a queda do regime em Portugal. Uma carta-manifesto é enviada por esta altura ao Governo a pedir a reposição da liberdade política com a criação de partidos diversos e a concretização de eleições.⁸⁶ O documento é considerado uma ameaça ao Estado e instala-se um clima de repressão. A

81 UCHA, Maria Margarida - **“Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 2.

82 Cit. por UCHA, Maria Margarida - **“Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 109.

83 UCHA, Maria Margarida - **“Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 109.

84 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 138.

85 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 138.

86 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna.** 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 139.

oposição fica numa posição de impotência e os arquitetos sentem a necessidade de cortar definitivamente as relações com o poder político.

O I Congresso de Arquitetura, em 1948 (figura 71) surge neste contexto como uma tentativa de criar distanciamento em relação à cooperação com o regime, perante o povo português e para consigo próprio, sendo esta a primeira reunião entre arquitetos para discutir arquitetura, oportunidade para o debate de “posições teóricas longamente recalçadas.”⁸⁷ Mas não foi o que aconteceu. Resolve-se assim, no Congresso, tomar a vertente Culturalista, com vínculo nacional, como a opção a rejeitar, justificada pela ligação com o espírito nacionalista.⁸⁸ A preocupação dos arquitetos passa pela desvinculação, em público, com o espírito nacionalista em detrimento de procurar esclarecer os problemas da sociedade portuguesa e da arquitetura.⁸⁹

A pressa em encontrar o caminho que guie a produção arquitetónica leva a interpretações ingénuas de teses, da história e até mesmo das obras de Le Corbusier, reduzindo-se a arquitetura a uma única solução que pudesse responder às carências da atualidade, a arquitetura moderna da Carta de Atenas reduzida a interpretações superficiais e redutoras, sem espírito crítico. A discussão sobre este caminho foi reduzida e terá obtido escassos resultados nas províncias do país, a população daí continuava a acreditar na arquitetura tradicional como o único caminho para a preservação da sua localidade.⁹⁰ Todas as novas construções que iam aparecendo com carácter mais modernista criavam revolta nos indivíduos que defendiam as formas tradicionais. A defesa destas foi ganhando terreno à medida que estes indivíduos assumiam cargos “nos lugares comandatários da nação.”⁹¹

Os arquitetos não souberam aproveitar o espaço que tinham como disse Cottinelli “não termos sabido impor os nossos pontos de vista.”⁹²

O que incomodava Pedro Viera de Almeida não seria que se tivesse

87 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 142.

88 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 140.

89 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 140.

90 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 141.

91 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 142.

92 Cit por ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitetura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 142.

tomado orientações erradas, mas sim que nenhuma tenham sido tomadas. Apesar de haver em alguns arquitetos uma consciência ideológica mais sedimentada enquanto indivíduo, mas não enquanto arquiteto, estaria aí o maior problema, não se questionar teoricamente os arquitetos sobre aquilo se diz ser ideologicamente não corresponder ao que se é profissionalmente, além de tratarem a vinculação nacional e a vinculação nacionalista de igual forma, rejeitando-as.⁹³

Mas algo surpreendente acontece em 1949, ano seguinte ao do Congresso, é homenageado o arquiteto Marinus Dudok (1884-1974), que era sócio honorário do *Sindicato Nacional dos Arquitectos*, cuja obra é influenciada por expressões do movimento *Stijl* e do neoplasticismo, sendo a influência de Le Corbusier superficial. Ou seja, não estaria relacionado nem “com o «estilo internacional» nem com os caminhos que se poderia dizer terem sido ventilados no Congresso.”⁹⁴

Formalmente os arquitetos aceitam mais facilmente a linguagem de Robert Mallet Stevens (1886-1945) “que explora uma linguagem de um racionalismo doce, algo decorativo, não isento de alguma contradição não dominada, mas que por isso mesmo respondia melhor à timidez da formação teórica da arquitectura portuguesa.”⁹⁵ E é, sobretudo, esse aspeto doce que os arquitetos vão copiar deste arquiteto. O errado entendimento destes dois arquitetos, por parte dos portugueses, mostra mais uma vez como as vertentes culturalista e progressista foram sendo constantes na arquitetura portuguesa. É neste contexto que surge a designação «português suave» que segundo Pedro Vieira de Almeida terá sido mal enquadrada “ao tipo de arquitectura tomada como «historicista», que de início significou, mas que, por outro lado, se encaixa como luva à tendência então explorada pelos arquitectos modernos em que uma linguagem vernácula surgia macia e brandamente condimentada com algumas referências à arquitectura moderna.”⁹⁶

O arquitecto Pedro Vieira de Almeida pretende questionar os valores dados como adquiridos no sentido de construir uma leitura crítica da arquitetura do período do Estado Novo. Um dos elementos mais importantes que

93 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 143.

94 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 143.

95 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 144.

96 ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14. p. 145.

utilizou para fundamentar o seu trabalho é a *Representação 35*.

Representação 35 - Os concursos de Sagres

Pedro Vieira de Almeida denomina “geração 27” ao conjunto de arquitetos que tentam continuar a desenvolver a arquitetura moderna dentro da situação política e cultural existente. Deste grupo fariam parte arquitetos como: Cassiano Branco, Pardal Monteiro, Cottinelli Telmo, Norberto Correia, Paulino Montês, Gonçalo Melo Breyner, Veloso Reis Camelo, Carlos Ramos, Rogério de Azevedo, Adelino Nunes, Raul Martins e Cristino da Silva. Compromisso refere-se “à maior ou menor capacidade de os arquitectos participarem de facto no movimento moderno da arquitectura moderna”⁹⁷ e sob outra perspectiva o intencional envolvimento que tinha com a estrutura do poder a fim de conseguir com a sua arquitetura o apoio e atenção deste.

Segundo Pedro Vieira de Almeida estes arquitetos encontram-se em confronto interno a tentar entender que tendência, tradicional ou modernista, poderia impor-se à arquitetura do Poder, contudo sabem que nenhuma destas noções é clarificada pelos próprios mentores do Estado.

Portugal é caracterizado como “constitucionalmente híbrido, aqui nem o Estado nem o partido se sobrepõem hegemonicamente.”⁹⁸ No entanto, a União Nacional criou-se para destruir o espírito do partido de modo a destacar a figura do chefe, mantendo-a isolada. Para fundamentar esta teoria o arquiteto no seu livro *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os Concursos de Sagres* compara o regime português, com o alemão e o italiano, figura 72.

As dimensões reduzidas do país lusitano e a falta de um “apoio ideológico e criativo” a Salazar não possibilitavam “manter atitudes de arrogância belicosa”. No entanto este “low-profile”⁹⁹ era fictício. São conhecidos os casos de violência policial, perseguição, controlo das atividades intelectuais entre outros – repressão.

A sua conhecida ausência e invisibilidade “que o torna terrivelmente

97 Cit. por UCHA, Maria Margarida - “**Português Suave**” e “**Arquitectura Doce**” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 127.

98 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 26.

99 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 30.

omnipresente.”¹⁰⁰ Como poderia Salazar manter este perfil na arquitetura? Segundo Pedro Vieira de Almeida “o Estado e muito particularmente ele próprio, esperavam que os arquitectos definissem por si uma arquitectura adequada ao regime e fornecessem dela os parâmetros a respeitar.”¹⁰¹ Pela inauguração do SPN-SNI António Ferro disse que “competia-lhes apenas definir o ponto de partida não o de chegada..”¹⁰²

É de referir ainda uma pequena transcrição de um texto que Fernando Rosas faz e Pedro Vieira de Almeida utiliza no seu livro “Em 1935, numa das primaciais intervenções públicas do SPN, Oliveira Salazar apresentaria contrapartidas do generoso poder político, [...] A posição de Salazar não o obrigava a ir ao ponto de apontar àquela plateia nenhuma norma conceptual redutora, de uso visível e imediato embora polidamente dissesse que as grandes obras eram como sempre haviam sido, resultado de uma incessante busca da verdade e da justiça. Do belo e do bom.”¹⁰³ Fernando Rosas diz também que Salazar nunca mais voltaria a falar sobre o assunto.

Os concursos públicos são um teste para entender a capacidade de resposta dos arquitetos aos programas oficiais. O Concurso ao Infante D. Henrique pela quantidade de realizações, ao longo de 55 anos, representa um importante corte longitudinal na história da arquitetura realizada durante o Estado Novo.

Os concursos para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres e os concursos e todo o processo de construção do Estádio Nacional são exemplares para compreender as hesitações que aconteciam neste período dentro do exercício da arquitetura, assim como as diversas correntes de arquitetura que se faziam em simultâneo. Nestes concursos o Estado cede após críticas que ambos os projetos receberam por parte de profissionais da arquitetura e consequentemente altera o rumo destes.

O concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique, distribuído ao longo de 55 anos, foi repetido 4 vezes, sendo que nunca resultou na construção da proposta.

Esta ideia de recordar o Infante e promover “Gloria Nacional” remon-

100 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 44.

101 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 41

102 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 30.

103 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 41

ta ao reinado de D. Maria II quando manda colocar no local “dous pilares de pedra da maior simplicidade, em um dos quaes se lavrará a Inscrição Latina que com esta baixa, e em outro a sua Tradução em Portuguez, tendo cada um deles na parte superior a Cruz da Ordem de Christo, de que o Infante foi Mestre”¹⁰⁴ é precedida por uma série de publicações no *Diário de Lisboa*, cujo director era Joaquim Manso. Este conjunto de publicações, iniciaram em 1933, vêm a ficar conhecidas como “Campanha do Infante”.

Júlio Dantas foi uma das primeiras personalidades a apoiar esta iniciativa de Joaquim Manso, e via o monumento como uma estátua de grandes dimensões, opinião que marcou a posição de muitos dos outros interessados na realização deste concurso e que terá marcado profundamente o desenho dos vários concorrentes durante os vários concursos. Diversos intelectuais debatem o assunto, enquanto artigos sobre o Infante vão sendo publicados, chegando a um ponto de tensão e discussão em redor do tema que Salazar vê a necessidade de criar uma comissão que tem a responsabilidade de: “proceder ao estudo do projecto do Monumento ao Infante de Sagres e à determinação do respectivo concurso”¹⁰⁵, da qual faz parte o arquiteto Cristino da Silva e é presidida por Júlio Dantas.

O primeiro concurso foi autorizado pelo ministério a 13 de março de 1933 depois da insistência de Joaquim Manso e de uma “carta aberta” enviada, por este, ao Presidente do Ministério.¹⁰⁶

O concurso é publicado no *Diário do Governo* a 27 de dezembro de 1933 (Anexo C). O concurso, realizado entre 1933 e 1935, teve os seus princípios escritos por várias personalidades e assinado por Salazar, “Tratava-se, não se esqueça, de um documento oficial. Mas sem dúvida, é apenas por adulação política, sem mais consequências, que as bases do concurso são personalizadas pela figura do ditador, como se fosse ele o seu verdadeiro autor.”¹⁰⁷ As regras demonstram desde logo algumas ambiguidades como refere Pedro Vieira de Almeida “Quanto ao monumento previsto, estátua sim, mas o todo era ante visionado como uma “visão formidável de arquitectura moderna.”¹⁰⁸ como podemos constatar na publicação: “Não se trata, apenas, da estátua de um

104 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 49.

105 Cit. por ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 51.

106 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 51.

107 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 52.

108 Cit. por ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 53.

príncipe, mas da síntese de uma época.”¹⁰⁹ e em seguida: “Nestes termos, o monumento a erigir, para corresponder a tam alto pensamento – a abertura do mar à civilização -, não pode restringir-se a uma figura, ou a um grupo escultórico, que a esmagadora grandeza do local amesquinhasse, devendo antes jogar com grandes massas, em que a arquitectura predomine sobre a escultura, de forma a assegurar, pelo equilíbrio das vastas proporções, pela imponência dos volumes.”¹¹⁰

Depois da realização do primeiro concurso e divulgação dos resultados é enviado um documento a Salazar: *Representação a sua Excelência o Presidente do Ministério Doutor António de Oliveira Salazar para que seja erigido em Sagres o monumento digno dos Descobrimentos e do Infante* ou *Representação 35*, simplificação de Pedro Vieira de Almeida, e se os signatários tinham a intenção de anular o concurso “para atingirem esse objectivo eles [arquitectos] acenaram com uma arquitectura futuramente e para isso foram obrigados a criar uma teoria que credivelmente a suportasse.”¹¹¹ Este documento revela a tentativa dos arquitectos de conseguirem impor uma arquitectura do Estado Novo ao próprio Estado, pois Pedro Vieira de Almeida apesar da dificuldade em definir a autoria do documento, sugere a possibilidade do documento ter sido escrito por figuras do meio arquitectónico, que terão sido Cottinelli Telmo, Carlos Ramos, Pardal Monteiro, José Cortês, entre outros.¹¹² Pedro Vieira de Almeida revela vários motivos que o levaram a considerar estes como possíveis autores do documentos, tais como: a) a manifesta indignação de Cottinelli por ter sido excluído do concurso, na primeira fase, b) a carta que este terá enviado a Armindo Monteiro, ministro das Colónias, c) a sua desclassificação do concurso, d) até mesmo pelo facto de ter escrito directamente ao júri do concurso solicitando a “anulação do concurso e a abertura de um novo processo”¹¹³, e) chegando mesmo ao ponto de escrever a Salazar. As tentativas de anular o concurso, por parte de Cottinelli, mantêm-se após

109 CARMONA, António Óscar de Fragoso, et. al – Presidência do Conselho - Decreto-lei n.º 23:405. *Diário do Governo* [Em linha]. n.º 295 (1933) p. 1-3. [Consult. 10 Julho 2020]. Disponível na internet:<URL: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/Search-Basic.aspx>>.

110 CARMONA, António Óscar de Fragoso, et. al – Presidência do Conselho - Decreto-lei n.º 23:405. *Diário do Governo* [Em linha]. n.º 295 (1933) p. 1-3. [Consult. 10 Julho 2020]. Disponível na internet:<URL: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/Search-Basic.aspx>>.

111 ALMEIDA, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 86.

112 ALMEIDA, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 86.

113 ALMEIDA, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 87.

o anúncio do vencedor, recorrendo desta vez ao Sindicato dos Arquitetos onde expôs os seus argumentos, e apercebe-se do “eco dos seus argumentos junto dos arquitectos.”¹¹⁴ Tenta assim “simular uma vaga de indignação geral, que verdadeiramente expusesse a Salazar os seus pontos de vista, fundamentando-os”¹¹⁵ e elabora um documento. Carlos Ramos terá aderido à formulação deste documento, um dos motivos será o de não ter conseguido entregar maquete da proposta a tempo, invalidando a sua participação no primeiro concurso. O que leva o autor a considerar a participação de Pardal Monteiro e José Cortês terá sido a insistência e a repetição destes nomes ao longo do texto e pela sugestão que é feita do documento para integrarem “uma futura equipa de pojectistas.”¹¹⁶ Cottinelli Telmo vêm mais tarde a se o arquiteto chefe da Exposição dos Centenários.

O documento foi assinado por 44 personalidades de distintas áreas do meio cultural de Portugal, onde se incluem 8 arquitetos (António Lino, António Martins, Bermudes França, Camilo Korrodi, Carlos Dias, Ernesto Korrodi, Francisco Cunha, e Ferreira da Costa), e crítica o projecto vencedor dos irmãos Rebello de Andrade devido ao seu “carácter retórico” e “propunha em alternativa criar um verdadeiro estilo, integrado ideologicamente no Estado Novo.”¹¹⁷

Este documento representaria segundo Pedro Vieira de Almeida a vontade dos arquitetos em ver a arquitectura moderna reconhecida como a arquitectura oficial, estariam “ali lançadas as linhas-guia de uma expressão arquitectónica inteiramente nova.”¹¹⁸ Este documento reivindica a utilização da linguagem Moderna, depois do projeto, vencedor, apresentado por Rebelo de Andrade (figura 73) confirmar o conflito que existia na época entre a linguagem moderna e tradicional. – um dos documentos mais importantes da altura segundo Pedro Vieira de Almeida uma vez que foi o “único momento em que se formulou em termo teóricos a proposta da criação de um «estilo português de arquitectura moderna».”¹¹⁹ Este documento cria dúvidas em certezas acu-

114 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 88.

115 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 88.

116 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 90.

117 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 47.

118 Cit. por UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 127.

119 Cit. por UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” Con-

muladas durante anos.

Tal como na Alemanha Nazi, durante o Estado Novo os arquitetos escreveram aos respetivos governos a pedir por uma “arquitectura moderna e de global significado nacionalista, aderente ao Estado.”¹²⁰ Enquanto que em Portugal a carta foi assinada por personalidades de diversas áreas e dirigida a Salazar, na Alemanha foi dirigida a Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda, e assinada por Walter Gropius.

O primeiro concurso do Concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique é anulado após a receção do documento, Salazar via aqui a possibilidade de confirmar o seu estilo. No entanto, no segundo concurso mantém tanto o júri como o programa, o que para Pedro Vieira de Almeida mostra que: “para Salazar não estavam em causa nem a competência deste”, referindo-se ao júri, “nem tinha objecções quanto à formulação do programa da ideia. Definitivamente estava em causa, apenas a precisa resposta dos architectos ao tema.”¹²¹

Os vencedores do segundo concurso (1936-1938): Carlos Ramos, Almada Negreiros e Leopoldo de Almeida continuam a invocar as mesmas retóricas do primeiro concurso (figura 74). Nesta proposta é notória preocupação de inclusão de elementos simbólicos como é o caso da fortaleza, do padrão e da vela, elementos incluídos na *Representação 35*. Faltaria na proposta equilíbrio na unidade e ainda é evidente a decoração excessiva. O concurso é anulado novamente sem justificativa. Tanto no primeiro como no segundo concurso a linguagem arquitetónica é “pesada de absurdas referências historicistas joaninas”¹²², mais uma vez não conseguem impor uma linguagem moderna já utilizada em outros projetos pelos mesmos arquitetos.

No concurso para o monumento de Sagres parecia que estavam criadas todas as condições para a conceção de uma obra sublime: “A inquietante profundidade de um espaço a perder de vista, a infinitude de horizonte de um mar quase sempre violento, o talhe vertiginoso do promontório, o cadenciado ruído do quebrar das vagas, a constância do vento, o cheiro sobre-humano, o sentido de solidão, o carácter agressivamente inóspito, tudo em Sagres fun-

tributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 133 - 134.

120 ROSMANINHO, Nuno – **O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. p. 96.

121 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 58.

122 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres.** 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 60.

ciona quase como ilustração viva das “causas eficientes” do sublime.”¹²³ Além disso, os concursos, segundo Pedro Vieira de Almeida, tinham uma “latente noção de sublimidade”, mas esta terá dificultado a resposta por parte dos arquitetos: “Entender Sagres era entender o mito, era entender o sagrado, e isso estava fora do âmbito da arquitectura moderna.”¹²⁴

Destes concursos para o Monumento de Sagres interessa retirar para o Estádio Nacional sobretudo que os arquitetos conseguiram mudar o curso do 1º concurso (1933-1935) através das suas críticas e propostas expostas na *Representação 35*, os arquitetos apesar da repetição do concurso voltam a ver este anulado pela sua incapacidade de resposta a um programa sublime, tal como o Estádio Nacional estas obras seriam representativas do Poder do Estado, rosto da nação, mas “Do primeiro caso de sublime, sublime-absoluto, será raríssimo encontrar exemplos pelo infrequente cruzamento credível dos **valores do local, motivo e objecto**,”¹²⁵ reservamos assim o desenvolvimento da temática da sublimidade para o III capítulo pela conotação que este tem com o “local, sítio e lugar” no concurso do Estádio Nacional, em Portugal, “mas muito dificilmente o seriam na arquitectura internacional.”¹²⁶ Estes aspetos são precisamente alguns dos que Francisco Caldeira Cabral critica no projeto de Jorge Segurado e mudam também o curso da obra. O concurso para o Monumento ao Infante revela também as hesitações dos arquitetos uma vez que “em vez da realidade de arte criou a alegoria da arte” com “a repetição do passado.”¹²⁷

123 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 75.

124 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 132.

125 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 130.

126 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 131.

127 Representação a sua Excelência o Presidente do Ministério Doutor António de Oliveira Salazar para que seja erigido em Sagres o monumento digno dos Descobrimentos e do Infante. In ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 131.

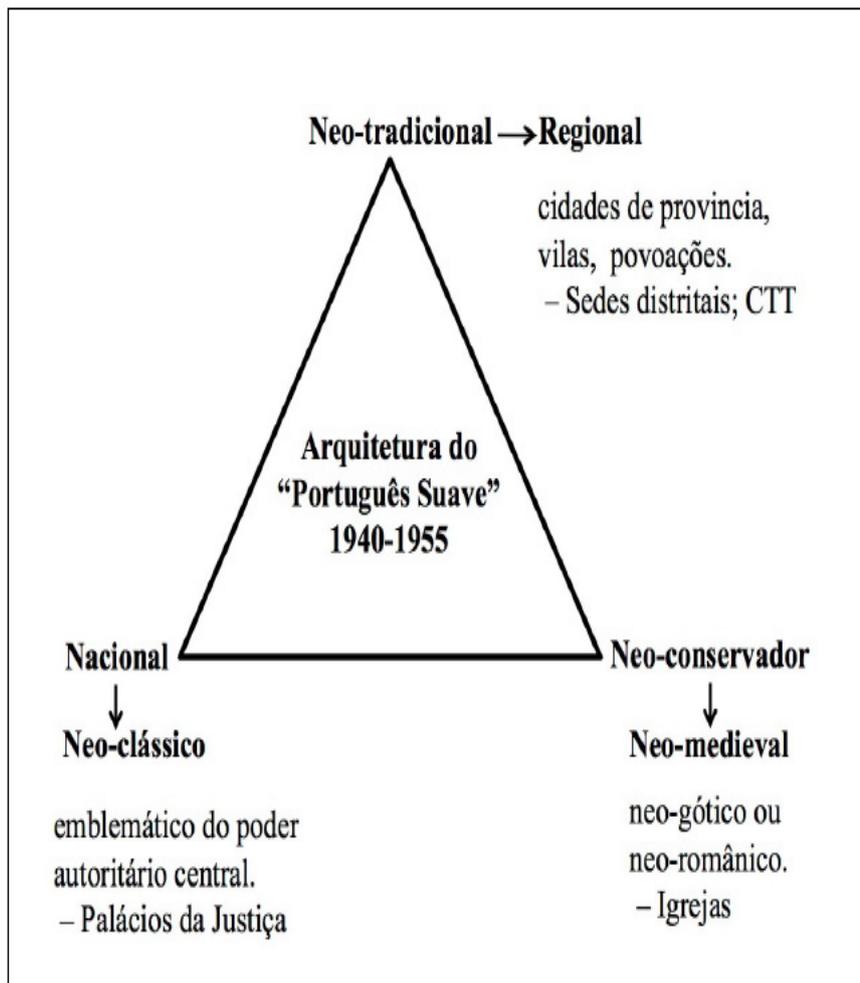


Figura 54 – “Tipos e subtipos que compõem a arquitetura “Português Suave”. Esquema desenhado por José Manuel Fernandes durante a entrevista.” In UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitetura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. VI.



Figura 55 – “Instituto Nacional de Estatística, edifício de 1935 do arquitecto Pardal Monteiro” [post. 1935] Fotografia de Ferreira Cunha. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 56 – “Instituto Superior Técnico” [194-]. Fotografia de: Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 57 – “Casa da Moeda. Fachada principal. Col. Estúdio Mário Novais | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos. (CTF003.62454)

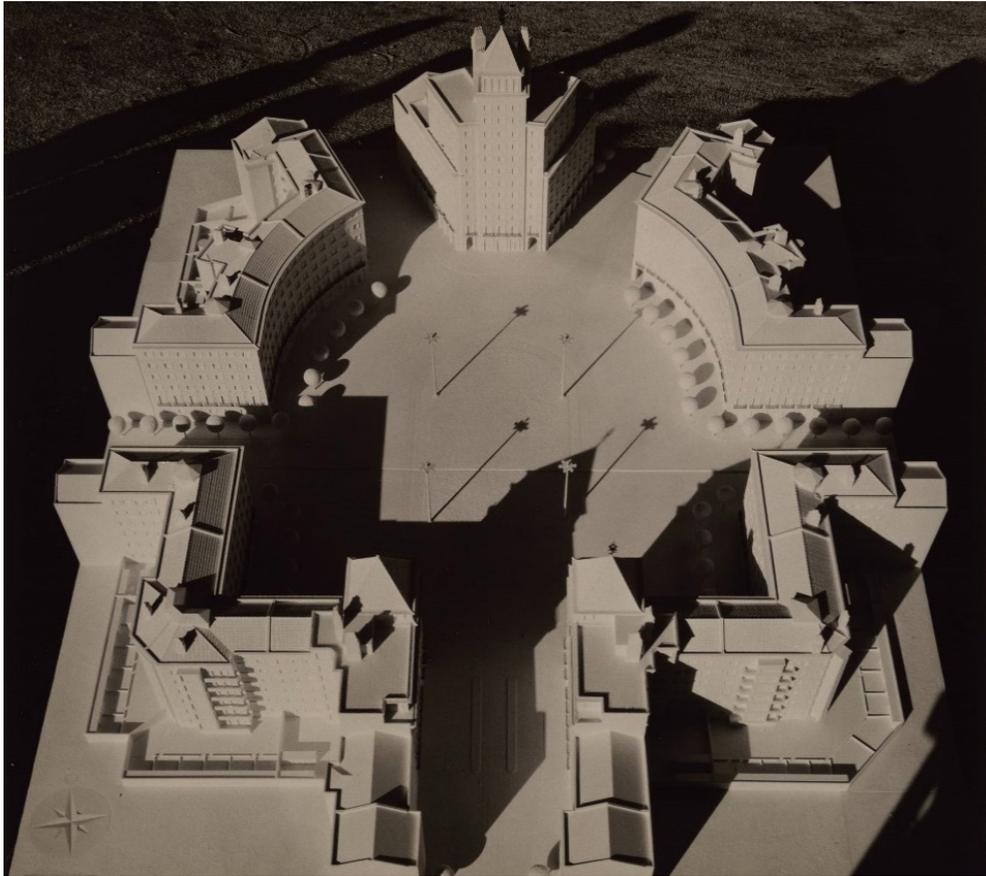


Figura 58 – “Praça do Azeiteiro – maquete! [194-]. In **Arquivo Municipal de Lisboa.**



Figura 59 – “O Estádio Nacional inaugurado em 1944”. 1957. Fotografia de Armando Maia Serônio. In **Arquivo Municipal de Lisboa.**



Figura 60 – “Auto-estrada Lisboa- Cascais”. [post. 1941]. Fotografia de António Castelo Branco. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 61 - “Viaduto Duarte Pacheco, Lisboa”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF164.54938)



281 LISBOA — Estrada Marginal no alto da Boa Viagem

Figura 62 - “Estrada Marginal”. [c.1950]. Fotografia: António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 63 - “Esplanada do restaurante do aeroporto – vista para a pista de aviões”. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos**. (CTF164.49267)



Figura 64 – “Parque Florestal de Monsanto, a Mocidade Portuguesa participa na sua arborização”. [c. 1944]. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 65 – “Padrão dos Descobrimentos em construção”. 1960. Fotografia de: Artur João Goulart. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 66 – “Palácio da Justiça, Lisboa”. Inaugurado em 1970. Arquitectos: Januário Godinho de Almeida, João Henrique de Melo Breyner Andersen. Fotografia: Estúdio Horácio Novais. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos. (CTF164.160205)



Figura 67 - Palácio da Justiça do Porto. Inaugurado em 1961. Arquitecto Raul Rodrigues Lima. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: < <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/06/palacio-da-justica-do-porto.html>>.



Figura 68 – Palácio das Comunicações do arquitecto Adelino Nunes. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/01/palacio-das-comunicacoes.html>>.



Figura 69 - Standart Eléctrica do Arquitecto Cottinelli Telmo. In **Restos de Colecção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/03/standard-electrica.html>>.



Figura 70 – Coliseu do Porto do Arquiteto Cassiano Branco. In **Restos de Coleção**. [Em linha]. [Consult. 20.06.2020]. Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/12/coliseu-do-porto.html>>.



Figura 71- “Fotografia de grupo dos participantes no “I Congresso Nacional de Arquitectura” 1948. In *Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva*.

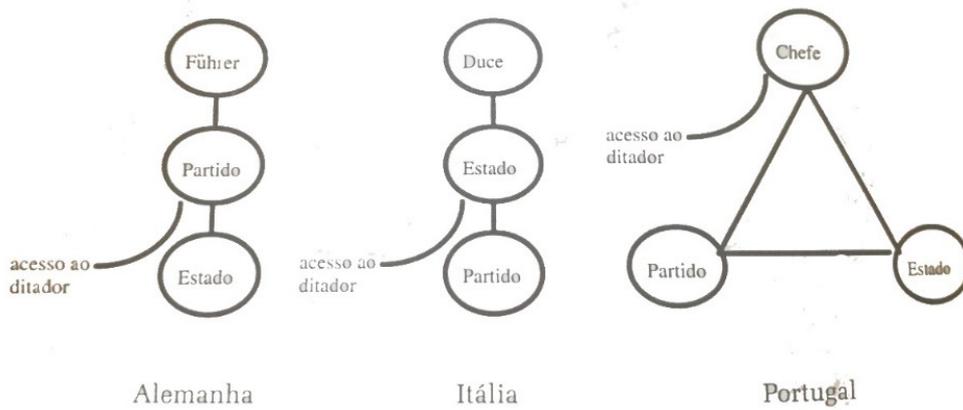


Figura 72 – “Estruturação possível do sistema nazi, do sistema fascista e do sistema de Salazar”. In ALMEIDA, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p.28.

Diario de Lisboa



Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO - Rua de São, 27, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES - 2 0271, 5 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O CONCURSO PARA O MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

no promontorio de Sagres



O projecto com a divisa «Dilatando a Fé, o Império», dos architectos irmãos Rebelo de Andrade e do escultor Rui Gameiro, premiado no concurso

Pela Presidencia do Conselho foi fornecida hoje á Imprensa a seguinte nota officiosa:

Das quatro projectos apresentados á segunda prova, sob as divisas: «Dilatando a Fé e o Império», «Mars», «Mere Nostrum» e «Sagres», foi aprovado, em merito absoluto, por maioria de votos, apenas o primeiro—«Dilatando a Fé e o Império»—sob condição expressa de se verificar, pelos calculos que têm de ser feitos por technicos, que o referido projecto pode ser executado em condições de estabilidade, de resistencia e de duração, dentro da verba de 3 mil contos, autorizada pelo decreto-lei n.º 23405, de 27 de Setembro de 1933.

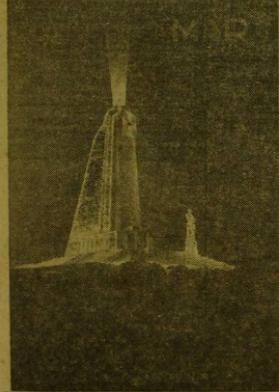
Em vista disso, e, ex.º, o presidente do Conselho determinou que se solicitasse de s. ex.º o sr. ministro das Obras Publicas que mandasse fazer os calculos, com a possivel urgencia, por intermédio do organismo á esse ministerio, e que desde já se realisasse a exposicao no publico dos trabalhos apresentados pelos concorrentes na primeira e na segunda provas, no local onde se encontram presentemente, por amavel cediencia da Camara Municipal de Lisboa, no Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII.

A exposicao ao publico abre amanhã, ás 15 horas, e estará patente durante dez dias, das 15 ás 19 horas.



O projecto premiado, com o aspecto que lhe dará, depois de realisada a respectiva construção, a sua iluminação nocturna

Terminou já os seus trabalhos a comissão encarregada de pronunciar-se sobre o monumento ao Infante D. Henrique, a construir no promontorio de Sagres. A architectura e a escultura nacional mostraram que não lhes faltou o folego para as concepções de ser unico e comportar-se com a grande estilo. O certame foi brilhante, quencia indispensavel para falar ao povo, á terra e ao mar.



Tres dos projectos admitidos á segunda prova, além do que tinha a divisa «Sagres», dos sr. Fernandes de Sá (pai e filho): I—Divisa «Mars», do architecto Pardo Monteiro e do escultor Leopoldo de Almeida. II—Divisa «Mere Nostrum», do architecto Veloso Reis Camelo e do escultor Leopoldo de Almeida. III—O projecto do architecto Casimiro Branco e do escultor Simões de Almeida (sobrinho), que, apesar de ter sido admitido, não foi sujeito á segunda prova, por dificuldades materiaes de execução da esmaquetagem nas proporções exigidas (Continuação de 5.ª pagina)

Figura 73- "Artigo publicado no Diário de Lisboa, com o título O concurso para o monumento ao Infante D. Henrique no promontório de Sagres (O monumento ao Infante. O Jurí escolheu o projecto com a divisa «Dilatando a Fé e o Império» dos architectos Rebelo de Andrade e o escultor Rui Gameiro)". 30-04-1935. Arquivo Municipal de Lisboa.

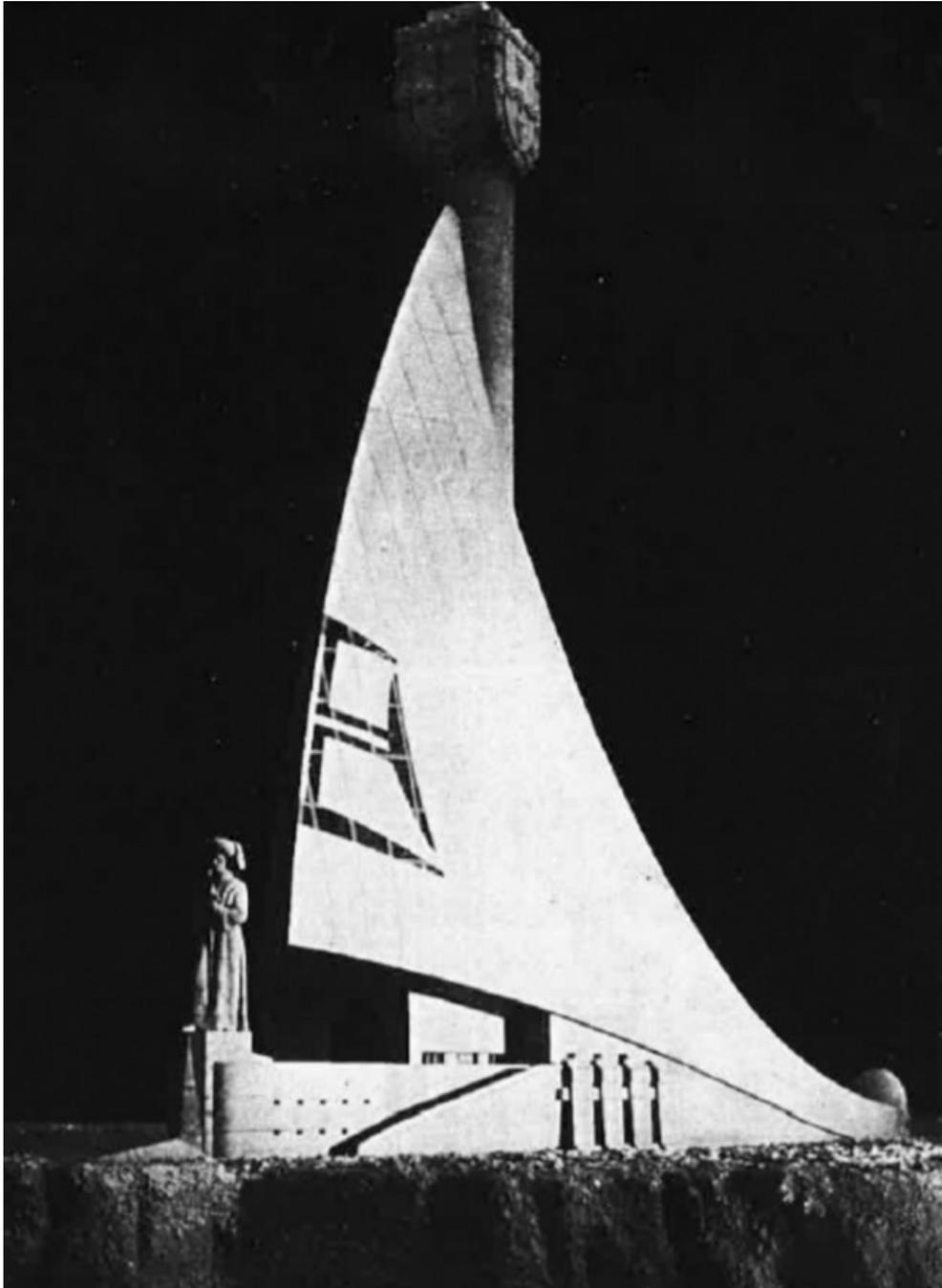


Figura 74 – Proposta de Carlos Ramos e Leopoldo do Almeida para o Monumento ao Infante. In GORI, Annarita – **História de uma obra nunca realizada. El monumento al Infante Dom Henrique y la autorrepresentación del Estado Novo.** [Em linha]. História Contemporânea, 2016. [Consult. 10 Julho 2020] p. 289. Disponível na internet: <URL: https://www.researchgate.net/publication/303710749_Historia_de_uma_obra_nunca_realizada_El_monumento_al_Infante_Dom_Henrique_y_la_autorepresentacion_del_Estado_Novo>. ISBN 130-2402.

III - A Imagem do Lugar

Concursos

O projeto do Estádio Nacional é um exemplo claro das manifestações simultâneas que se verificavam na arquitetura, segundo José Manuel Fernandes, do conflito “do entusiasmo modernista à prática estatal monumentalista.”¹²⁸ Se por um lado Jorge Segurado propõe uma “obra de grande efeito cénico” com “vastos recintos de axiologias monumentais, implantadas no meio do vale” (figura 75) a obra construída, projectada por Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, é de uma “concepção muito mais moderna” que é “integrada elegantemente na encosta (e não a meio do vale)”¹²⁹(figura 76).

O Concurso do Estádio Nacional é também prometido no ano de 1933, por Salazar, num congresso com vários clubes desportivos.

A escolha do local de implantação para o **Estádio Nacional do Jamor** é desde logo uma manifestação de modernidade, na qual as velhas cidades se expandem segundo um princípio de higienização. Evidentemente, que se associam outras vantagens a este fator, como o baixo preço dos terrenos afastados do centro e a beleza das paisagens e especificamente neste caso a expansão da cidade de Lisboa para Oeste.¹³⁰

O primeiro concurso para o Estádio Nacional foi publicado em portaria a 1 de março de 1934. O processo de concursos para o Estádio Nacional é ainda difícil de esclarecer, no entanto, como sabemos numa primeira fase – anteprojecto - do concurso terão participado pelo menos 3 equipas: uma constituída por Carlos Ramos (1897-1969) com Jan Wills (figuras 77, 78 e 79) o autor do Estádio Olímpico de Amsterdão (figuras 80 e 81), uma segunda composta por Cristino da Silva que teve como colaborador Constatino Constatini (figuras 82 e 83), autor do Fórum Mussolioni de Roma (figuras 84 e

128 FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do ‘Modernismo’ ao ‘Estado Novo: Heranças, Conflitos, Contextos. **DC. Revista de crítica arquitectónica** [Em linha]. nº 13-14 (2005), p. 60-67 [Consult. 3 Maio 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://upcommons.upc.edu/handle/2099/2364>. ISSN 1887-2360.

129 FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do ‘Modernismo’ ao ‘Estado Novo: Heranças, Conflitos, Contextos. **DC. Revista de crítica arquitectónica** [Em linha]. nº 13-14 (2005), p. 60-67 [Consult. 3 Maio 2020]. Disponível em WWW:<URL:https://upcommons.upc.edu/handle/2099/2364>. ISSN 1887-2360.

130 ANDRESEN, Teresa – O vale o Jamor. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 63.

85) e uma terceira proposta de um arquiteto espanhol, Antonio Illanes del Rio (figura 86).

Para o desenho das primeiras propostas as viagens internacionais que os arquitetos fizeram foram fundamentais para estes adquirirem conhecimentos sobre como fazer um estádio não só formalmente como em termos urbanísticos. A contribuição internacional nesta primeira fase do concurso é também reforçada pela constituição das equipas com arquitetos internacionais que tinham participado em projetos semelhantes noutros países.

A equipa de Carlos Ramos contava com o arquiteto holandês Jan Wils que fez o Estádio Olímpico de Amsterdão. Este estádio foi uma das obras visitadas por Godinho de Oliveira como nos descreve Anne Stroobant: “Godinho de Oliveira visitou vários grandes estádios, complexos multidesportivos, velódromos e piscinas em Itália, Amsterdão, Bruxelas, Wembley e Arsenal em Londres e Barcelona”.¹³¹ Godinho visitou estes edifícios ao abrigo de um decreto que o Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, criou em 1935 incentivando à deslocação de técnicos ao estrangeiro, assim como à vinda de técnicos estrangeiros a Portugal.

As visitas de Godinho ao estrangeiro tinham como objetivo a observação da construção dos estádios entre outros equipamentos desportivos, para a elaboração de um relatório com detalhes técnicos sobre diversas questões importantes para o desenho destes edifícios. Relatório que terá sido disponibilizado aos arquitetos e técnicos portugueses.

Godinho tinha maior atração pelos edifícios que observou na Alemanha que eram “concebidos na tradição das cidades-jardins com os seus grandes relvados para a prática física livre, a relação com a natureza e implantação num ambiente paisagístico, por causa das vantagens para a saúde e rejuvenescimento físico e moral”.¹³² E assim sugeria no relatório que a localização para o futuro projeto deveria ter em consideração um local onde houvesse possibilidade de guardar terrenos para os jardins. Anne Stroobant questiona-se se este interesse por paisagismo, de Godinho, estará relacionado com o convite de Francisco Caldeira Cabral por parte de José Bélar da Fonseca.

O projeto acabou por ser atribuído a Jorge Segurado (1898-1990) numa segunda fase, denominada como *projecto definitivo* (figura 75, 87 e 88), do concurso onde o arquiteto fez uma conciliação dos projetos das equi-

131 STROOBANT, Anne – Os espaços ea arquitectura do desporto | Influências internacionais – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 132.

132 STROOBANT, Anne – Os espaços e a arquitectura do desporto | Influências internacionais – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 132- 132.

pas participantes na primeira fase, seleccionando as melhores partes de cada e obtendo um projeto mais harmonioso.¹³³ Esta proposta também implanta o Estádio sobre o Vale do Jamor, em pleno leito de cheia.

A proposta de Jorge Segurado, para o Estádio, parece procurar timidamente dialogar com o lugar como é possível observar no seu velódromo que tem uma parte escavada no terreno. Segundo André Cruz, esta proposta terá recebido bastantes influências dos Estádios de Berlin e Amsterdão “sobrelevados segundo a tradição romana.”¹³⁴

É possível observar que nestas quatro propostas, quando olhamos atentadamente para os limites das grandes avenidas por exemplo, a dificuldade encontrada na relação com o lugar, além de todos pontos anteriormente apontados por Francisco Caldeira Cabral.

Todos os projetos até então apresentados tinham recebido críticas quando à necessidade de estes adquirirem maior monumentalidade.¹³⁵

O lugar e a imagem

Francisco Caldeira Cabral foi convidado a participar no projeto em 1937 por parte de José Belárd da Fonseca, que era diretor da SETH (Sociedade de Empreitadas e Trabalhos Hidráulicos) que manifestava o interesse na utilização dos conhecimentos adquiridos no curso e Arquitetura Paisagista, que este estava a frequentar na Alemanha, para o projeto.¹³⁶ Ao deslocar-se ao Vale do Jamor foi entregue a Caldeira Cabral o Plano Geral do arquiteto Jorge Segurado a partir do qual elabora um parecer sobre 3 fatores: solos, vento e relevo e também sobre o projeto do Estádio do qual se demarca:

“Deverá o Estádio de Lisboa a construir no vale do Jamor, ter o carácter de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida

133 ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.14.

134 CRUZ, André – A arquitectura da identidade. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 132- 132.

135 CRUZ, André – A arquitectura da identidade. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 173.

136 PINTO, António Costa – O Portugal do Estádio Nacional. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 31.

da natureza através da vegetação do parque. Além desta razão fundamental a favor da criação de uma zona de vegetação em torno do Estádio outras se poderiam aduzir como protecção contra o vento, ensombramento, etc.”¹³⁷

O arquiteto Caldeira Cabral critica também o projeto que lhe foi apresentado principalmente a partir da análise dos conhecimentos que tinha adquirido no seu curso de Arquitetura Paisagista em Berlim que se centravam sobretudo em fatores de natureza local, evidenciando a importância que não só o lugar como a imagem do projeto deveriam ter:

“O plano apresentado mostra uma certa aglomeração dos campos e edifícios de jogos que é sem dúvida motivado como acima se disse pelos acidentes do terreno e ainda pela posição das vias de acesso. Resulta evidentemente do facto apontado uma certa desproporção entre as áreas dos edifícios e dos campos e a área do parque. É, no entanto, difícil julgar desde já da importância desta desproporção visto que ela pode ser modificada por uma judiciosa ligação entre o estádio e a zona de protecção. [...] O que acabamos de dizer leva-nos directamente à conclusão de que não pode deixar de se prever desde já uma zona de protecção cujo estado deve ser efectuado em íntima ligação com o projecto do parque do estádio [...]

Finalmente a grande avenida que liga a praça principal com a praia. Sendo a sua orientação no sentido N-S tem o grande defeito de encanar os ventos dominantes da região. Além do inconveniente apontado, a avenida tal como se apresenta no projecto que tenho à vista, separa rigidamente a parte do parque do fundo do Vale do Jamor da parte da encosta de nascente. Dentro do conjunto da planta esta avenida, de proporções monumentais, não tem função que esteja de acordo com a sua importância. De facto, não se nota qualquer preocupação de arrumar o resto do plano tomando a avenida como eixo, ou tirando partido interessante da perspectiva criada. Sendo assim parece a sua função limitar-se ao trânsito de peões entre o edifício principal e o rio e que talvez não seja suficiente para justificar os inconvenientes acima apontados.”¹³⁸

Ao regressar à Alemanha Caldeira Cabral começa a trabalhar numa nova proposta onde pede a colaboração de Heinrich Wiepking-Jurgensmann (1891-1973) (“responsável pelo ensino de arquitetura paisagista em Berlim, entre 1933 e 1945 e também autor do projeto de arquitetura paisagista do estádio de Berlim”). Entretanto Caldeira Cabral apresenta a proposta desenvolvida a Wiepking e Konrad Wiesner, este último estava a trabalhar no momento no estádio de Nuremberga, ambos levantam novas questões sobre o projeto.

137 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 15.

138 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 15-16.

“[...] algumas delas tão sérias que reputo indispensável a minha ida a Lisboa para conversar com os arquitectos e a Comissão antes de prosseguir no meu trabalho, e de assentar na solução definitiva [...]”¹³⁹

Caldeira Cabral recebia muito apoio tanto do corpo docente na Alemanha como de Godinho de Oliveira. Inclusive Wiepking considerava fundamental Caldeira Cabral falar com Dr. Diem, que estaria a organizar as Olimpíadas de Tóquio e tinha organizado as de 36.

Godinho ficou agradado com as notícias, além de que a adjudicação à SETH estaria finalmente para breve:

“Acho indispensável que a sua crítica e sugestão sejam presentes à Comissão o mais breve possível. Envio-lhe as análises das terras que só agora chegaram. Gostei muito que tivesse submetido o projecto à apreciação do Dr. Diem. Estou interessadíssimo em conhecer as sugestões que deu e as respectivas justificações. Se tiver dificuldade em remover qualquer obstáculo e a minha acção for necessária – conte com ela. Desejaria ver realizada uma obra digna e de horizontes largos.”¹⁴⁰

No entanto, a Comissão continua empenhada em que a solução para o Vale existente continue encomendando a Caldeira Cabral o projeto do parque, apesar das refutações e sugestões no documento *Análise crítica do actual projecto para o Estádio de Lisboa* que o estudante tinha enviado a esta.

Segundo André Cruz, Keil do Amaral terá feito parte dessa comissão, e em 1938 escreve a Jorge Segurado a explicar o que tinha sucedido com o concurso¹⁴¹:

“Aqui há 15 dias fui chamado pelo Rodrigues de Carvalho [presidente da Câmara Municipal], que me disse para ir com ele ao Pacheco [ministro das Obras Públicas] que queria falar comigo. Chegando fomos recebidos ao mesmo tempo que o senhor Caldeira Cabral um senhor Godinho de Oliveira da Comissão do Estádio. O Pacheco explicou então que lhe tinha sido entregue ‘superiormente’ um relatório desse senhor Caldeira Cabral condenando em absoluto o seu projecto, com um novo projecto feito por ele e por um arquitecto alemão. Disse Pacheco que, se na realidade achava o seu projecto [de Segurado] um bocadinho rígido em demasia, achava o outro demasiado paisagístico, e que se lhe afigurava muito difícil construir o Estádio no monte, por mais dispendioso, por dificuldades de acesso, etc. etc. Encarregou-nos a

139 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 16.

140 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 16.

141 CRUZ, André – A arquitectura da identidade. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 173.

mim, a esse Caldeira Cabral, e ao Eng. Arantes e Oliveira de estudar o assunto e chegar a uma conclusão.”¹⁴²

Keil do Amaral estaria aqui a falar da primeira proposta apresentada pela dupla de arquitetos Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner (figura 89), uma vez que refere que a construção seria no monte e de difícil acesso.

Apesar do pedido da Comissão Caldeira Cabral e Konrad Wiesner não desistem de levar a sua ideia avante e enviam um estudo a esta que se dividia em 3 partes: Problemas Técnicos, Inadequação das Instalações Desportivas para Grandes Manifestações e o Lay-out, onde escreve:

“a fim de explicar claramente os motivos importantes que nos levaram a requerer uma revisão completa (...) Espero, com esta proposta, poder provar à Comissão que as minhas palavras não representam apenas uma mera crítica, mas que dentro das possibilidades existentes, também será possível remediar os erros apontados.”¹⁴³

Este documento é bastante pormenorizado e apresenta fundamentos importantes em relação ao tratamento que deveria ser feito ao rio Jamor. O documento não apresenta data, tornando-se difícil a relação com a “*Memória descritiva e justificativa do projecto do Novo Estádio Nacional*”, que data de 16 de março de 1938, esta é antecedida por um pequeno texto apoiado numa pequena imagem da proposta de Jorge Segurado:

“O projecto do estádio apresentado mostra um formalismo rígido que não toma em linha de conta nem se adapta à paisagem grandiosa do vale do Jamor. Construindo exclusivamente no vale, obstruindo-se este e perderam-se todos os pontos de vista possíveis. Eliminou-se o rio Jamor sem o qual toda a formação do vale se torna incompreensível. **Os caminhos e estradas, todos asfaltados, oferecem sempre o mesmo aspecto monótono de longas filas de árvores, porque nunca nos proporcionam uma vista de conjunto ou um aspecto da paisagem** [figura 90]. Como demonstramos a seguir a construção progressiva é impossível sem dar um aspecto de mutilação, de obra incompleta. A ordenação dos vários núcleos desportivos é defeituosa e o espaço desaproveitado ou mal-aproveitado é enorme. Não será nunca possível alargar no fundo as instalações desportivas.

A resolução do problema do trânsito é escusadamente complicada e em perfeita, tanto para os automóveis como para os peões. Não se atendeu ao abrigo dos ventos dominantes, tão frequentes e intensos na região. Não é possível ter uma vista de conjunto de qualquer desfile ou grande parada. Feita a crítica do projecto anterior resta-nos agora apresentar como

142 Cit. por CRUZ, André – A arquitectura da identidade. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **O Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 173.

143 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 17.

trabalho positivo a solução que entendemos dever ser dada ao problema.”¹⁴⁴

Nos três anos seguintes Caldeira Cabral em conjunto com Konrad Wiesner desenvolvem duas ideias que têm por base os mesmos princípios:

“rejeição liminar da construção no vale, integração na paisagem, defesa da ideia de um estádio olímpico ao encontro do espírito grego – refutando a ideia de anfiteatro romano – e da construção de um estádio que servisse não só ao desporto, mas também às grandes manifestações ao encontro das práticas dos regimes políticos nacionalistas.”¹⁴⁵

Junto com a memória descritiva da ideia do estádio, que coroava a encosta poente do vale, encontravam-se várias fotografias de estádios, templos e teatros gregos – que representam perfeitamente a arte do povo grego de construir na paisagem:

“O estádio grego é aberto, (...) Assim os jogos e concursos realizam-se, tendo como fundo a paisagem. (...) Os romanos nunca tiveram estádios propriamente ditos. Os poucos que existem são greco-romanos e nada nos trazem de novo. Romano é o anfiteatro. O mais ligeiro exame nos mostra a distância que separa o anfiteatro romano do estádio grego. O anfiteatro é rigorosamente fechado e marcadamente arquitectónico. Em geral, Roma e Verona p.ex., está situada no meio da cidade, e não admira que assim seja visto que servia para distrair o povo – ‘panis et circenses’ – e não para educar.”¹⁴⁶

Aqui Caldeira Cabral toca em vários pontos importantes que o Estado ambicionava, integrando-os num projeto arquitetónico, tais como: a utilização do desporto como educar o povo e a utilização do projeto como e imagem de propaganda, esta imagem seria valorizada pela valorização do percurso tanto dos espectadores, como dos atletas. Estaria aqui latente uma noção de “monumentalidade ritualizada”?

O urbanismo é um fator muito importante para valorizar a relação da arquitetura com o lugar. O urbanismo em Portugal, como nos explica Ana Tostões, terá sido influenciado pelos projetos de Jean-Claude Forestier (1861-1930). Forestier é convidado pela Comissão Executiva da Câmara Municipal para pronunciar-se acerca das estratégias para Lisboa. Este propõe a criação de um boulevard arborizado entre o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço (figu-

144 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 17.

145 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 17.

146 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 18.

ra 91), estuda também a extensão da cidade para norte e recupera a ideia de grande parque que envolve a cidade, entre o Campo Grande e Alcântara. O traçado monumental deixado pelo urbanista ao estilo de grandes composições Beaus Arts é desenvolvido por Cristino da Silva, em 1930. Este projeto não receia a topografia, utiliza a artificialidade e vai buscar as suas origens no modelo americano City Beautiful.¹⁴⁷

Este tipo de pensamento é também aplicado nos ante-projectos realizados para o projeto do Estádio Nacional, confirmando a incapacidade de trabalhar com a topografia como afirma Ana Tostões: “ Sem darem conta dos valores matriciais do território, da geografia do sítio, a resposta tinha em comum uma visão artificializada da arquitectura devedora afinal do ensino das Beaux-arts francesas”, implantando o Estádio Nacional na linha de água. Os arquitetos modernistas eram atraídos pela formação Beaux-arts, recorrendo sistematicamente a composições simétricas monumentais, mostram-se muitas vezes incapazes de lidar naturalmente com a implantação topográfica.

Segundo Pedro Vieira de Almeida na Alemanha a monumentalidade estava presente nas obras alemãs pela presença da tradição romana, enquanto que a sublimidade era influenciada pela tradição grega “sobretudo na valorização dos espaços-percurso.”¹⁴⁸ ou “monumentalidade ritualizada”. Francisco Caldeira Cabral quando crítica a monotonia dos percursos monumentais da proposta de Jorge Segurado e apresenta desenhos de percursos cujos pontos de vista variavam aproxima-se desta ideia de ritual: **“Os caminhos e estradas, todos asfaltados, oferecem sempre o mesmo aspecto monótono de longas filas de árvores, porque nunca nos proporcionam uma vista de conjunto ou um aspecto da paisagem. (...) Não é possível ter uma vista de conjunto de qualquer desfile ou grande parada.”** Palavras que demonstram a vontade de dar valor cénico à construção através da valorização do percurso e da paisagem.

Na Alemanha, o trabalho de Speer com 130 projetores de luz em redor do estádio, de 12 em 12 metros, explicam um pouco da sublimidade presente na arquitetura Nazi, elemento que era utilizado como “integração do sagrado na vida partidária.”

Determinadas atmosferas criadas conduziam à exaltação da audiência, como por exemplo, a importância que os efeitos sonoros tinham, estes ambientes pretendiam conduzir o povo à ansiedade coletiva. Segundo cita Pedro Vieira de Almeida: “Enquanto durou a conquista do poder na Alemanha, convertia-se cada cerimónia em cerimónia de culto; havia ritos que se prolongavam por horas inteiras. Durante todo o dia o incessante apelo do tambor incitava a população a dirigir-se ao estádio. Por fim rompia a músi-

147 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.44.

148 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 24.

ca, a assembleia cantava, levantava-se, aclamava-o. Chegavam centenas de bandeiras desfraldadas ao vento. Entrava uma secção de assalto, aclamava pela multidão impaciente [...] uma, duas, três horas decorriam. A gente fatigava-se de olhar desesperadamente o palco continuava vazio. Por fim, um oficial anunciava a próxima chegada de Adolfo Hitler. Por reacção contra o fastio das horas precedentes, a assembleia entrava em delírio e rompia em Heils, em aplausos e gritos. Antes de ter falado, Hitler estava já seguro do seu triunfo.”¹⁴⁹ Este exemplo descreve a *monumentalidade ritualizada*¹⁵⁰, uma das características das Olimpíadas de 1936, na Alemanha, perceptível através das filmagens de Leni Riefenstahl.

Em Portugal o Estado e o partido estão separados e Salazar destacava-se como figura de chefe, retirando valor das organizações partidárias “Se numa Itália fascista, por burocratização estatal, o problema da sublimidade não se coloca, numa Alemanha nazi, a sublimidade é assumida fundamentalmente pelo partido, em Portugal, pela sua estrutura própria que inclui o apagamento da função partidária, sem que haja no entanto supremacia evidente da função estatal, o problema a pôr-se, (...), apenas surge no espírito do “chefe.”¹⁵¹ Como nos explica Pedro Vieira de Almeida “o tempo do sublime é o presente, que se caracteriza numa efemeridade de um acontecer.”¹⁵²

O Estádio Nacional é considerado o palco maior do desporto nacional, precursor do desporto moderno no país que o regime vigente, pretendia utilizar como “uma forma de educar, disciplinar e fortalecer o povo português”¹⁵³, apesar da transversalidade do desporto e da sua capacidade de mover massas na sociedade, o Estado Novo não pretendia utilizar este instrumento com esse fim ou como espetáculo. A inauguração do edifício, que contou com a presença de cerca de 60 000 pessoas, não passou de um evento isolado.

Além disso, as duas figuras que representavam Salazar em duas das tarefas mais importantes de estruturação do Estado Novo estavam em desacordo. Apesar disso, terão sido estas figuras as percussoras a uma aspiração de sublimidade do regime: para Duarte Pacheco o presente era legitimado através do futuro, ou seja, as suas ideias vão ao encontro da vertente progressista e terá procurado “a uma legitimação dentro da conjuntura do seu tempo,

149 Cit por ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 25.

150 Cit, por ANDRÉ, Paula – **Arquitectura Moderna e Portuguesa: Lisboa 1938 – 1948**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010. 522 p. Tese de Doutoramento. p. 101.

151 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 27.

152 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 29.

153 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 26.

através do seu programa de *Obras públicas*”¹⁵⁴, para António Ferro essa legitimação era feita através do passado, através da corrente culturalista através da “defesa de uma política do espírito”. No entanto, o trabalho de ambos não passou de um “plano das realizações cívicas de carácter estatal” distante de uma “expressiva ritualização do regime.”¹⁵⁵

Nenhum destes terá “ultrapassado, afinal, os limites de uma estreita monumentalidade comemorativa.” Salazar via-se assim sem “o apoio orgânico do partido que imprimisse ao processo uma dinâmica de exaltação particular.”¹⁵⁶ Segundo Nuno Portas, a crise arquitetónica portuguesa dos anos 20 e 30, formal e de aceitação pelo público, e a evolução de personalidades do regime, Duarte Pacheco, Salazar e Ferro, têm como alicerce a questão da tradição. Retomam-se assim as discussões do início do século: entre nacionalismo e regionalismo, no entanto, agora com o Estado empenhado num processo de “restauração cultural.”¹⁵⁷

No regime português “Salazar não dispunha de um Speer que soubesse dignificar e enquadrar em Portugal cerimónias de uma omnipresente ritualização da vida política.”¹⁵⁸ Os arquitetos por si só a trabalhar nestes projetos encomendados apresentavam dificuldades em conseguir atingir este desejo de sublimidade. Problemas como a escala dos edifícios e o pensamento integrado com o lugar terão ainda dificuldade a tarefa deste em atingir a sublimidade.

Na *Representação 35* ter-se-á inclusive criticado aspetos que mostram a dificuldade em compreender a escala do edifício “e este erro é a falta de estudo da visibilidade do baixo relêvo apôsto na fachada. Uma simples verificação geométrica, considerando a altura da penedia em que é construído e a distância a que se acha o baixo relevo, no seu todo, só é visível do mar além de dois quilómetros. E a esta distância já a escultura não pode ver-se.”¹⁵⁹ Comentário feito em relação ao projeto dos irmãos Rebello de Andrade, con-

154 BAPTISTA, Marta Raquel Pinto – **Arquitectura como instrumento na construção de uma imagem do Estado Novo**. Coimbra, 2008. Tese de Licenciatura em Arquitectura. p. 11.

155 Cit. por BAPTISTA, Marta Raquel Pinto – **Arquitectura como instrumento na construção de uma imagem do Estado Novo**. Coimbra, 2008. Tese de Licenciatura em Arquitectura. p. 11.

156 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 29.

157 Cit. por TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 48.

158 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 38.

159 Representação a sua Excelência o Presidente do Ministério Doutor António de Oliveira Salazar para que seja erigido em Sagres o monumento digno dos Descobrimentos e do Infante. In ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 252.

siderado tradicionalista, criticando-se sobretudo aspetos decorativos, formais e de proporção revelando que as relações com o local de implantação eram deixadas de parte e o trabalho tinha o seu foco no **objeto arquitetónico, em vez de projeto arquitetónico**. A escala do promontório de Sagres é por si própria monumental sendo desde logo a hipótese de construir aí um monumento “reduzida, plasticamente tautológica.”¹⁶⁰

Assim como o problema do concurso de Sagres terá sido em grande parte provocado pela dificuldade dos arquitetos em conseguirem uma boa proporção de escala com o local de implantação, do mesmo modo as propostas apresentadas no primeiro concurso para o Estádio Nacional recebem críticas de Caldeira Cabral precisamente sobre o local de implantação, além da monotonia dos percursos.

Para Pedro Vieira de Almeida a Exposição do Mundo Português terá sido o momento em que “mais perto se tocaram as duas interpretações, que vimos concomitantes durante a sua longa permanência, ou seja, a de uma arquitectura estruturada em valores cívicos de monumentalidade avidamente comemorativa, com uma arquitectura concebida em padrão de valores de ritual, que se constituísse como verdadeira rampa de lançamento de uma via de exploração daquilo a que chamei “instâncias de sublimidade.”¹⁶¹ As filmagens, de Lopes Ribeiro, da Exposição dos Centenários (1940) são reveladoras destes “acenos a valores de monumentalidade cívica”¹⁶² que Pedro Vieira de Almeida refere.

Os arquitetos, que anteriormente tinham feito obras de carácter modernista são chamados para trabalhar na exposição e iniciava-se o “grande espetáculo da restauração cultural.”¹⁶³ Nuno Portas escreve “O monumentalismo de estafe concebido, ao que se consta, com entusiasmo (em vez de submissão ou vergonha, como se chega a fazer crer” afirmando que: “o Regime tinha obtido o consenso dos seus arquitectos, os seus arquitectos entravam agora na «vanguarda da restauração», sentindo que o modernismo internacional das suas obras de juventude, cinco ou dez anos atrás, espécie de tabua rasa estética, não podia responder ao exaltamento histórico (...) Não chegava fazer caixotes funcionais, era necessário embrulhá-los em papel de memória e memória chamava-se «rústico» (as raízes do povo) e «joanino» (as raízes do poder, o sumo do império) ou, melhor ainda, a colagem de ambos.”¹⁶⁴

160 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 17

161 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 97-98.

162 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 98.

163 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura moderna em Portugal**. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 185.

164 PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitectura**

Regressando à proposta de Caldeira Cabral, a sua ausência para Berlim terá custado o atraso e afetado os custos da obra. A partir de 1939 os nomes de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner não terão aparecido mais relacionados com o estádio.

Duarte Pacheco estaria empenhado em que estas comemorações que se avizinhavam decorressem sem percalços, então ter-se-á dedicado a este em 1939, para que cumprisse o prazo de conclusão do Estádio em 1940, altura em que ocupava os cargos de vogal na Comissão do Duplo Centenário, Ministro das Obras Públicas e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Os motivos principais para o afastamento dos arquitetos, segundo Jorge Paulino Pereira, terão sido a dificuldade de comunicação via carta entre a Alemanha e Portugal, e consequentes atrasos que afetavam os custos e o prazo da obra, “a descoberta de que haveria quem poderia fazer o trabalho em Portugal” e o início da II Guerra Mundial. Mas a inauguração atrasou-se 4 anos em relação ao previsto, talvez por essa razão os nomes que são mais associados ao projeto sejam os de Miguel Jacobetty Rosa, Sena Lino, Rui de Sampaio e Melo, António Brito, Teixeira Duarte e Júlio Marques.

Miguel Jacobetty Rosa por ter assinado a maioria dos projetos realizados no Complexo Desportivo do Jamor, é-lhe atribuído constantemente o papel do arquiteto mais relevante do Estádio Nacional. Este assinou os projetos da Estação de caminhos de ferro (figuras 92 e 93), estrutura dos campos de tênis (figura 94 e 95), os balneários dos campos de jogos (figuras 96 e 97), a Tribuna de Honra (figuras 98, 99, 100, 101 e 102) e “o revestimento das bancadas com cantaria de calcário.”¹⁶⁵ (figuras 103 e 104).

O projeto construído resulta na junção de ideias de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner com os edifícios de apoio assinados por Jacobetty Rosa (figura 105). O próprio Estado acaba por denunciar como o Estádio Nacional é composto por dois pensamentos diferentes “De linhas sóbrias, que o tornam diferente do vulgar, construído com materiais da região”¹⁶⁶ como menciona no 1º volume de *Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947* ao falar da construção no geral se refere a integração com o lugar através do aproveitamento da depressão que existia na topografia, mas por outro lado num artigo do semanário *Vida Mundial Ilustrada* “A tribuna, nas suas linhas severas, sobreleva-se a toda a multidão. É qualquer coisa de austero e de maciço que nos lembra a própria realidade”¹⁶⁷ é feita a descrição da Tribuna como um elemento que se destaca, que se impõe, em oposição à construção no geral. Miguel Jaco-

moderna em Portugal. 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 185.

165 PEREIRA, Jorge Paulino – O Estádio Nacional: projecto e construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 80.

166 **Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947**. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948]. p. 85.

167 **Vida Mundial Ilustrada: semanário gráfico de actualidades**. Lisboa, nº161, (15 jun. 1944). p. 16.

betty Rosa terá ainda apresentado um desenho com a ampliação do Estádio Nacional, numa tentativa de aumentar a escala do edifício que parecia desde sempre o problema deste concurso – a falta de monumentalidade, figura 106.

A bancada é construída no local onde o terreno fazia uma pequena depressão que foi escavada. Esta **integração com o terreno** lembra os estádios gregos (figuras 107 e 108). A adaptação ao lugar pode ser a chave para a valorização de um projeto arquitetónico que transforma o lugar através das relações proporcionadas pela sua implantação no território. Esta relação com o lugar é também visível através da escolha da localização das três entradas que dão acesso ao estádio. Estas coincidem com os caminhos que anteriormente existiam, mantendo-se assim a memória destes atravessamentos, como podemos confirmar na figura 109. O olhar radiográfico sobre o lugar definiu desde logo grande parte do projeto: localização das entradas (figuras 110, 111 e 112), localização da praça da maratona e consequente interrupção das bancadas (figuras 113), localização da tribuna e bancadas (figuras 114). Como refere Carmen Pastor a importância do lugar como marco temporal, cujas referências se encontram na “topografía, las trazas, la orientación, los hitos, el carácter del lugar, explorando al máximo las directrices y fuerzas muchas veces ocultas en él”¹⁶⁸ são fundamentais para explorar a importância da forma de ocupar o território.

Para Jorge Paulino Pereira o Foro Mussolini terá sido o principal elemento de inspiração para o projeto do Estádio Nacional em Portugal. Pois, o estádio dos ciprestes com as suas bancadas encaixadas na topografia lembram o encaixe feito na topografia do Jamor (figura 115). Tal como em Itália “foi salvaguardada uma envolvente de protecção ambiental” no Jamor que ainda hoje mantém e representa um dos poucos espaços florestais da zona metropolitana de Lisboa. Assim como também se compara o desenho do Estádio Universitário de Lisboa com o Estádio dos Mármores, pela bancada baixa e pela tribuna central.¹⁶⁹ O estádio, no entanto, é também muitas vezes comparado aos estádios gregos que se adoçam suavemente à topografia, apesar do desenho rígido e simétrico das bancadas. A tribuna proposta por Caldeira Cabral (figuras 116 e 117) de cobertura inclinada tem com certeza influência nas coberturas portuguesas. A proposta de Caldeira Cabral para a Tribuna e para os balneários (figura 118) segundo Jorge Segurado não se adequaria “à monumentalidade do estádio grego com a sua pedra branca, mas refletia o gosto oficial do regime inspirado na «casa portuguesa» de Raul Lino.”¹⁷⁰

168 PASTOR, Carmen Escoda – **El magnetismo del lugar en la arquitectura: un análisis a través del dibujo de las diferentes estrategias de intervención en el paisaje a partir de la arquitectura del Movimiento Moderno**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2006. Tese de Doutoramento. p. 3.

169 PEREIRA, Jorge Paulino – O Estádio Nacional: projecto e construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 70.

170 STROOBANT, Anne – Os espaços ea arquitectura do desporto | Influências internacionais – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**.

Segundo Ana Tostões o programa das obras públicas, da década de 30, aproximando-se dos modelos de raiz clássica nazis e fascistas da altura, assim como de uma linguagem regionalista e historicista. E é neste contexto que é erguida a tribuna do Estádio Nacional, cujo projeto é de Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970), onde é reposto o desenho clássico e imperial, que tinha sido utilizado em Nuremberga, com relações de escala diferentes das que Caldeira Cabral tinha projetado no anfiteatro, além de perder o carácter orgânico de relação com o lugar. A relação com a arquitetura de Albert Speer (1905-1981) é evidenciada também pelo facto de na altura da conceção da Tribuna do Estádio Nacional do Jamor, estar a decorrer uma exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes da “Moderna Arquitectura Alemã” que expunha desenhos, maquetes, fotografias. Cristino da Silva aproveita esta ocasião para se demarcar da arquitetura moderna, chegando a avisar os alunos de que “aquela arquitectura é que seria a do futuro, e não a do movimento modernos, que estes teimavam em seguir.”¹⁷¹

No final da década de 40, estava praticamente fechada a possibilidade da continuidade deste “efêmero” modernismo, pois a ideia de internacionalismo era cada vez mais incompatível com a crescente ideia de nacionalismo.¹⁷²

A proposta de Francisco Caldeira Cabral, com a colaboração de Konrad Wiesner, o desenho orgânico (figura 119) para o Estádio confirma a qualidade dos ensinamentos do curso que frequentava em Berlim de arquiteto paisagista. Intervir na paisagem requer o domínio das técnicas de manipulação topográfica, assim como a compressão da paisagem e dos seus elementos constituintes, para garantir o melhor posicionamento do projeto, de modo a valorizar e preservar, por exemplo, reservas ecológicas ou leitos de cheias. O equilíbrio ecológico depende também desta relação entre Arquitetura e Arquitetura Paisagista, podendo os projetos garantir unidade com a envolvente atendendo ao equilíbrio paisagístico.

Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 137.

171 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 49.

172 TOSTÕES, Ana – A crítica do lugar. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p. 50.



Figura 75 - Proposta do arquiteto Jorge Segurado— projeto definitivo. Col. Estúdio Mário Novais | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.101137)

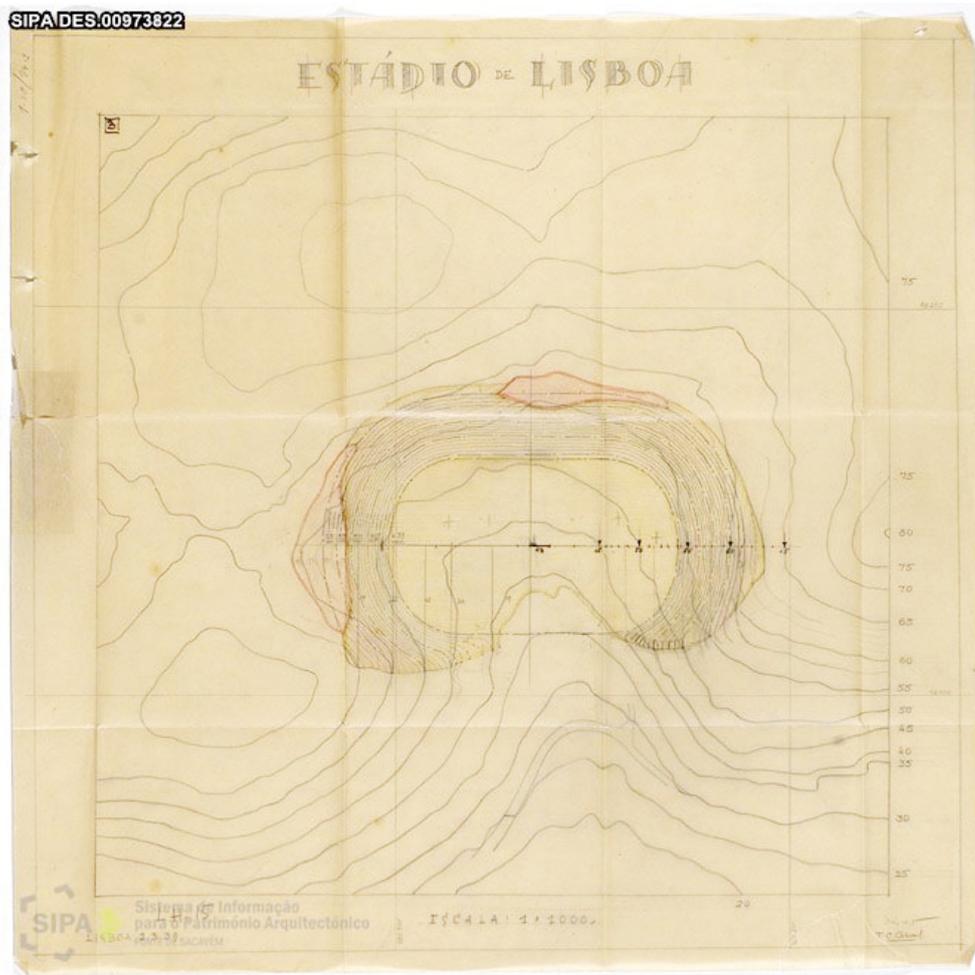


Figura 76 - “Estádio Nacional” - Cabral, Francisco Caldeira. In **DGEMN** [Em linha], IPA.00006084, DES.00973822 [Consult. 11 Jan. 2020] Disponível em: WWW: < http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa-2-96d9-994cc361eaf1 >.

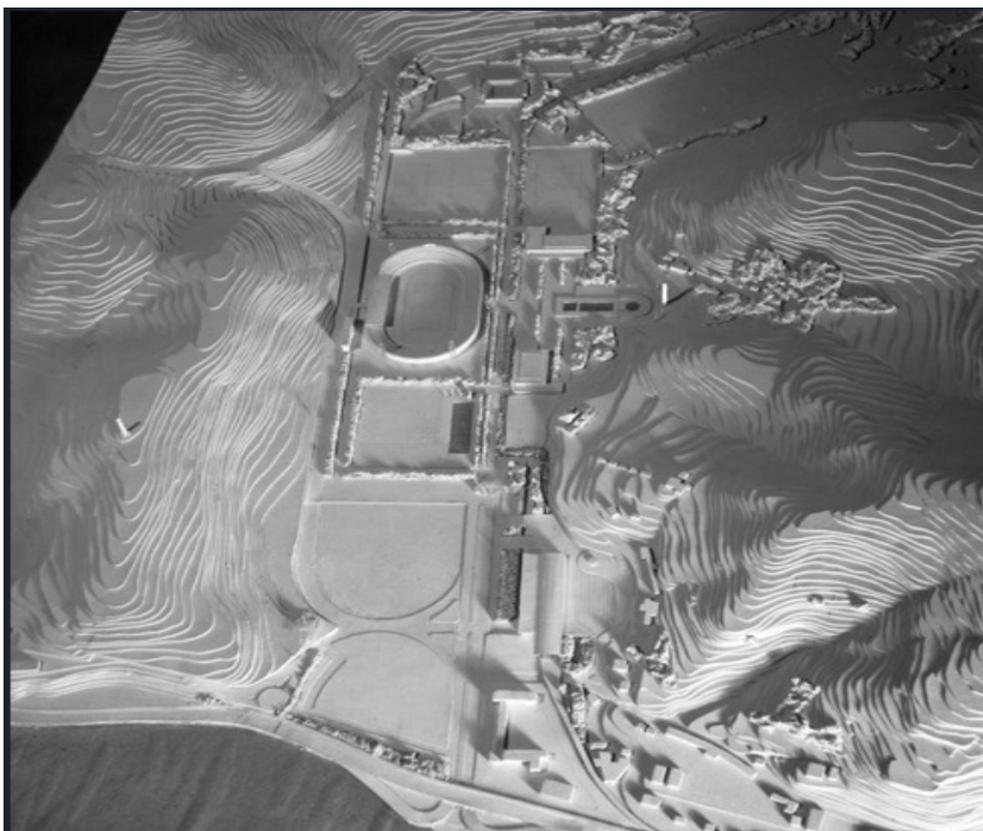


Figura 77 - “Maqueta e desenhos da proposta do arquitecto Carlos Ramos”. Acessível em **Restos de colecção** [Em linha] Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>>.

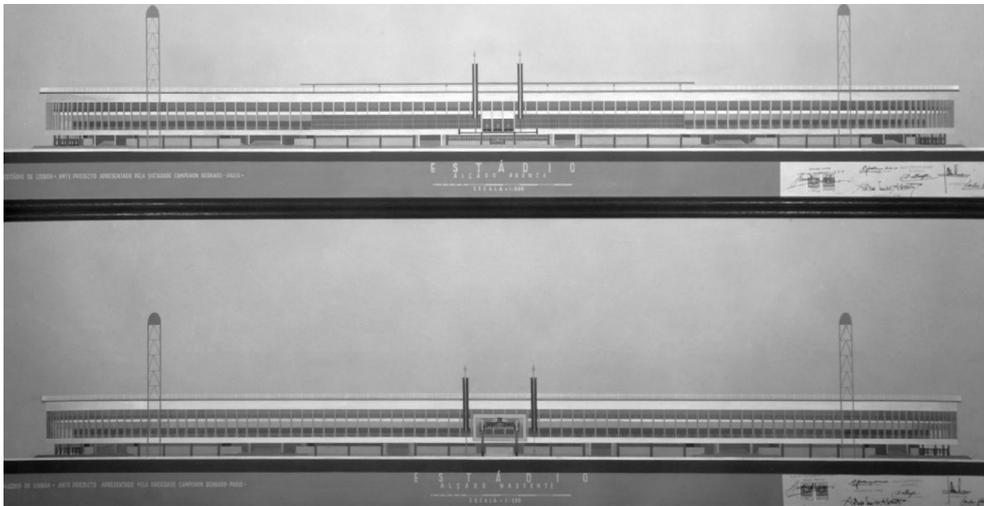


Figura 78- “Maqueta e desenhos da proposta do arquitecto Carlos Ramos”. Acessível em **Restos de colecção** [Em linha] Disponível em: WWW: URL: <<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2013/05/estadio-nacional.html>>.



Figura 79 – Proposta apresentada pelos arquitetos Carlos Ramos e Jan Wills – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.101958).

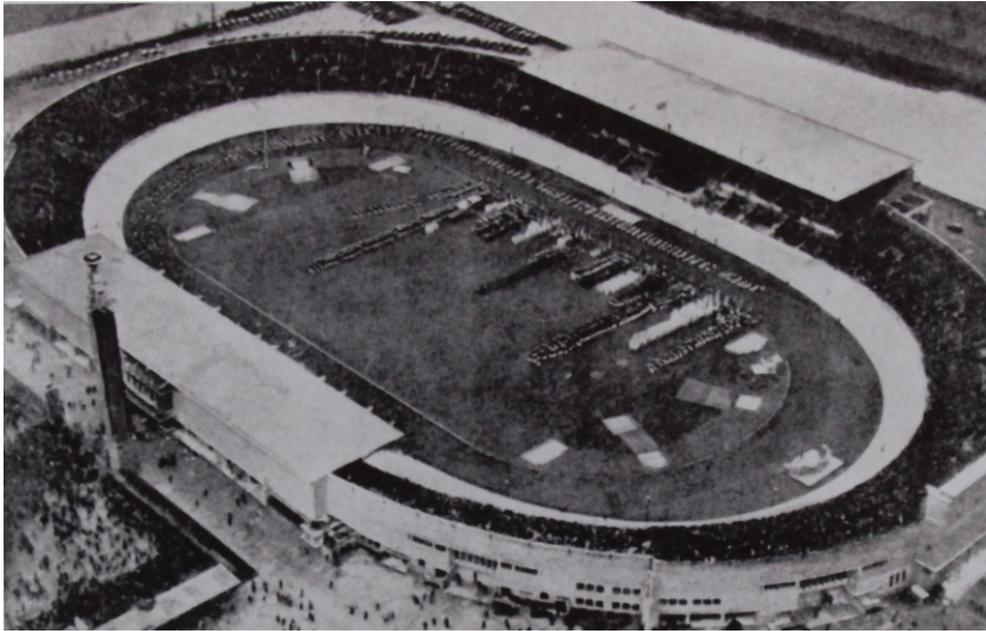


Figura 80 – “Estádio Olímpico de Amesterdão”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 128.



Figura 81 - “Jan Wils. Olympic Stadium Amsterdam, 1928. Photo: Technisch Fotobureau Gouda Collection Het Nieuwe Instituut.” Acessível **Collection Nieuweinstituut** [Em linha] [consult. 12 julho 2020]. Disponível em: WWW: <URL: <https://collectie.hetnieuweinstituut>.

[nl](#)>

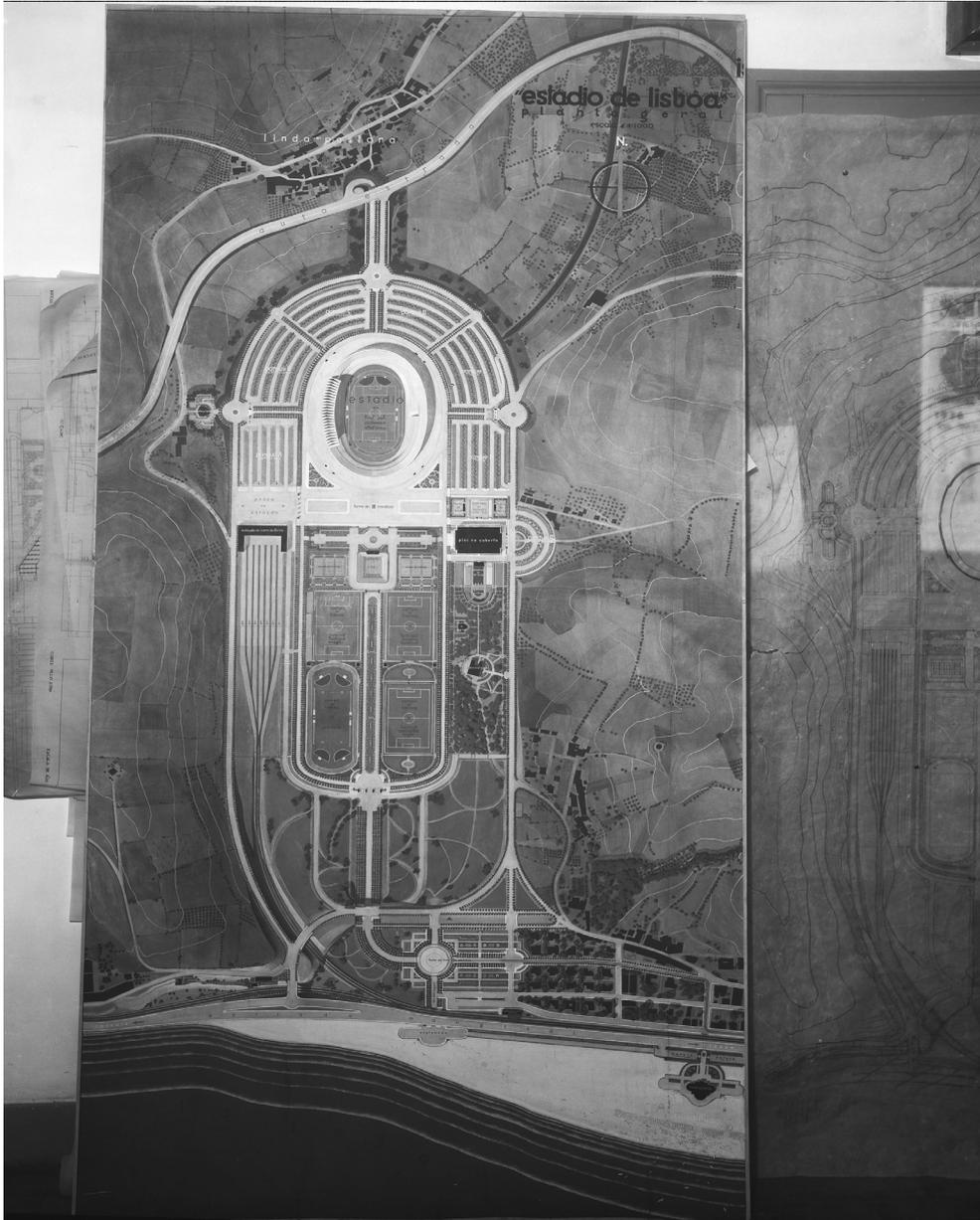


Figura 82 - Proposta apresentada pelos arquitetos Cristino da Silva e Contantino Constantini – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais I FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.102317 - Estádio de Lisboa. Planta geral).



Figura 83 – Maquete do Estádio proposto por Cristino da Silva e Constantino Constantini para o concurso do Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.102095)



Figura 84– Fórum de Mussolini, em Roma, também conhecido como “O estádio (Stadio del Marmi) da Escola Superior de Educação Física em Roma.”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 138.



Figura 85 - Fórum de Mussolini, em Roma, também conhecido como “O estádio (Stadio del Marmi) da Escola Superior de Educação Física em Roma.”. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 138.



Figura 86 - Proposta apresentada pelo arquiteto Antonio Illanes – anteprojecto. Col. Estúdio Mário Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT003.101721)

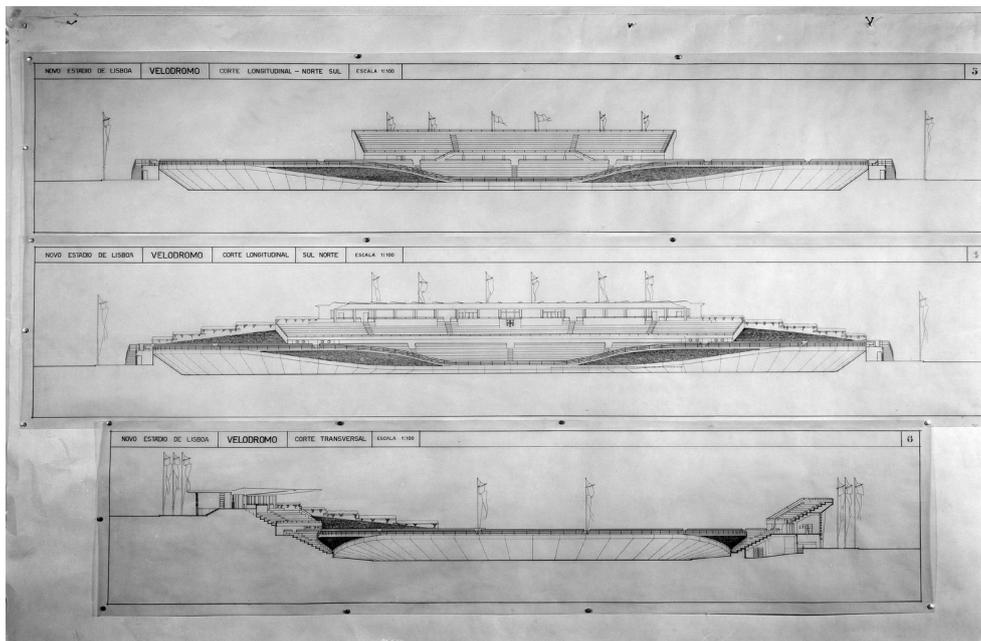


Figura 87 – Cortes do Velódromo proposto por Jorge Segurado para a segunda fase do concurso para o Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.102200)

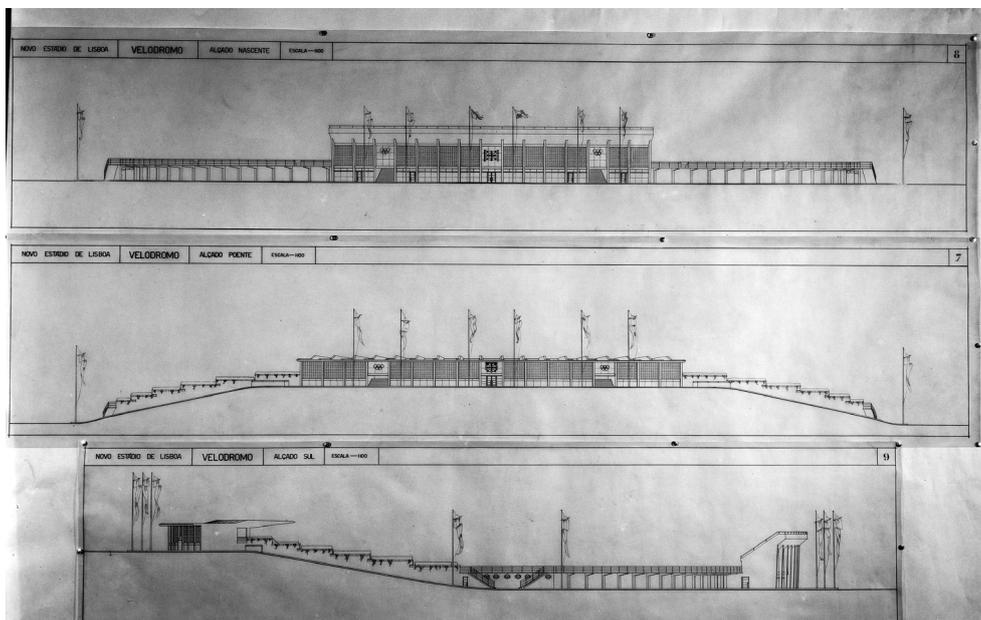


Figura 88 – Alçados do Velódromo proposto por Jorge Segurado para a segunda fase do concurso para o Estádio Nacional. Col. Estúdio Mário Novais. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos – (CFT003.102201)



Figura 89 - “A distribuição dos equipamentos na primeira proposta” de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 34.

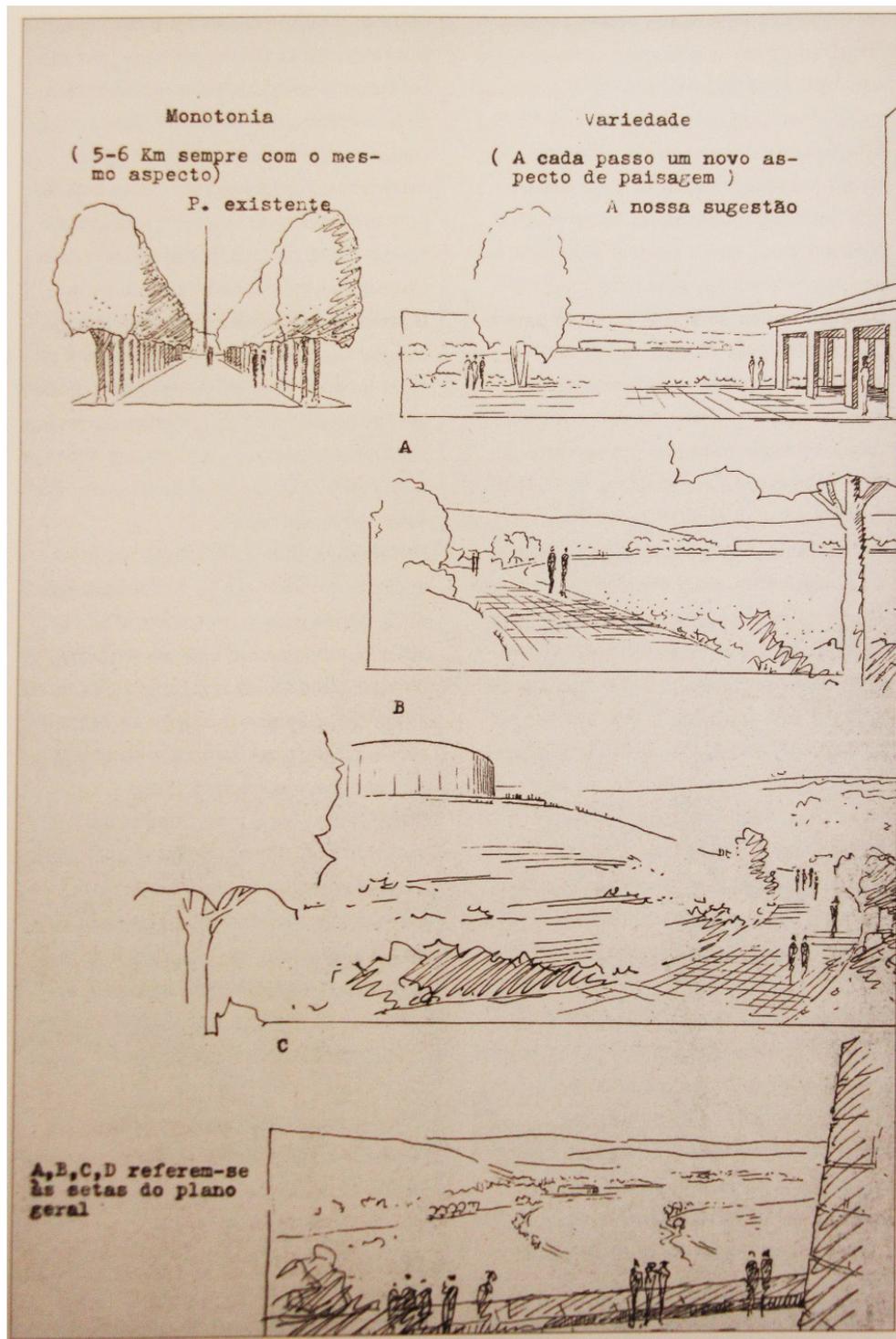


Figura 90 - “Uma ilustração para contrapor a nova proposta à solução do Segurado”. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 35.

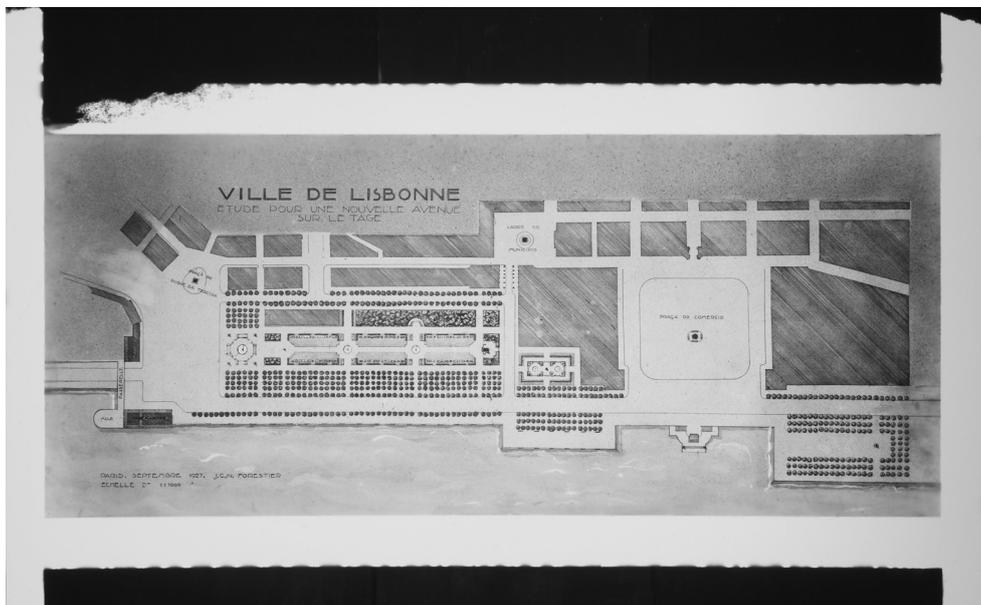


Figura 91 – “Étude pour une nouvelle avenue sur le Tage”. 1927. Col. Estúdio Mário Novais | FCG –Biblioteca de Arte e Arquivo – (CFT003.102333).



Figura 92 – “Estádio Nacional, estação ferroviária” [post. 1944]. Fotografia de Amadeu Ferrari. In Arquivo Municipal de Lisboa.



Figura 93 – “Estação Ferroviária do Estádio Nacional” Julho de 1964. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 94 – “Estádio Nacional – campo de ténis” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In Arquivo Municipal de Lisboa.



Figura 95 - “Estádio Nacional – campo de ténis” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In Arquivo Municipal de Lisboa.



Figura 96 - “Estádio Nacional – instalações” post. 1944. Fotografia de Amadeu Ferrari. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 97 – Praça da Maratona e edifício dos balneários do Estádio Nacional. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 98 – Tribuna no “Estádio Nacional”. 1961. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 99 - Tribuna no “Estádio Nacional”. [c. 1944]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 100 – Lado Oeste da Tribuna de Honra “Estádio Nacional”. [c.1941]. Fotografia de António Passaporte. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.



Figura 101 – “Estádio Nacional”. 1991. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.



Figura 102 – Interior da Tribuna de Honra “Estádio Nacional”. 1961. Fotografia de Arnaldo Madureira. In **Arquivo Municipal de Lisboa**.

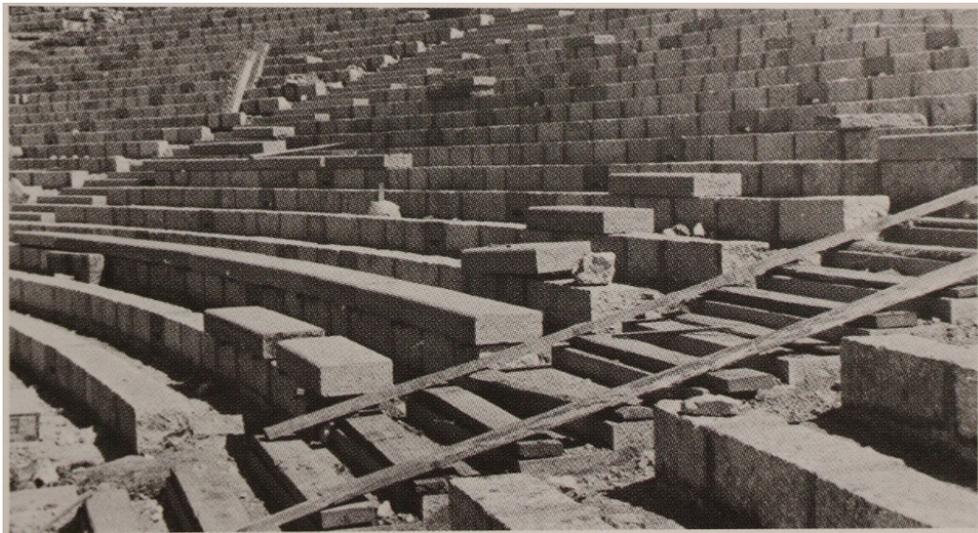


Figura 103 - “O início do revestimento das bancadas em pedra. 1940.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 153.



Figura 104 – Revestimentos das bancadas do “Estádio Nacional”. 1991. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.



Figura 105 – “Vista aérea do Estádio Nacional”. 1944. Fotografia de M. P. Carneiro. In **GUIA**, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 171.

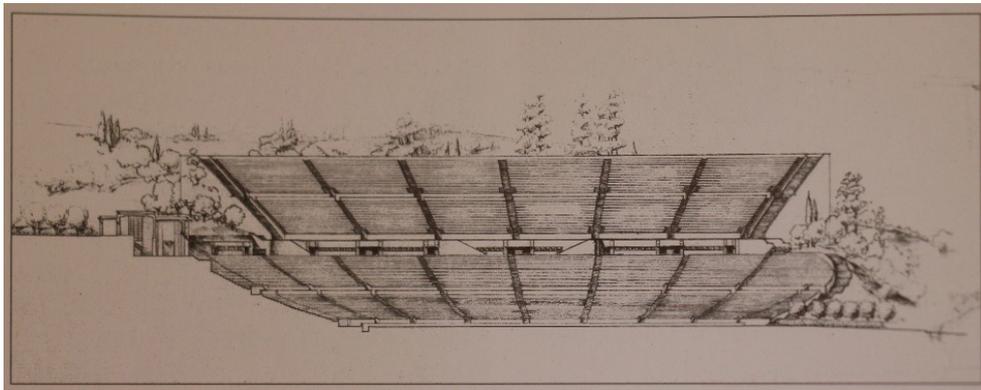


Figura 106 - “Estudo de Miguel Jacobetty para ampliação das bancadas do Estádio. Sobrepondo uma segunda bancada.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 62.

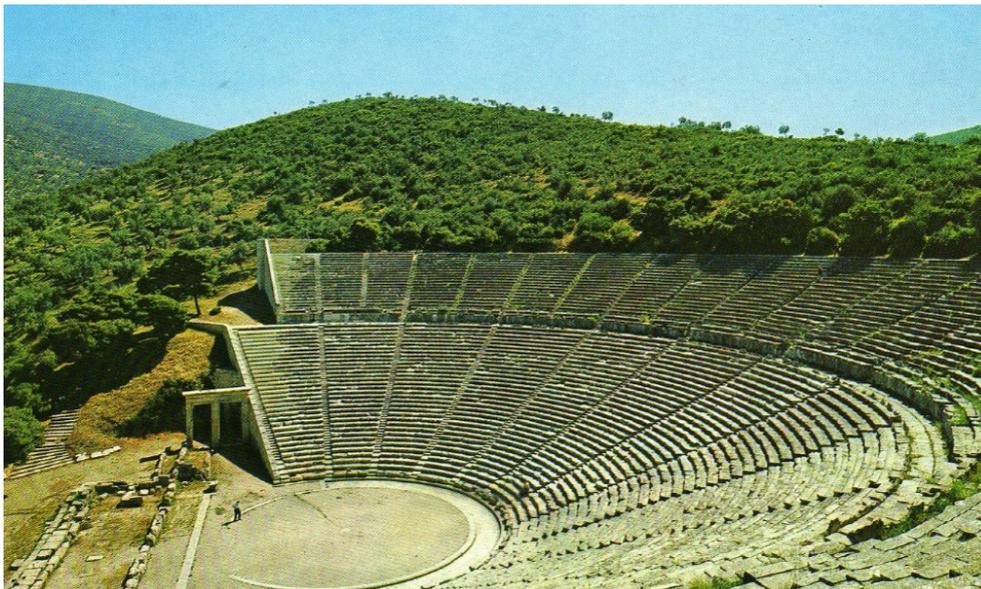


Figura 107 – Teatro de Epidauro, Grécia. 2011. Fotografia de Manu Treku. Acessível em FLICKR [Em linha]. [consult. 03 Agosto 2020]. Disponível em WWW: <URL: [>](https://www.flickr.com/photos/58191074@N04/5541478890/in/photolist-9rFwBu-2hGfzFp-PbwDz-7MPHMt-pUgaat-4Yk65H-PbqqF-3fuqeJ-KC2yrc-PbsRB-PbsRK-PbqqH-PbsSa-PbsSg-PbkRF-PaRKf-y2tsQ-PaRKd-6VAcPb-PbsRP-PbwDD-9zYTDA-PbwDt-Pbqqr-Pbqqc-Pbqqa-PbwDi-PbkRR-byFJi7-PbkRH-PaRJY-PaRJQ-PbkRM-PbkRT-PaRK5-PbsSk-PbkRB-PaRJN-Pbk6z-6Vw9er-Pbqqz-6Vw99x-2jbHqHu-ohwHPV-2jbHqyl-2jbDpTY-2jbG5vB-2jbG5sq-2jbDpBk-PMbMaD).

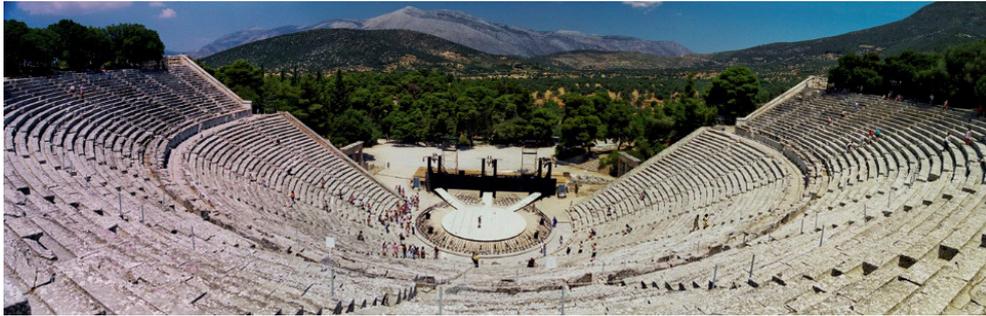


Figura 108 – Teatro de Epidauro, Grécia. 2003. Fotografia de Gisleno. Acessível em FLICKR [Em linha]. [consult. 03 Agosto 2020]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.flickr.com/photos/gislenofl/3078806316/>>.

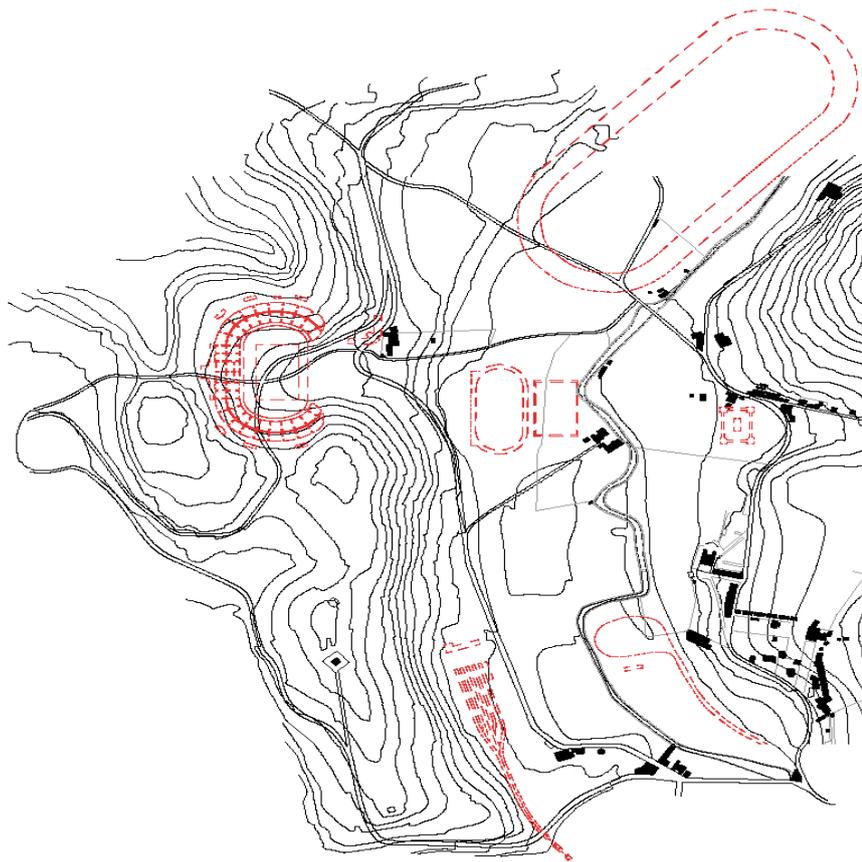


Figura 109- Sobreposição do Vale do Jamor e das quintas aí existentes com alguns dos primeiros edifícios que foram construídos, a encarnado.



Figura 110 – “Panorâmica da Praça da Maratona” [1940-1944]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 178.



Figura 111 – “Entrada da Praça Sul”. Fotografia de Horácio Novais. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 79.



Figura 112 – Entrada Norte do Estádio do Jamor onde se localiza a entrada para a Tribuna de Honra. [1944]. Fotografia de Horácio Novais. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 40.



Figura 113 – Vista aérea sobre o Estádio e Vale do Jamor onde se pode observar a relação que a interrupção nas bancadas estabelece com o Vale. 1998. In **Arquivo Municipal de Oeiras**.



Figura 114 –“Vista aérea do Estádio Nacional” [1940]. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 164 -165.



.Figura 115 – Vista sobre o Vale do Jamor, onde é possível observar ao fundo o Estádio encaixado na topografia. [1944]. Fotografia do Estúdio Horácio Novais. **FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT164.50200)

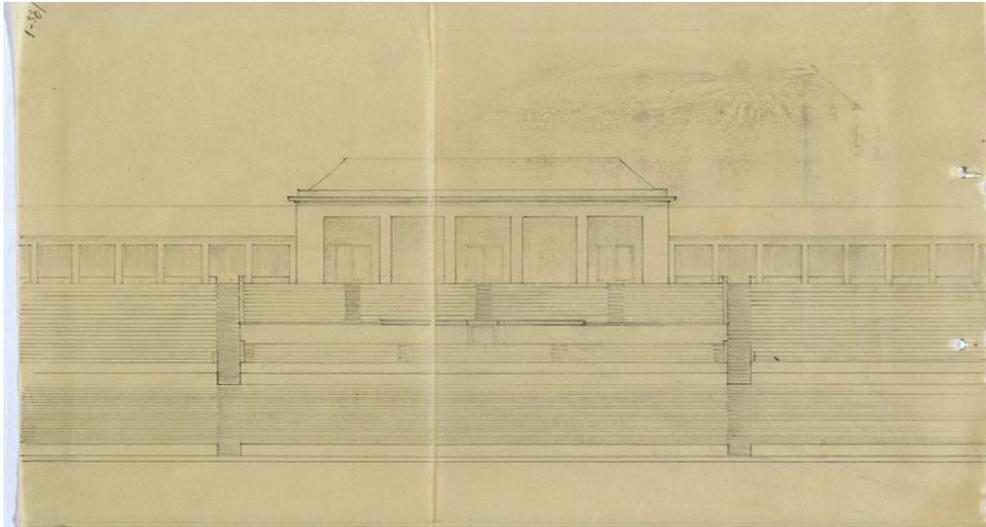


Figura 116- “A solução para a tribuna de honra proposta por Wiesner e Caldeira Cabral.” In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 62.

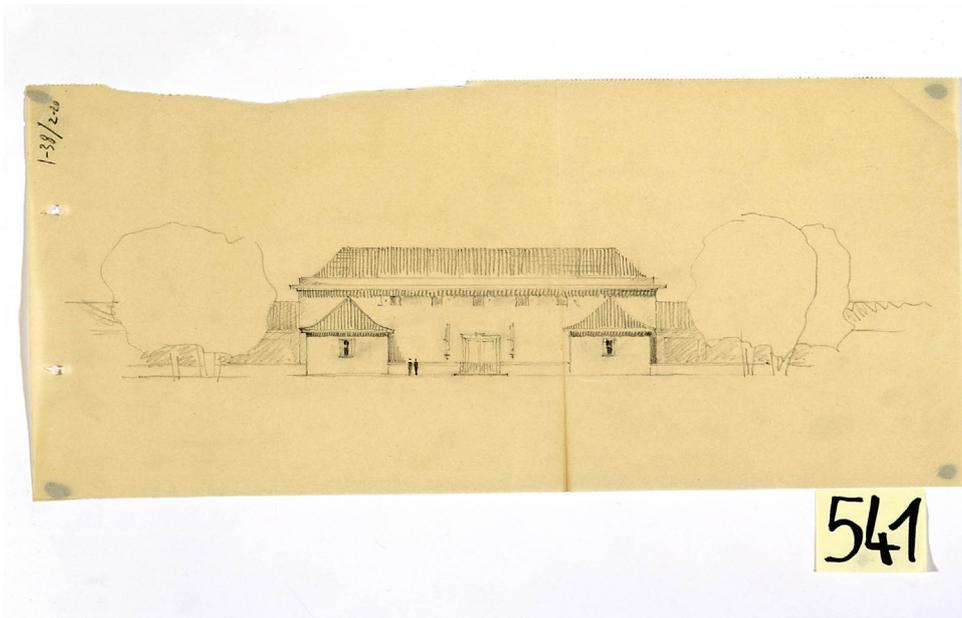
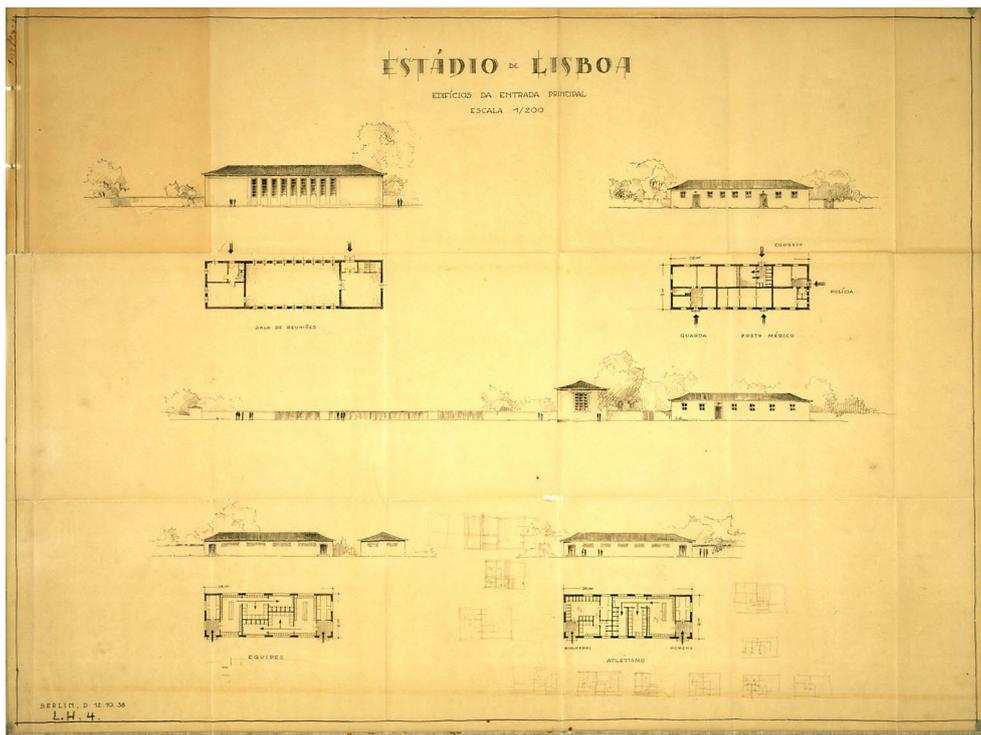


Figura 117 – “Esquício. Alçado poente/ Sem assinatura, s.d. Sem escala” Fotografias de Manuel Silveira Ramos. FCG – **Biblioteca de Arte e Arquivos** – (CFT169.423)



563

Figura 118 –“Estádio de Lisboa – Edifícios da entrada principal. Escala 1:200. Berlim 12-10-1938” Fotografias de Manuel Silveira Ramos. FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos–

(CFT169.445).

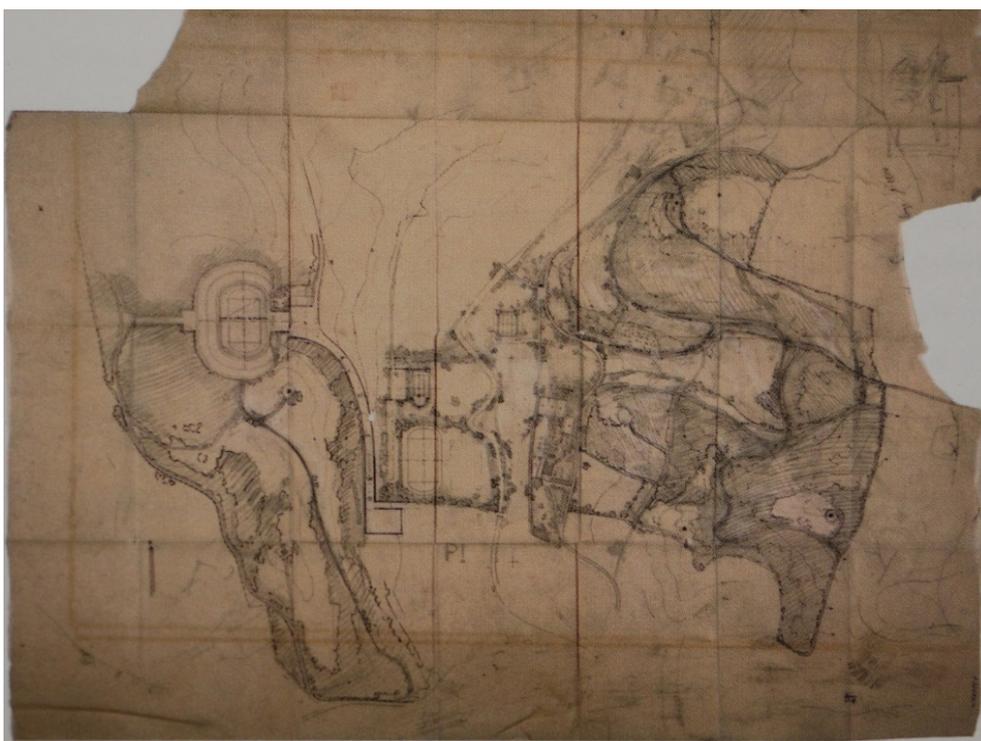


Figura 119 - Proposta dos arquitetos Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner – proposta de alteração de implantação do Estádio. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1910- 1970). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

IV - Projeto

O Estado Novo identificava-se com a “ideia original do desporto moderno de oitocentos, que defendia a primazia do culto do corpo através do amadorismo.”¹⁷³ Até 1942 a política desportiva do regime era quase inexistente apesar de começarem a surgir algumas ações que já pronunciavam o início da “institucionalização do desporto estadonovista”¹⁷⁴ com a criação da Mocidade Portuguesa e da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, em 1935. Numa segunda fase, entre 1943 e 1960, é institucionalizada e desenvolvida uma política desportiva com a criação do “órgão regulador de todo o desporto nacional – Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar (DGEFDSE)”¹⁷⁵, que tinha como principal função “doutrinar, regular, vigiar, disciplinar e controlar o desporto nacional”¹⁷⁶ que vinha também responder a críticas onde se adjetivava o desporto nacional como anárquico, característica da qual o Estado se queria distanciar.

Mas a evolução do desporto e a evolução social após a Segunda Guerra Mundial conduzem esta política desportiva baseada no amadorismo à falência. Tal como na arquitetura também dentro do regime existia uma dicotomia entre tradição e modernidade provocando também a decadência do próprio regime confrontado com o contexto internacional.

É neste clima de tensão que em 1960 a DGEFDSE admite o profissionalismo de algumas modalidades, onde se inclui o futebol, o ciclismo e o pugilismo. Contudo, para o Estado era o amadorismo que se encontrava o verdadeiro desporto.¹⁷⁷

Memória Descritiva

O Estádio foi inaugurado, em 1944, (Figura 120) como Estádio de Atletismo e Futebol, mas a sua denominação terá sido até pelo menos 1939

173 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 43.

174 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 38.

175 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 39.

176 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 44.

177 SERRADO, Ricardo – O desporto no Estado Novo | 1933 – 1974. In GUIA, Diogo, ed. lit. - **O Jamor: O palco maior do desporto nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 56.

de Estádio de Atletismo como podemos observar nos desenhos de Miguel Jacobetty Rosa figura 121. A inauguração contou com demonstrações de atletismo, ginástica e futebol. O Estádio passa a ser também a casa da Seleção Nacional e da Taça de Portugal. Terá recebido também diversas competições internacionais futebolísticas e de atletismo.

No entanto, com o passar dos anos e a atualização dos regulamentos de segurança das infraestruturas desportivas o Estádio Nacional tem sofrido algumas alterações na tentativa de manter atividade no recinto. Intervenções estas que têm desvalorizado o projeto arquitetónico figuras 122 e 123. O edifício encontra-se em processo de classificação o que tem mantido o futuro deste num impasse. Atualmente recebe eventos culturais, treinos e jogos de futebol da Primeira Liga de Futebol, devido à situação provisória do Clube de Futebol Belenenses SAD (Figura 124) entre outras atividades.

Na proposta de intervenção propomos a valorização do atletismo no Estádio Nacional do Jamor, pelo interesse de manter o Estádio e o Vale ao serviço de todos, evitando a absorção da sua utilização para fins futebolísticos, no entanto, não impedindo a sua utilização para competições futebolísticas, principalmente da Taça de Portugal, evento que tradicionalmente é aqui realizado.

A encosta poente do Vale do Jamor, onde o Estádio está inserido, é caracterizada pela massa arbórea que abraça esta elevação da geografia. Esta massa é delimitada a Sul pela Estrada Marginal, a Poente pelo ramal de acesso à A5 e/ou A9, a Norte pela autoestrada A5 e interrompida a Nascente pelo Estádio Nacional (Figura 125). O envolvimento do estádio por esta mata é idealizado, por Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, para proteger o recinto desportivo dos ventos predominantes, que inclinam o sentido vertical de crescimento das árvores (figura 126), além de conferir uma relação de proximidade com a envolvente aos atletas e público (figura 127).

Dada a importância desta relação no projeto, a transitoriedade do grande evento Olímpico e a necessidade imprescindível de aumentar a lotação máxima do estádio para receber o evento Olímpico, optou-se por fazer uma ampliação temporária das bancadas. Esta construção temporária permitirá devolver a relação, num plano de proximidade, com a envolvente impedindo o aumento da monumentalidade do Estádio, que transportaria esta relação para um plano secundário perdendo-se assim as intenções de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, que encontraram na morfologia natural do terreno a implantação deste edifício, integrando-o na paisagem como se este originalmente ali pertencesse. Tendo ainda em conta a exposição solar, os ventos dominante e as pré-existências. (Figuras 128, 129, 130 e 131)

O projeto que se propõe para o Estádio é caracterizado por duas fases: uma temporária para responder a necessidades decorrentes do evento Olímpico e outra que permanente, pensando na atividade do equipamento após o grande acontecimento e garantido o seu contínuo funcionamento.

Além do aumento temporário da capacidade de espectadores, foram

verificadas outras carências nos equipamentos de apoio ao funcionamento do Estádio. Entre estes está a reduzida capacidade dos balneários atuais para receber o evento Olímpico, a falta de espaço das instalações do CDNJ e a carência de instalações sanitárias para a capacidade atual do Estádio. A estas problemáticas surge ainda a amputação da entrada Poente para o Estádio com a construção da cidade do futebol que substituiu um dos Estacionamentos do Estádio, reduzindo as possibilidades de acesso pedonal ao Estádio.

Ao visitar o edifício dos balneários do Estádio Nacional (Figura 132), constatou-se que as instalações do CDNJ ocupam grande parte deste tendo alterado drasticamente muitos dos espaços, tendo sido ainda necessária a construção de um novo edifício com mais espaços para serventia do CDNJ, onde existe um pequeno auditório. Dentro destes espaços é guardado grande parte do espólio do Estádio Nacional, no entanto este não tem um espaço adequado à sua conservação. O edifício do auditório além de apresentar uma modesta conceção, compromete os projetos de Miguel Jacobetty Rosa e de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, impedindo uma série de relações pretendidas nestes projetos (figuras 133 e 134).

É proposta assim a realocação do auditório e da sede da CNDJ. A CNDJ será realocada na Quinta do Esteiro, proposta sugerida no trabalho de grupo. O espólio do Estádio manter-se-á nas suas imediações com a criação de um novo edifício: o Centro Interpretativo e Arquivístico do Estádio Nacional (Figuras 135, 136, 137, 138, 139, 140 e 141), onde será realocado o auditório demolido, permitindo libertar o edifício dos balneários, dedicando-se este novamente exclusivamente à sua função original possibilitando devolver o desenho do edifício à traça original (Figuras 142 e 143), conferindo-lhe a dignidade inicial, uma vez que a sua função se mantém imprescindível na atualidade.

A implantação do Centro Interpretativo é feita do lado Sul da Praça da Maratona, contrapondo-se ao edifício dos balneários existente no lado Norte, proporcionando maior equilíbrio ao espaço da Praça. Este novo edifício, no decorrer dos jogos Olímpicos, será utilizado temporariamente como balneários de modo a complementar os já existentes. O Centro Interpretativo e Arquivístico do Estádio do Jamor pretende por sua vez facilitar o acesso ao público de todo o espólio e, simultaneamente, gerar atividades a partir deste, dando a conhecer a importância deste projeto ao público e valorizando-o. Os novos edifícios consolidam o espaço da praça existente, procurando enfatizá-la, estabelecendo continuidade entre o velho e o novo.

A opção de manter os balneários no lado nascente do estádio prende-se com a importância simbólica que este lado da infraestrutura representa, uma vez que é neste lado que as bancadas são interrompidas e dão lugar à Praça da Maratona por onde entrariam os desfiles, situação que voltará a acontecer na cerimónia de abertura do evento Olímpico. A deslocação dos atletas neste sentido Nascente-Poente (entrada); Poente-Nascente (saída) valoriza esta interrupção e a sua relação com o Vale do Jamor ao fundo (Figura 144). As 3 entradas para o recinto desportivo mantêm-se. Alterando-se apenas a entrada

poente, que voltará a funcionar para o público em geral, com a realocação da Cidade do Futebol, e a reposição do parque de estacionamento. A requalificação desta entrada e estacionamento pretende facilitar o acesso poente, ao Estádio e Vale do Jamor, aos utilizadores que se deslocam de Caxias, Laveiras e Murgunhal, que anteriormente teriam de fazê-lo pela Estrada Marginal ou de automóvel. Este atravessamento criado no Estádio será reforçado com um acesso vertical que liga a cota 55.5, ao nível das colunatas, ao centro Interpretativo do Jamor, cuja cota de soleira é a Praça da Maratona.

O desenho da ampliação temporária das bancadas procura dialogar com as bancadas desenhadas sobre o terreno através da utilização dos pontos de referência e do posicionamento dos acessos dando continuidade aos existentes. A estrutura da nova bancada dá continuidade à loggia existente na tribuna. A ideia de dar continuidade a esta loggia concilia simultaneamente a estrutura das novas bancadas com este espaço de transição, assim como invoca duas propostas anteriores de que se tomou conhecimento. Uma de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner, figura 145, onde é possível observar, em planta, um coberto que envolve grande parte do estádio, e a outra de Miguel Jacobetty Rosa, figura 146.

As escadas de acesso às bancadas são desenhadas em dois momentos, um primeiro com uma escada agarrada ao terreno que permanecerá mesmo depois dos jogos Olímpicos e uma temporária. Na escada encostada no terreno o percurso é feito de frente para a massa arbórea, onde na cota 60 encontra um percurso pedonal existente dentro desta. No momento que a escada chega à cota 60 o percurso faz um pequeno alargamento para receber os espectadores aqui a escada dobra para a escada temporária ou para um acesso de nível, possibilitando a subida até à bancada de frente para o recinto dos Jogos. (figuras 147 e 148)

Os vários gomos das bancadas propostas são desenhados de modo a criar um espaçamento entre estas na zona dos acessos verticais, valorizando esta deslocação e possibilitando a integração das árvores por entre estas várias interrupções. Além de assinalar o percurso aos espectadores estas aberturas, enfatizadas pela direção dos acessos verticais das antigas bancadas, quebrando ocupação intensiva de espectadores em redor do recinto desportivo.

O aumento do número de espectadores do Estádio aumenta consequentemente uma carência a nível de instalações sanitárias, será assim reforçada a capacidade. Propõe-se a criação de novas Instalações Sanitárias, algumas de carácter temporária (figuras 149, 150, 151, 152 e 153) que se localizam suspensas nos pilares da bancada temporária que rematam a nascente o estádio, sendo o acesso a estas feito a partir da cota 60, onde se encontra o patamar intermédio de acesso às novas bancadas, e outras permanente que procuram a sua implantação em redor do Estádio (figuras 154, 155, 156 e 157) mais uma vez informadas através de propostas anteriores, da relação com as que já estão construídas e da valorização da envolvente. Os cadeiras plásticas que foram colocadas recentemente sobre as bancadas de pedra serão retiradas, assim como qualquer elemento dissonante da Tribuna.

Todas as decisões projetuais pretendem valorizar as pré-existências projetadas para o recinto, aproximando as partes constituintes do recinto desenhadas por diversos autores, dando especial atenção à valorização do lugar e do percurso como método de concepção arquitetônica a valorizar, simultaneamente tentado integrar a ideia de sustentabilidade e de tomar em consideração o máximo de influências externas possível como forma de concepção espacial.

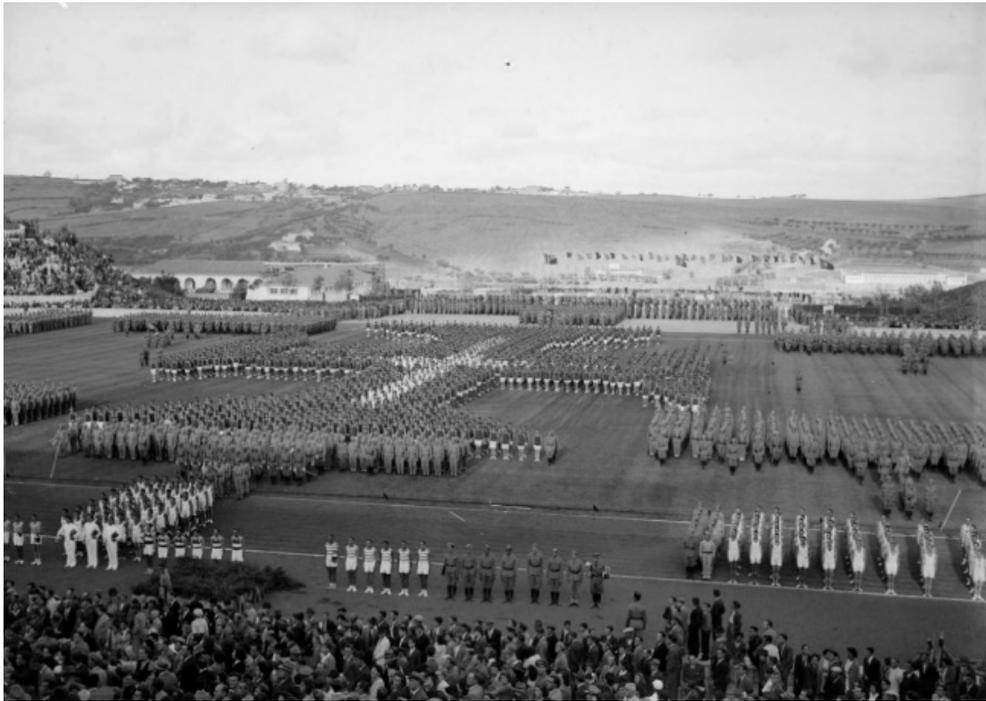


Figura 120 - Jogo de Futebol entre Belenenses SAD e Clube Desportivo das Aves no Estádio Nacional do Jamor. (fotografia: Maria de Novais, 26 outubro 2019).

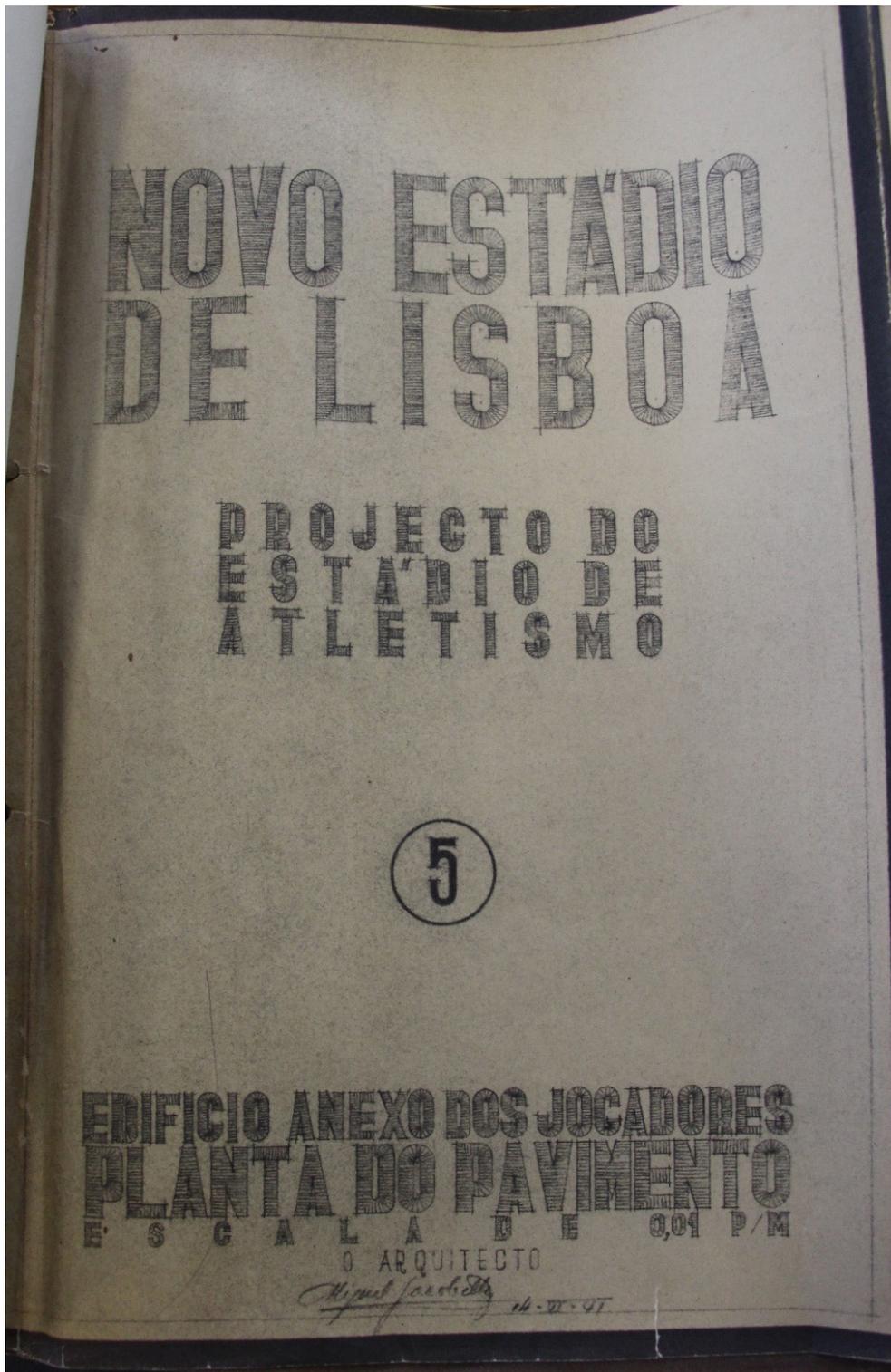


Figura 121 – Página de rosto, onde o Estádio Nacional é identificado como “Estádio de Atletismo”, de desenho técnico do projeto para o Edifício anexo dos Jogadores identificado neste trabalho como edifício dos Balneários. Arquivo do CNDJ. Estádio Nacional do Jamor.



Figura 122 – Enquadramento que nos permite identificar as novas cadeiras plástico colocadas nas bancadas e do elemento separador vertical em metal e vidro para separar os adeptos futebolísticos que descaracterizam o projeto do Estádio. (fotografia: Maria de Novais, 18 setembro 2019)



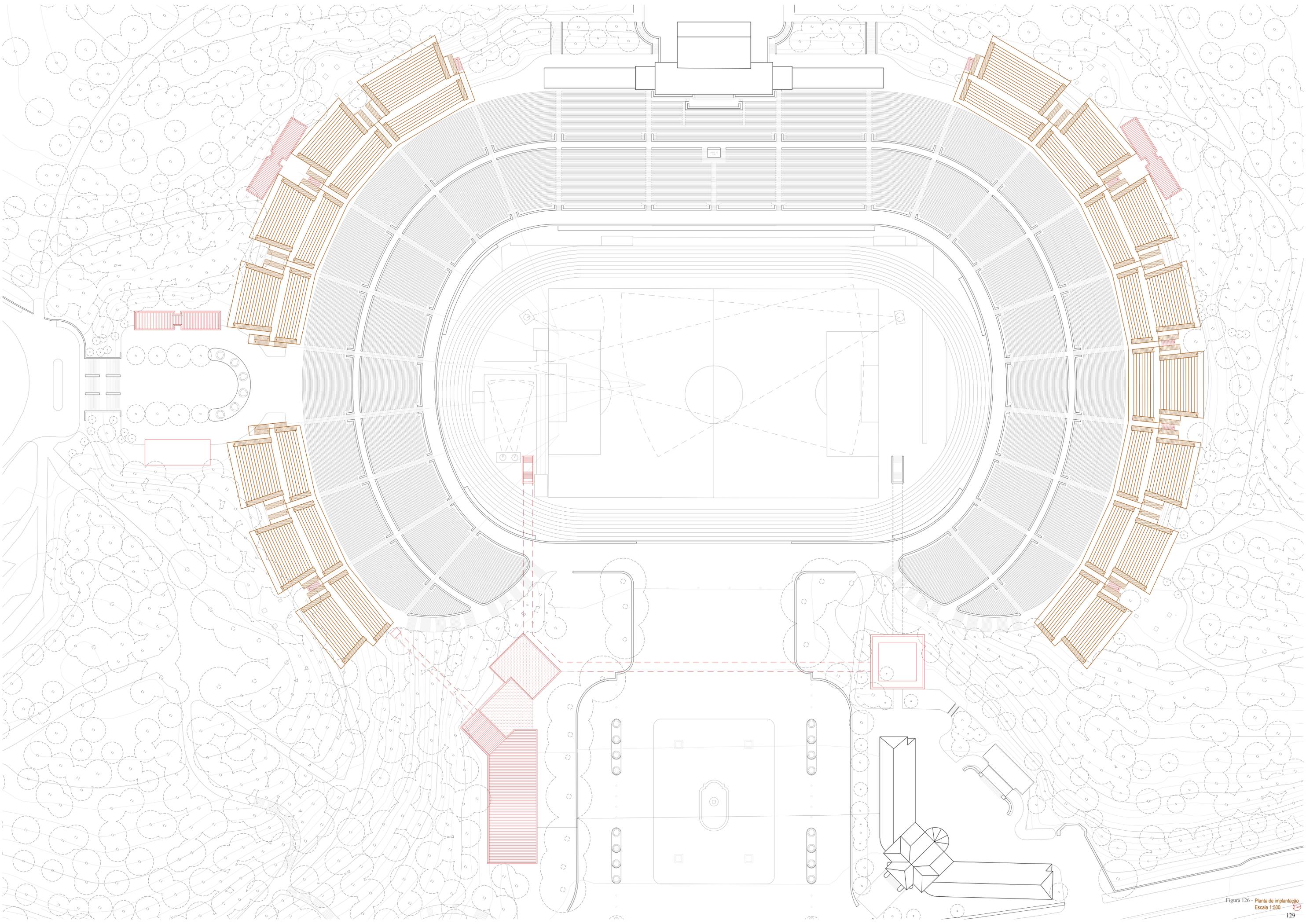
Figura 123 – Enquadramento da tribuna do Estádio Nacional onde se observam os novos elementos de sombreamento que descaracterizam o projeto desta. (fotografia: Maria de Novais, 18 setembro 2019).



Figura 124 - Jogo de Futebol entre Belenenses SAD e Clube Desportivo das Aves no Estádio Nacional do Jamor. (fotografia: Maria de Novais, 26 outubro 2019).



Figura 125 - Vista de satélite do Vale do Jamor onde se destacam as vias o limitam. Acessível em **Google Earth [Em linha]**. [consult. maio 2020]. Disponível em WWW: <URL: [google.com/intl/pt-PT/earth/](https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/)>.



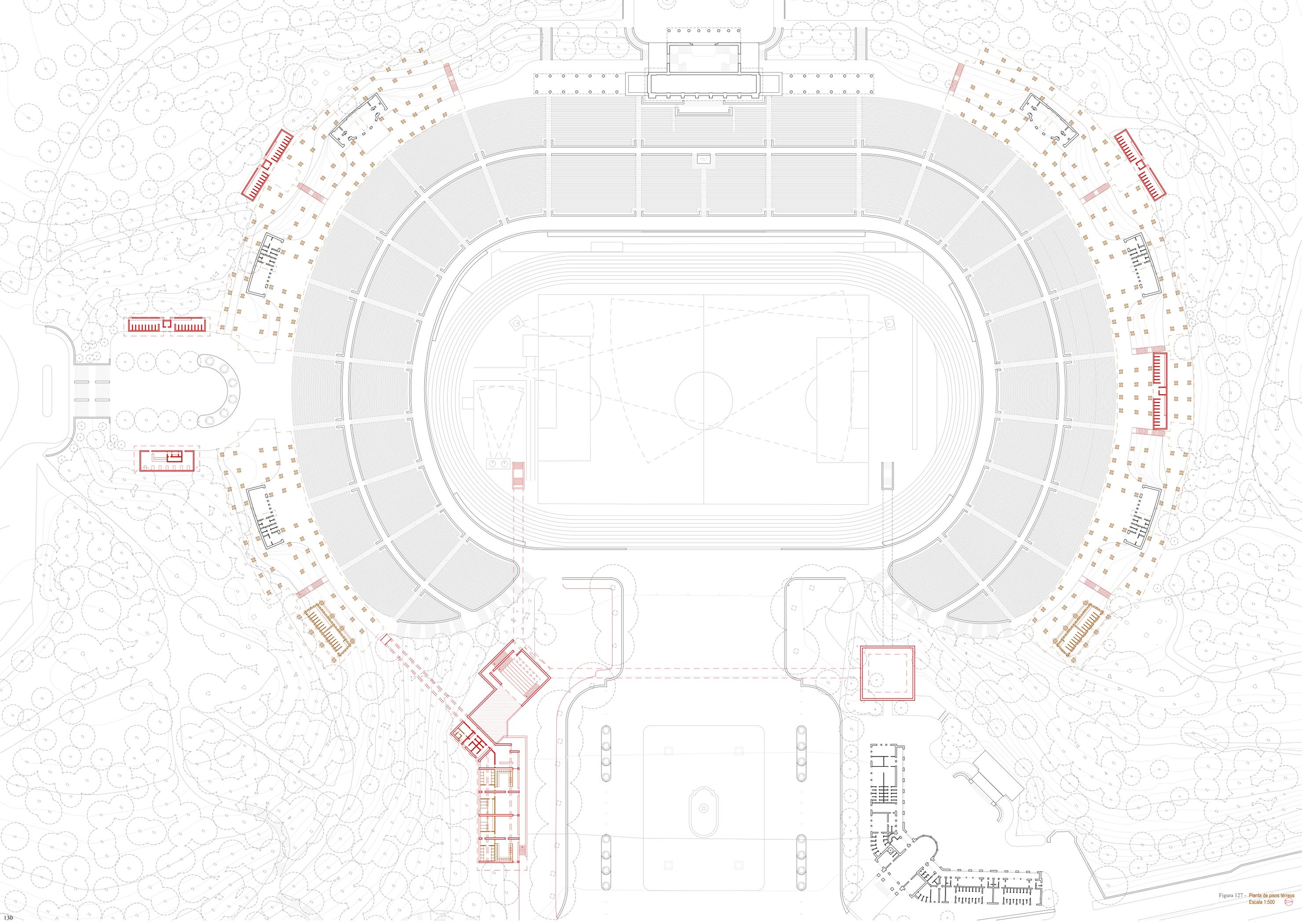


Figura 127 - Planta de pisos térreos
Escala 1:500

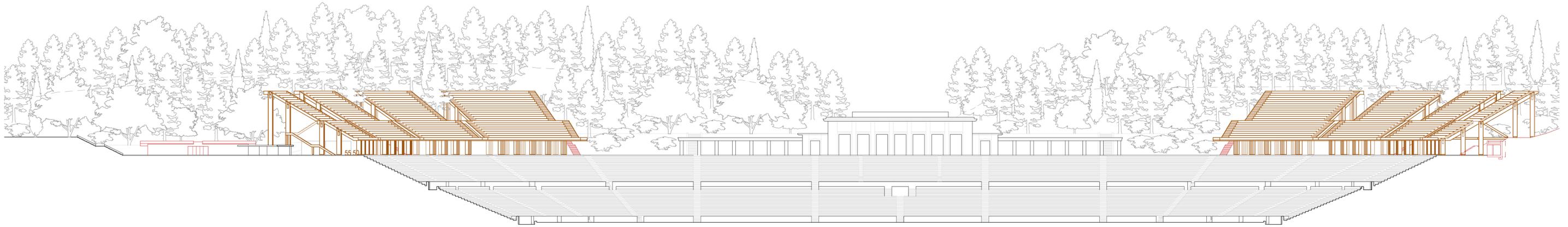


Figura 128 - Corte A
Escala 1:500

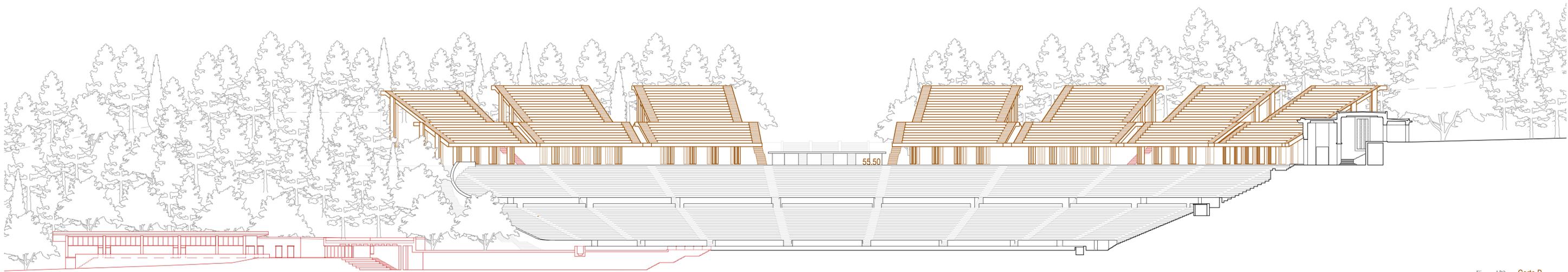


Figura 129 - Corte B
Escala 1:500



Figura 130 – Vista de parte da cobertura das Ruínas da Quinta da Conceição e num segundo plano das árvores plantadas sobre o Alto da Boa Viagem inclinadas devido ao vento que fustiga o local. (fotografia: Maria de Novais, 6 outubro 2020)

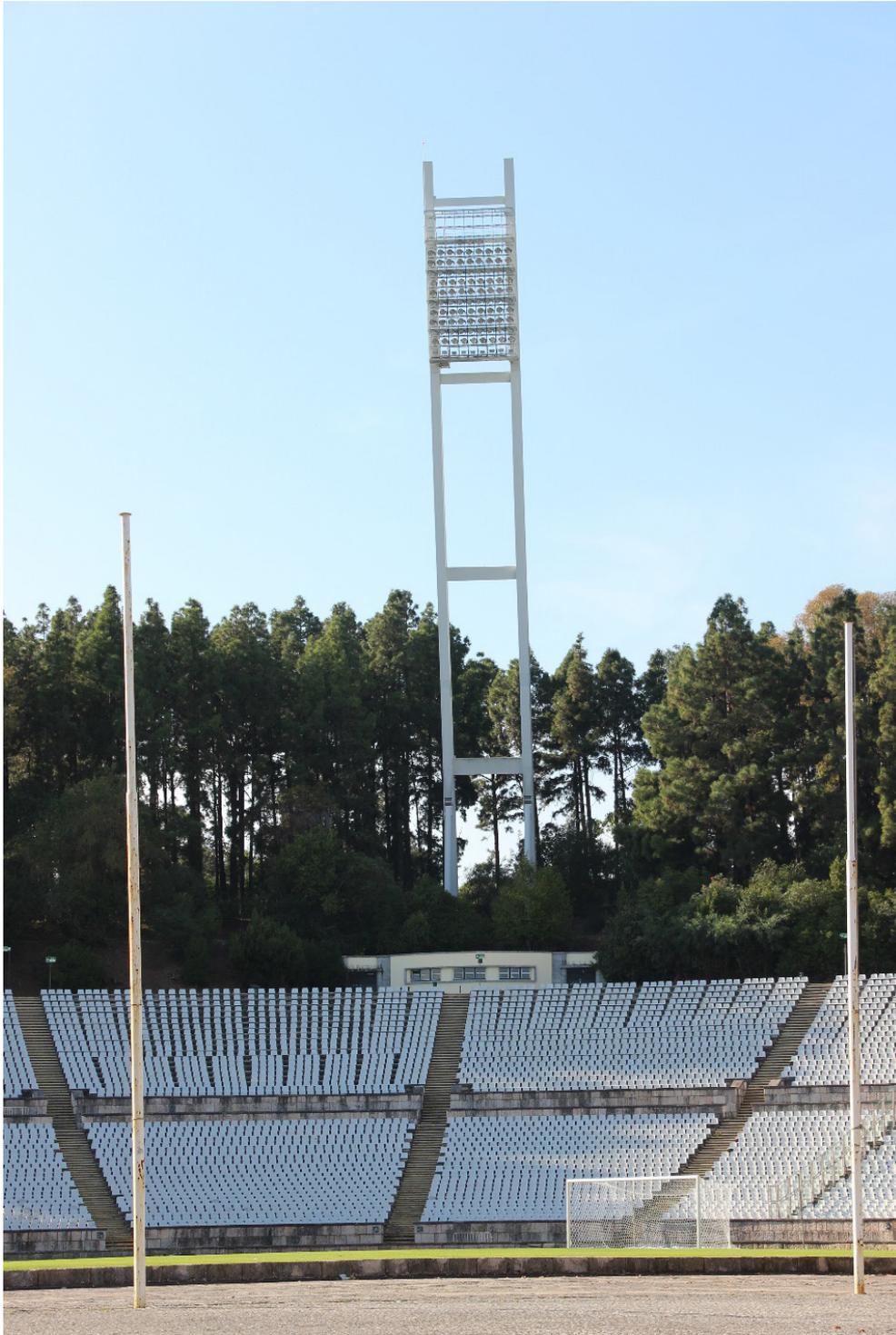
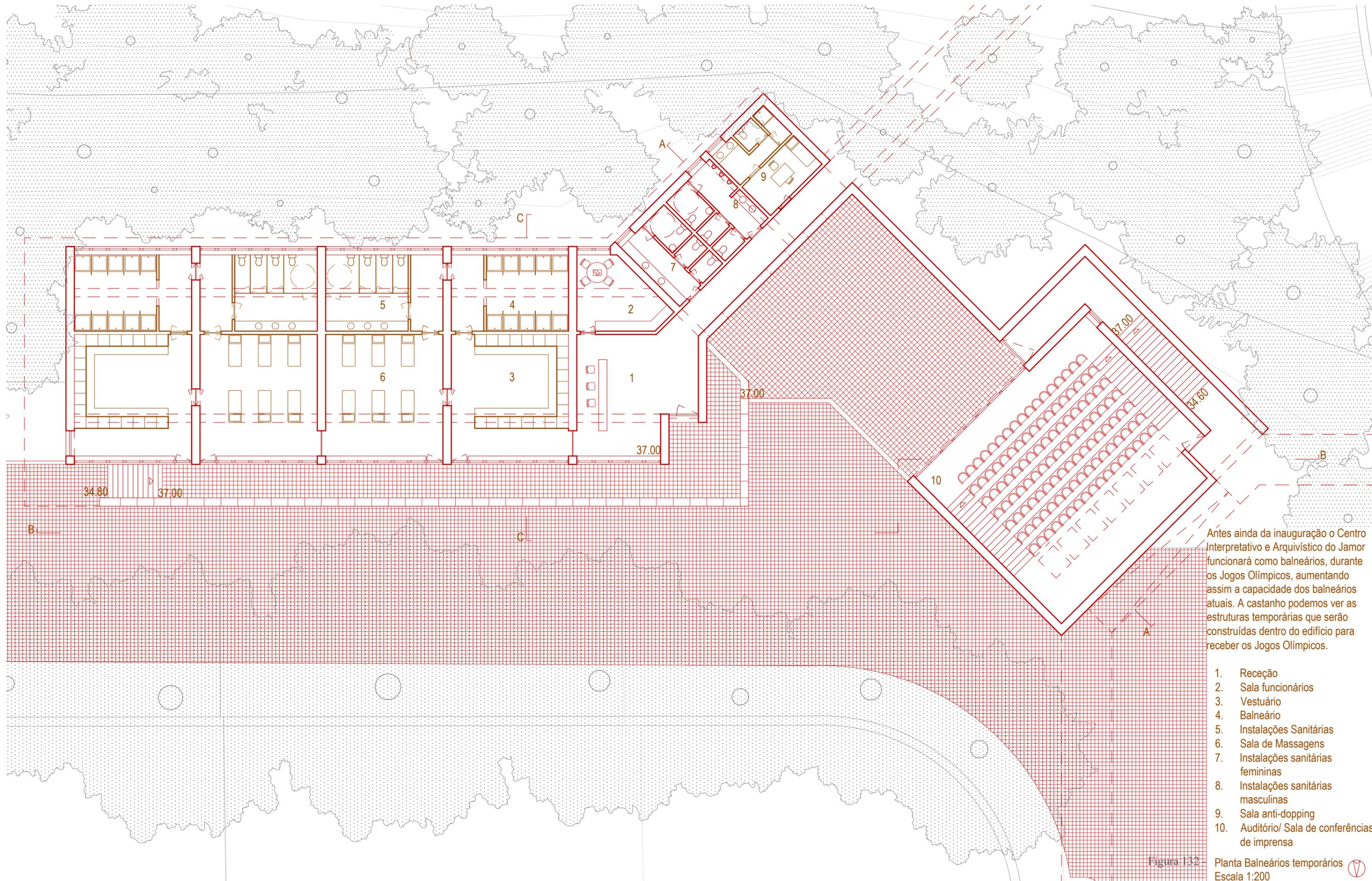


Figura 131 – Vista do Estádio Nacional do Jamor que evidencia a possibilidade de relação de proximidade tanto dos atletas com a envolvente verde como dos espectadores. (fotografia: Maria de Novais, 6 outubro 2020)



Antes ainda da inauguração o Centro Interpretativo e Arquivístico do Jamor funcionará como balneários, durante os Jogos Olímpicos, aumentando assim a capacidade dos balneários atuais. A castanho podemos ver as estruturas temporárias que serão construídas dentro do edifício para receber os Jogos Olímpicos.

- 1. Recepção
- 2. Sala funcionários
- 3. Vestuário
- 4. Balneário
- 5. Instalações Sanitárias
- 6. Sala de Massagens
- 7. Instalações sanitárias femininas
- 8. Instalações sanitárias masculinas
- 9. Sala anti-dopping
- 10. Auditório/ Sala de conferências de imprensa

Figura 132 Planta Balneários temporários Escala 1:200

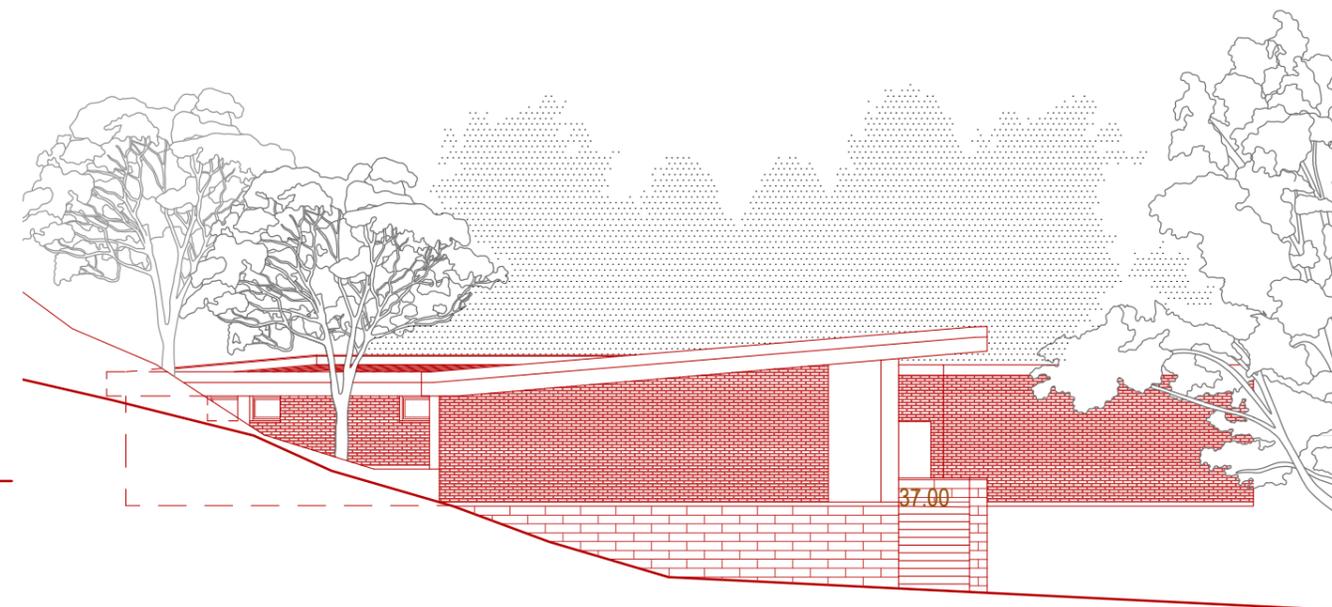
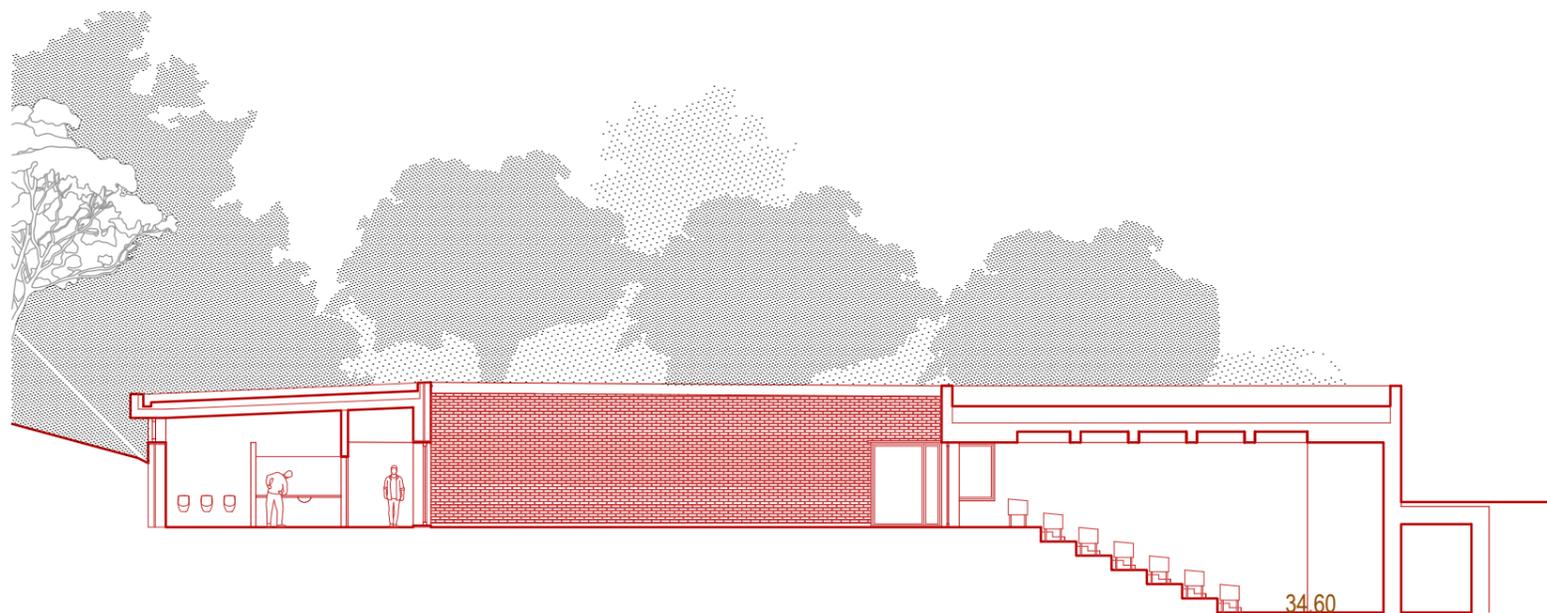
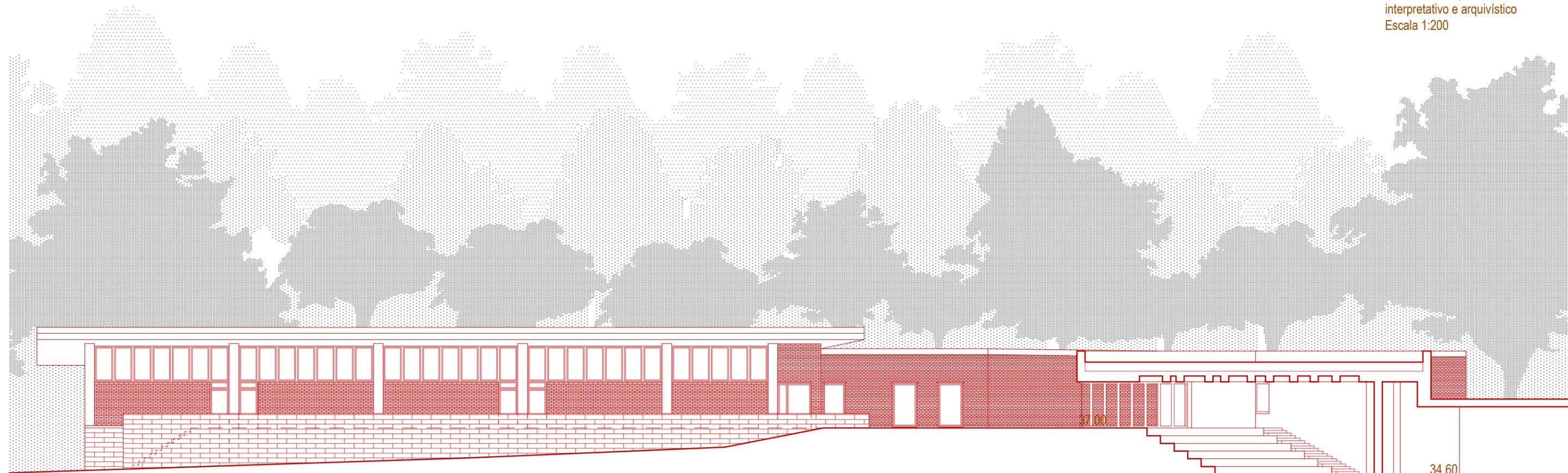


Figura 133 e 134 - Corte C e Alçado Nascente -
Balneários temporários/ Centro
interpretativo e arquivístico
Escala 1:200



Com a aplicação de tijolo clinker no pano exterior das paredes exteriores pretendemos reforçar a irregularidade das sombras das árvores. Por sua vez, por contraste, no interior escolhemos

superfícies lisas de modo a valorizar as aberturas para o exterior, contrastando com a complexidade conferida pelas árvores. Para reforçar a relação do edifício com o terreno o embasamento

é revestido a pedra lioz destacando-se. A materialidade estende-se pelo pavimento exterior até ao pátio que medeia a relação entre o edifício do auditório e do centro interpretativo. O

auditório tira partido da diferença de cotas entre o percurso subterrâneo de acesso a este e ao balneário desenhado por Miguel Jacobetti Rosa e a cota de soleira do edifício do

Centro Interpretativo (37.00).

Figura 135 - Corte D - Balneários temporários/
Centro interpretativo e arquivístico
Escala 1:200

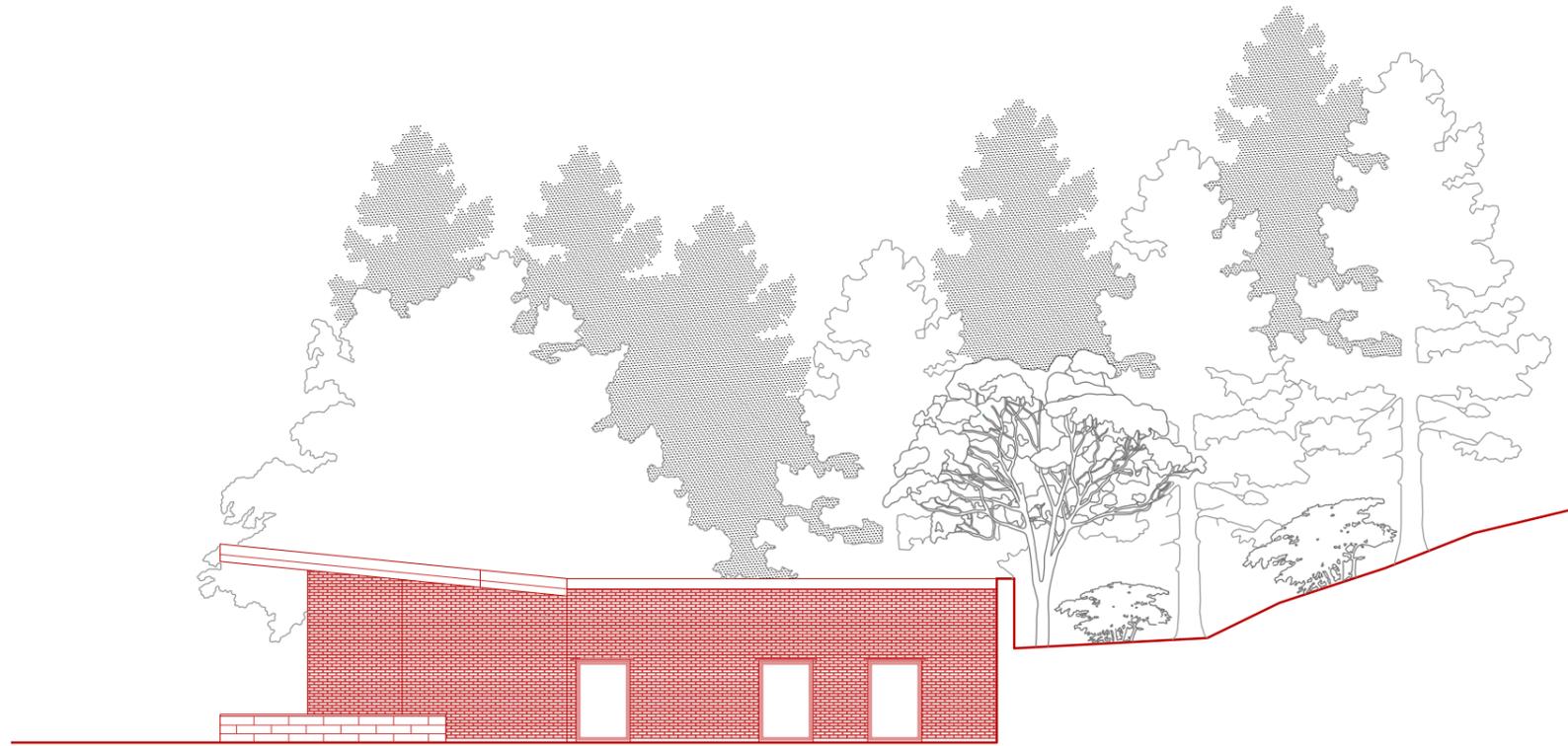


Figura 136 - Alçado Poente Balneários temporários/
centro interpretativo e arquivístico
Escala 1:200

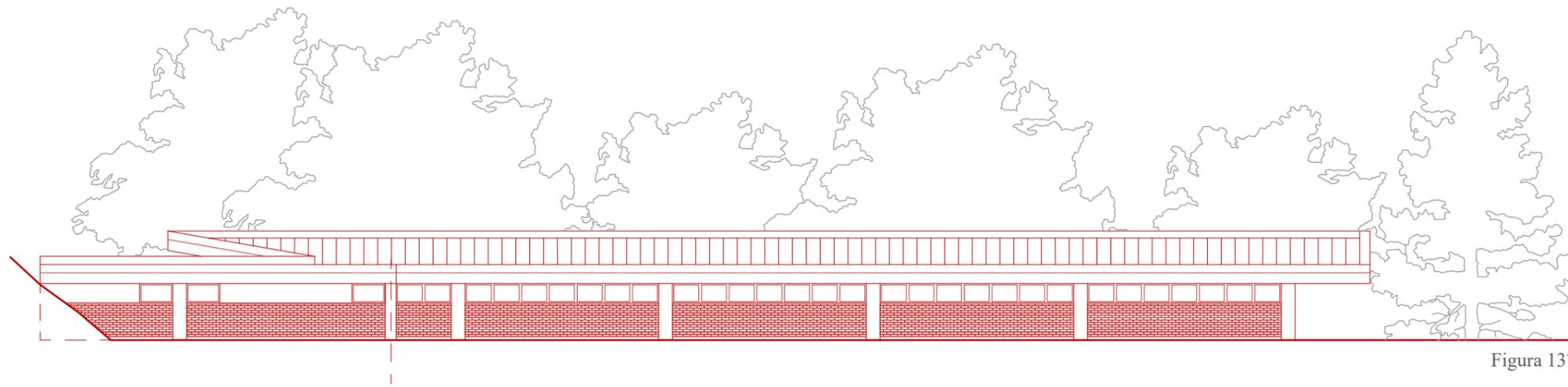
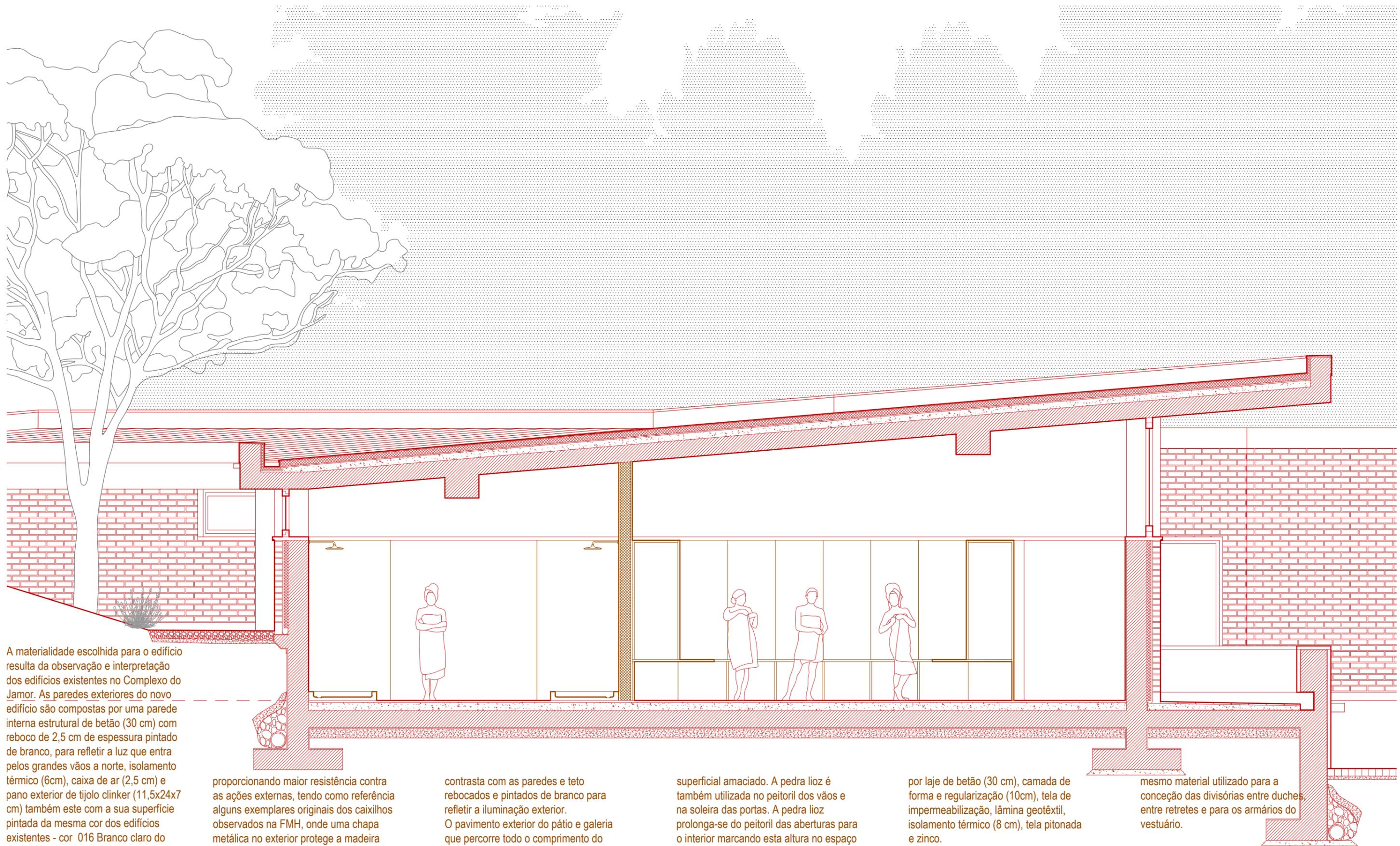


Figura 137 - Alçado Sul Balneários temporários/
centro interpretativo e arquivístico
Escala 1:200



A materialidade escolhida para o edifício resulta da observação e interpretação dos edifícios existentes no Complexo do Jamor. As paredes exteriores do novo edifício são compostas por uma parede interna estrutural de betão (30 cm) com reboco de 2,5 cm de espessura pintado de branco, para refletir a luz que entra pelos grandes vãos a norte, isolamento térmico (6cm), caixa de ar (2,5 cm) e pano exterior de tijolo clinker (11,5x24x7 cm) também este com a sua superfície pintada da mesma cor dos edifícios existentes - cor 016 Branco claro do catálogo da Barbot, por exemplo. A caixilharia será de madeira no lado interno e em alumínio no exterior,

proporcionando maior resistência contra as ações externas, tendo como referência alguns exemplares originais dos caixilhos observados na FMH, onde uma chapa metálica no exterior protege a madeira que está à vista no interior do edifício. O pavimento interior do edifício é betão afagado cuja cor superficial acinzentada

contrasta com as paredes e teto rebocados e pintados de branco para refletir a iluminação exterior. O pavimento exterior do pátio e galeria que percorre todo o comprimento do edifício dos balneários será revestido a pedra Lioz, também esta utilizada no Estádio Nacional, com acabamento

superficial amaciado. A pedra lioz é também utilizada no peitoril dos vãos e na soleira das portas. A pedra lioz prolonga-se do peitoril das aberturas para o interior marcando esta altura no espaço dos balneários e mais tarde nos espaços de exposição. A cobertura é constituída estruturalmente

por laje de betão (30 cm), camada de forma e regularização (10cm), tela de impermeabilização, lâmina geotêxtil, isolamento térmico (8 cm), tela pitonada e zinco. As paredes temporárias são construídas em laminado compacto de alta pressão cinzento, com 2cm de espessura, o

mesmo material utilizado para a conceção das divisórias entre duchas, entre retretes e para os armários do vestuário.

Figura 138 - Corte E
Escala 1:50



Figura 139- “O estádio de atletismo” Fotografia Horácio Novais. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 63.



Figura 140– Vista da Arcada Norte do Edifício dos Balneários sobre o Edifício da Tribuna. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 181.

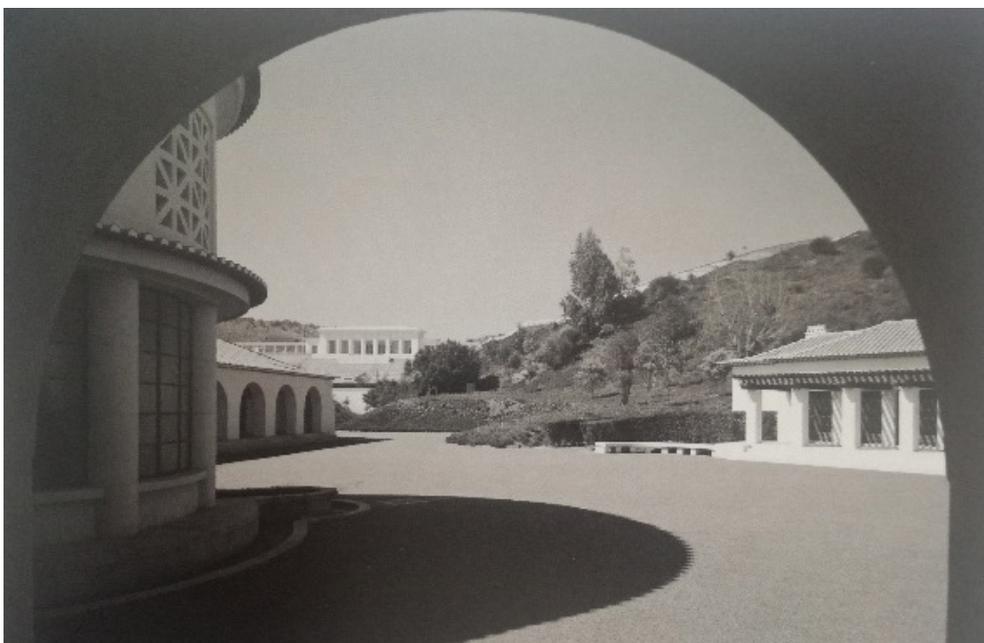


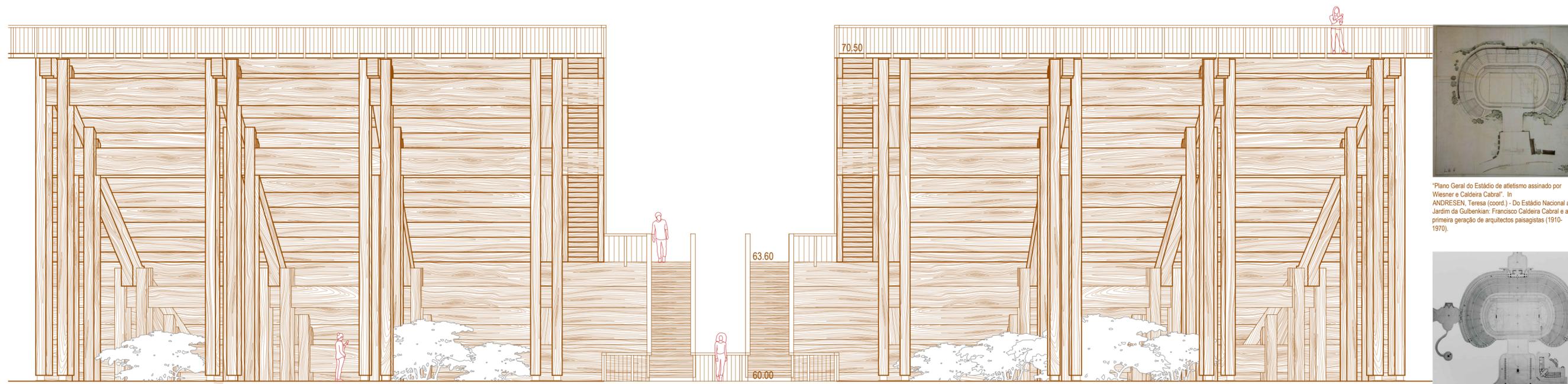
Figura 141Figura 135 - – Vista da Arcada Norte do Edifício dos Balneários sobre o Edifício da Tribuna. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 181.



Figura 144 – Relação das bancadas com o Vale ao fundo através da interrupção das bancadas. (fotografia: Maria de Novais, 26 de outubro de 2019).

A estrutura das bancadas é desenhada através da estrutura de eixos que suportou o desenho das bancadas de pedra já existentes, e da métrica da colunata da Tribuna de Honra.

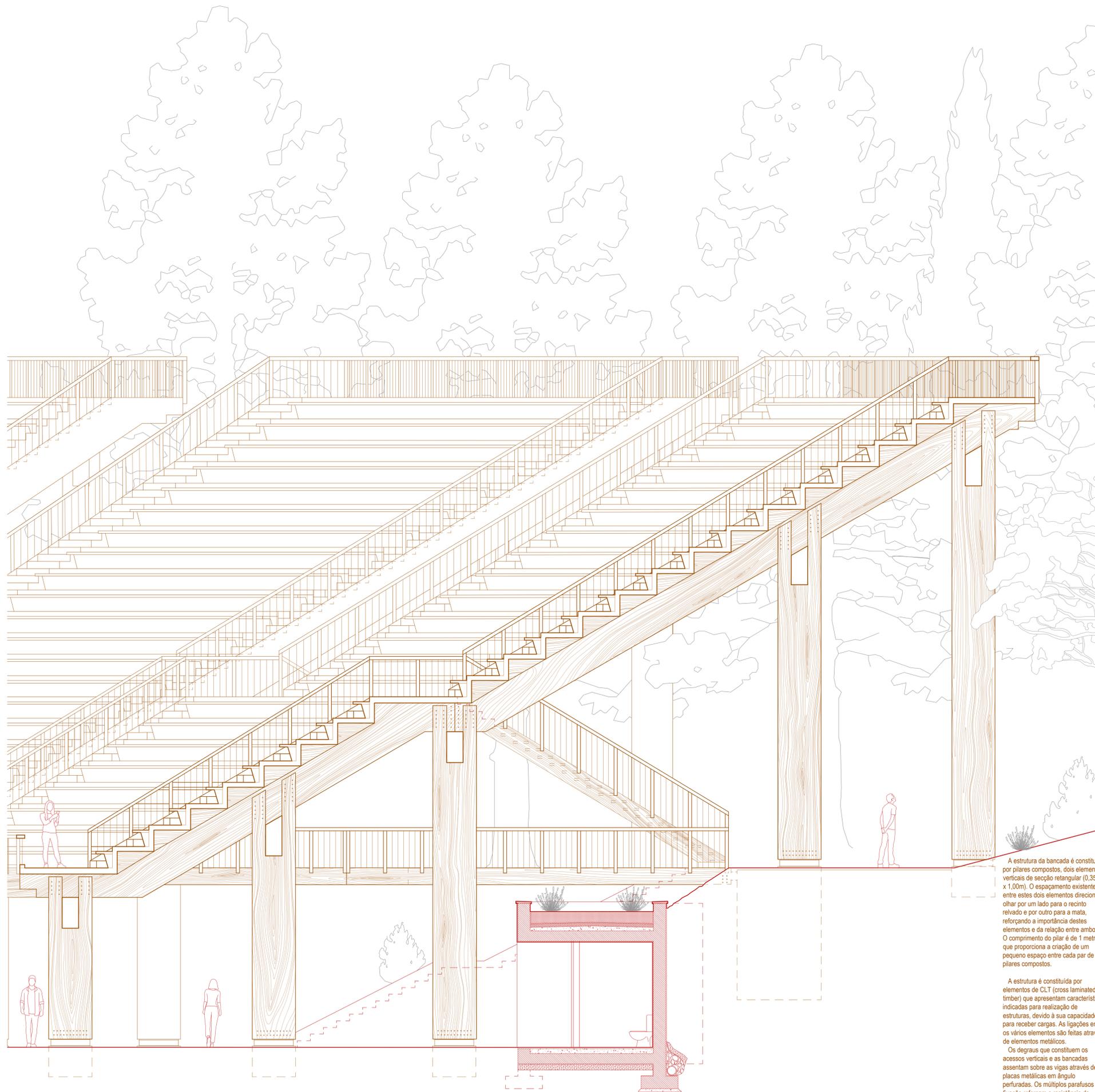
Propostas anteriores de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner e de Miguel Jacobetty Rosa já previam a continuidade da colunata em redor do estádio, que aqui se são evocadas. Mesmo acontece quando se desenha uma nova instalação sanitária na Praça sul onde vários desenhos de Miguel Jacobetty Rosa o previam



"Plano Geral do Estádio de atletismo assinado por Wiesner e Caldeira Cabral". In ANDRESEN, Teresa (coord.) - Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910-1970).

"Projecto do Estádio Nacional, 1940. In SILVA, Diogo, ed. lit. - Jamor: O palco maior do desporto Nacional.

Figura 145 - Alçado tardoz das bancadas
Escala 1: 100



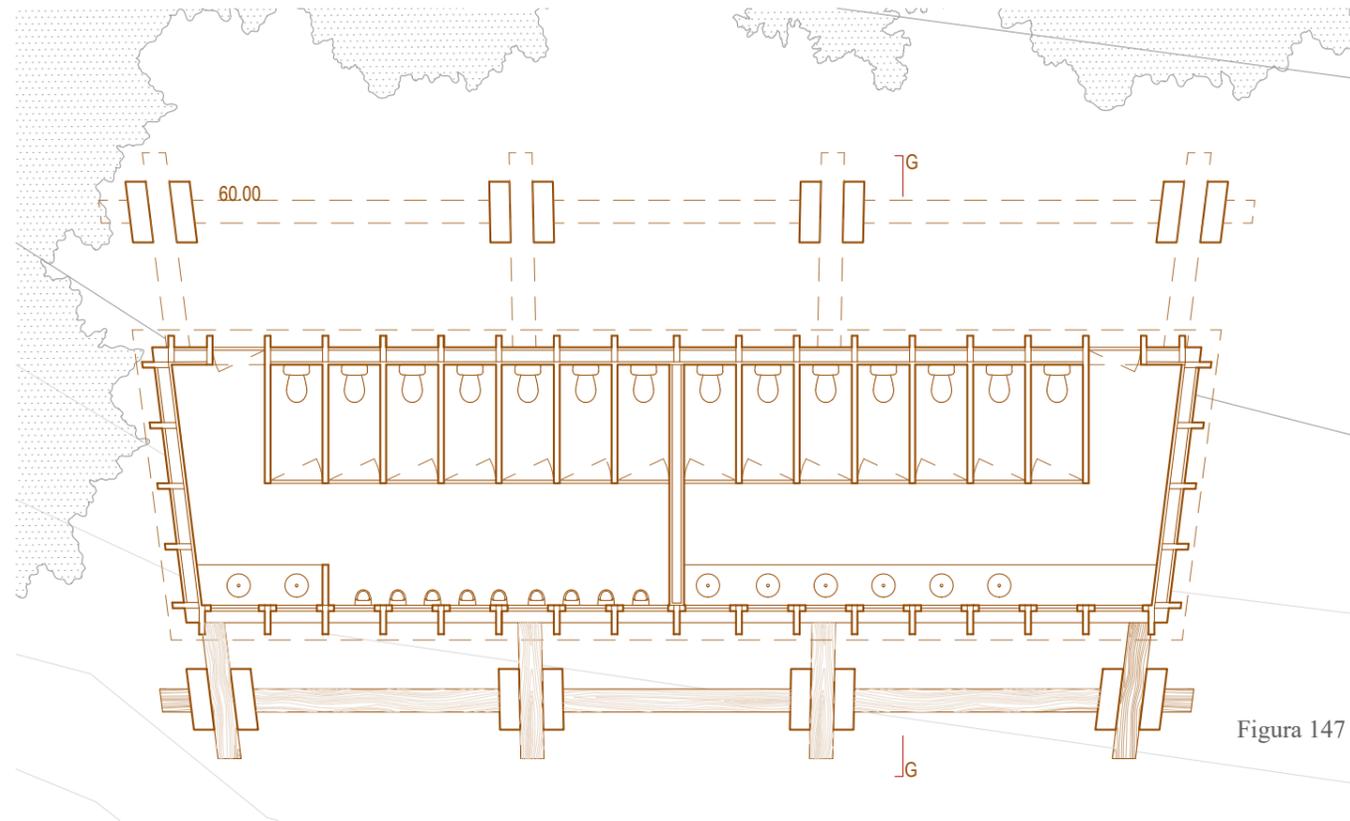
A estrutura da bancada é constituída por pilares compostos, dois elementos verticais de secção retangular (0,35 m x 1,00m). O espaçamento existente entre estes dois elementos direciona o olhar por um lado para o recíto relevado e por outro para a mata, reforçando a importância destes elementos e da relação entre ambos. O comprimento do pilar é de 1 metro o que proporciona a criação de um pequeno espaço entre cada par de pilares compostos.

A estrutura é constituída por elementos de CLT (cross laminated timber) que apresentam características indicadas para realização de estruturas, devido à sua capacidade para receber cargas. As ligações entre os vários elementos são feitas através de elementos metálicos.

Os degraus que constituem os acessos verticais e as bancadas assentam sobre as vigas através de placas metálicas em ângulo perfuradas. Os múltiplos parafusos de fixação reforçam a resistência da transmissão de cargas.

Os pilares assentam sobre elementos metálicos que transmitem as cargas ao solo através de sapatas de betão.

Figura 146 - Corte F - bancadas temporárias
Escala 1: 50



Com o aumento da capacidade das bancadas aumentará também a necessidade de mais instalações sanitárias. Assim são desenhados dois núcleos de instalações sanitárias temporárias debaixo das bancadas, nos módulos a nascente, para suprimir a carência que o aumento dos espectadores e mais de 10 000 mil pessoas proporciona.

As Instalações Sanitárias são concebidas no mesmo material utilizado para as bancadas - CLT. No interior o pavimento (amarelo), bancada dos lavatórios (branco) e as divisórias das retretes (branco) serão revestidas a laminado compacto de alta pressão.

Figura 147 - Planta Instalações Sanitárias Temporárias Escala 1:100

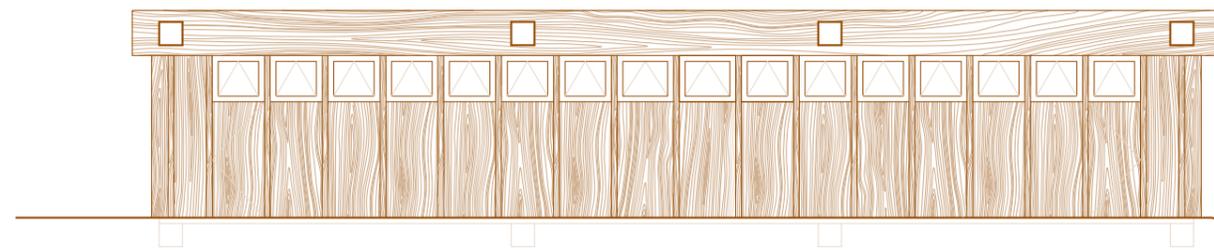


Figura 148 - Alçado Sul Instalações Sanitárias Temporárias Escala 1:100

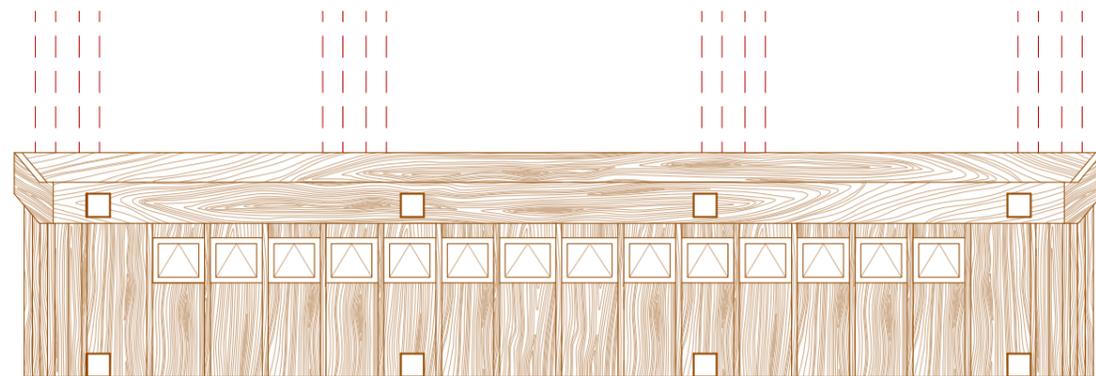
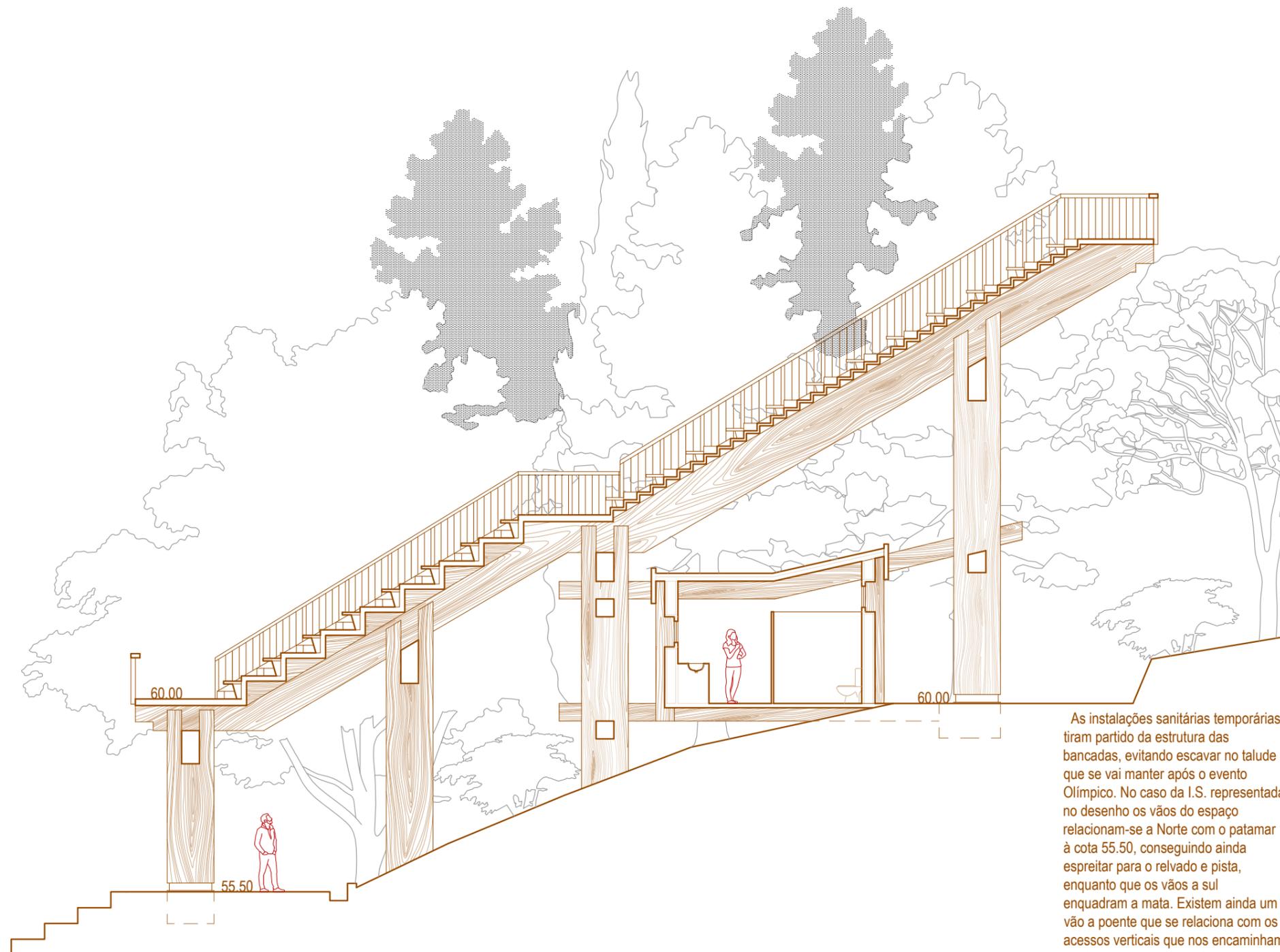


Figura 149 - Alçado Norte Instalações Sanitárias Temporárias Escala 1:100



As instalações sanitárias temporárias tiram partido da estrutura das bancadas, evitando escavar no talude que se vai manter após o evento Olímpico. No caso da I.S. representada no desenho os vãos do espaço relacionam-se a Norte com o patamar à cota 55.50, conseguindo ainda espreitar para o relvado e pista, enquanto que os vãos a sul enquadram a mata. Existem ainda um vão a poente que se relaciona com os acessos verticais que nos encaminham até às bancadas temporárias.

Figura 150 - Corte G - Instalações Sanitárias Temporárias Escala 1:100

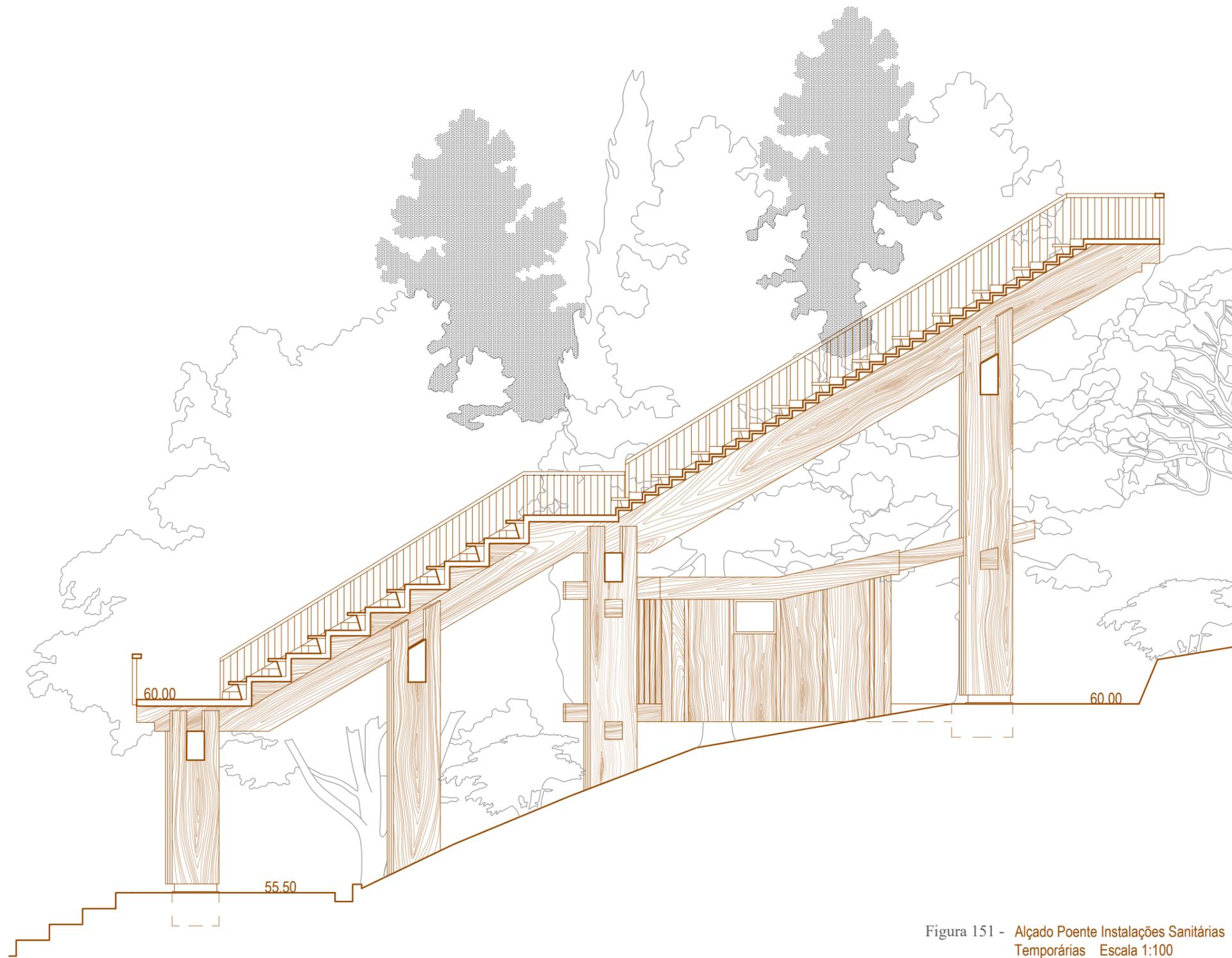


Figura 151 - Alçado Poente Instalações Sanitárias Temporárias Escala 1:100

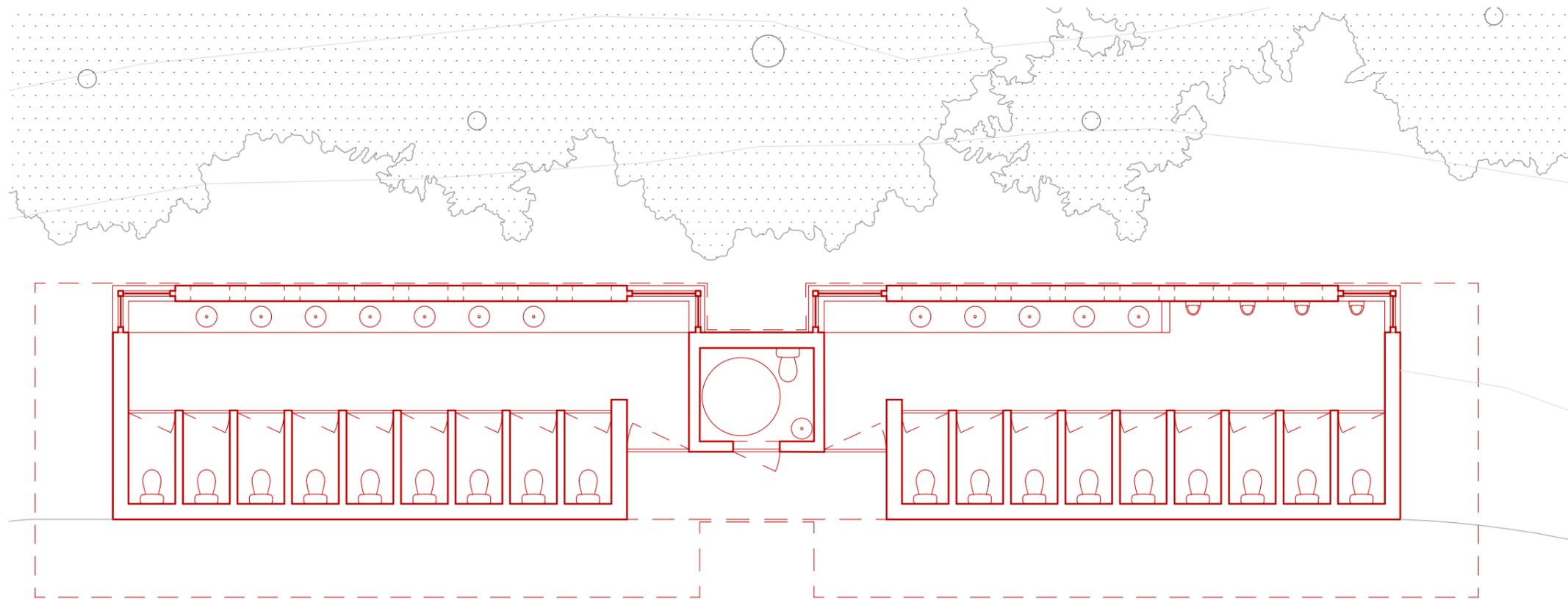


Figura 152 - Planta instalações sanitárias na entrada Sul
Escala 1:100

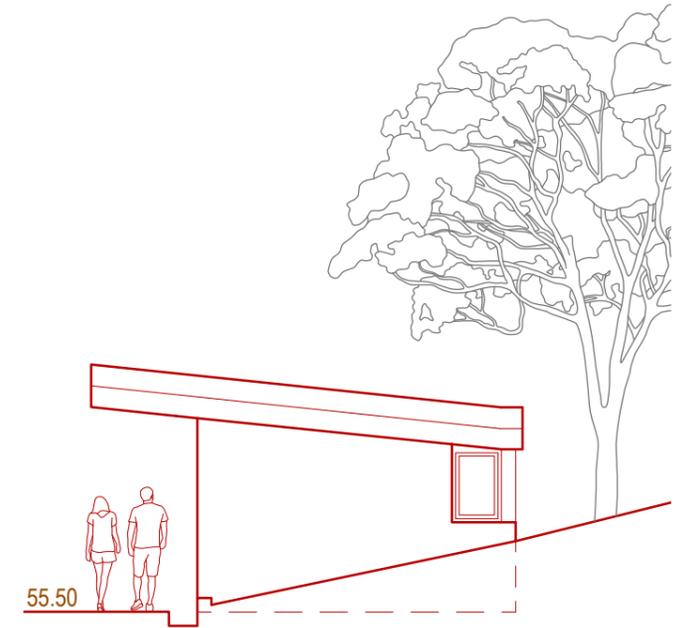


Figura 153 - Alçado Norte Instalações Sanitárias entrada Sul
Escala 1:100

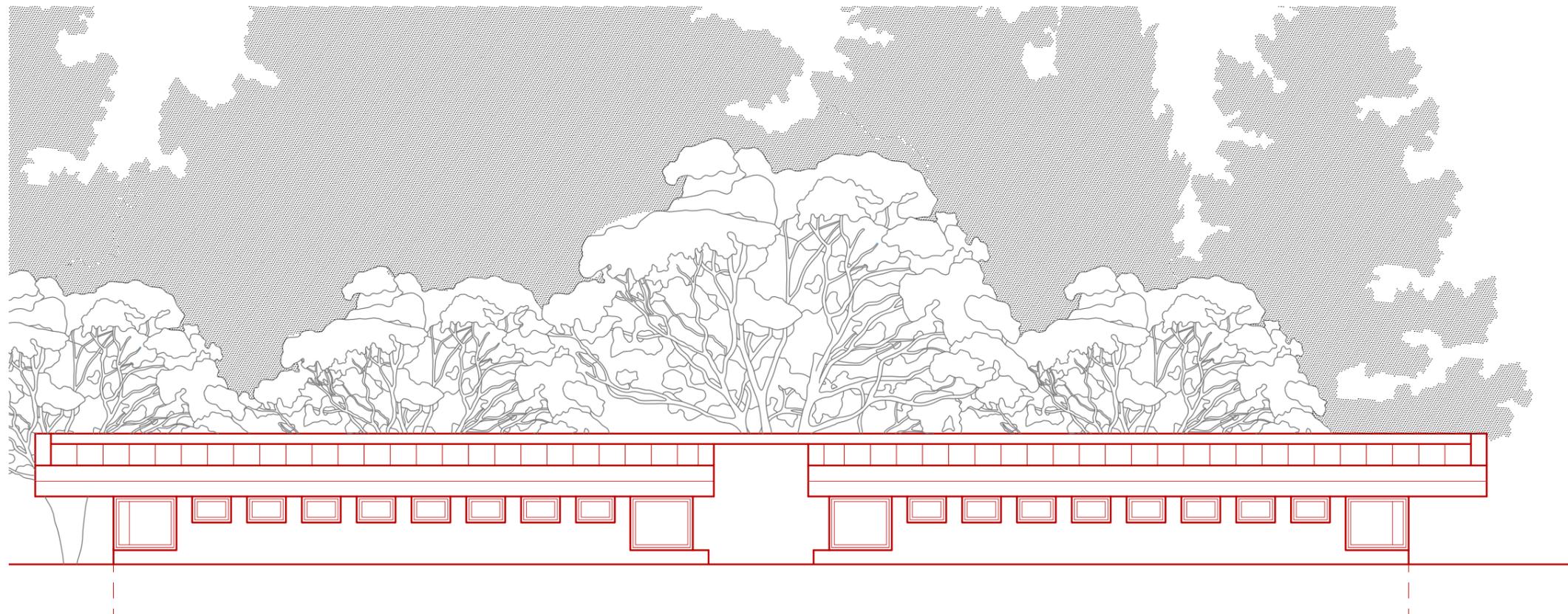


Figura 154 - Alçado Poente Instalações Sanitárias entrada Sul
Escala 1:100



Figura 155 - Corte H - Instalações Sanitárias entrada Sul
Escala 1:100

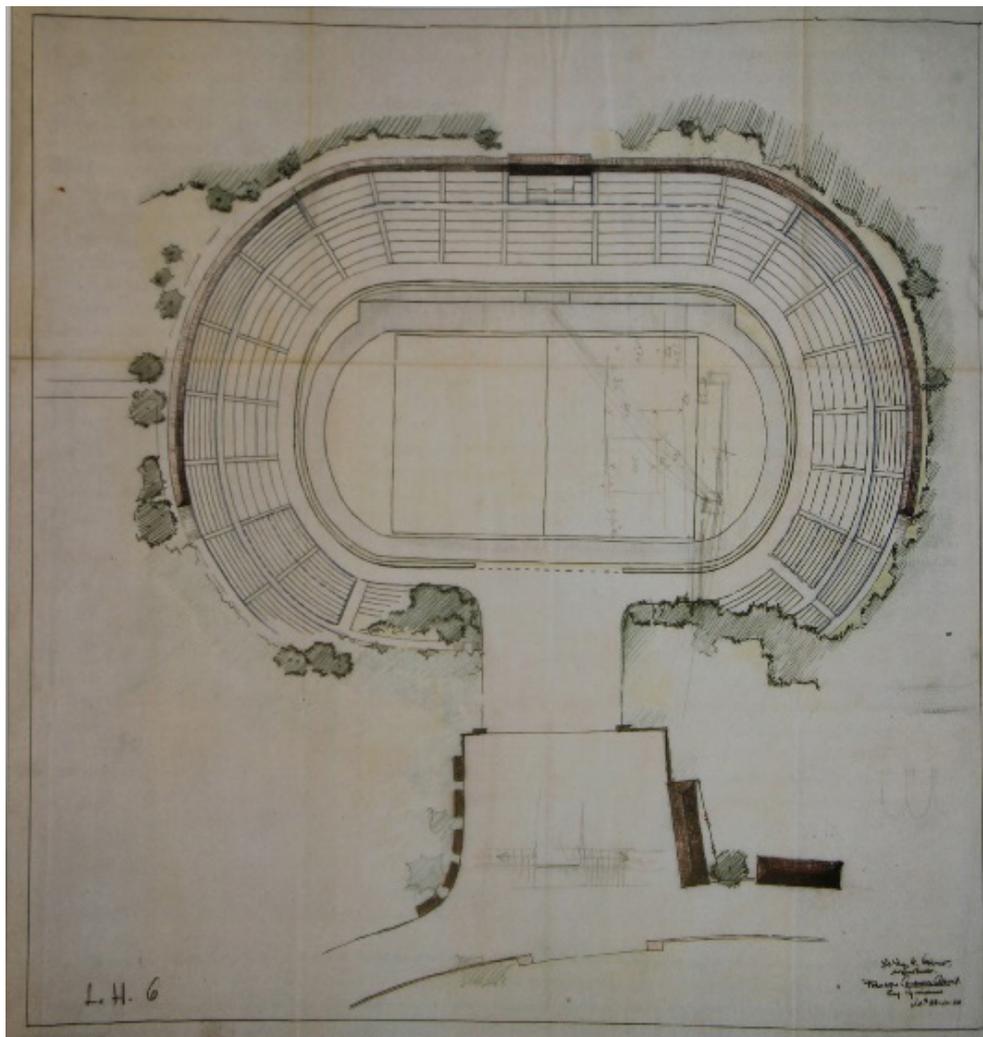


Figura 156 - “Plano Geral do Estádio de atletismo assinado por Wiesner e Caldeira Cabral”. In ANDRESEN, Teresa (coord.) - Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 38.

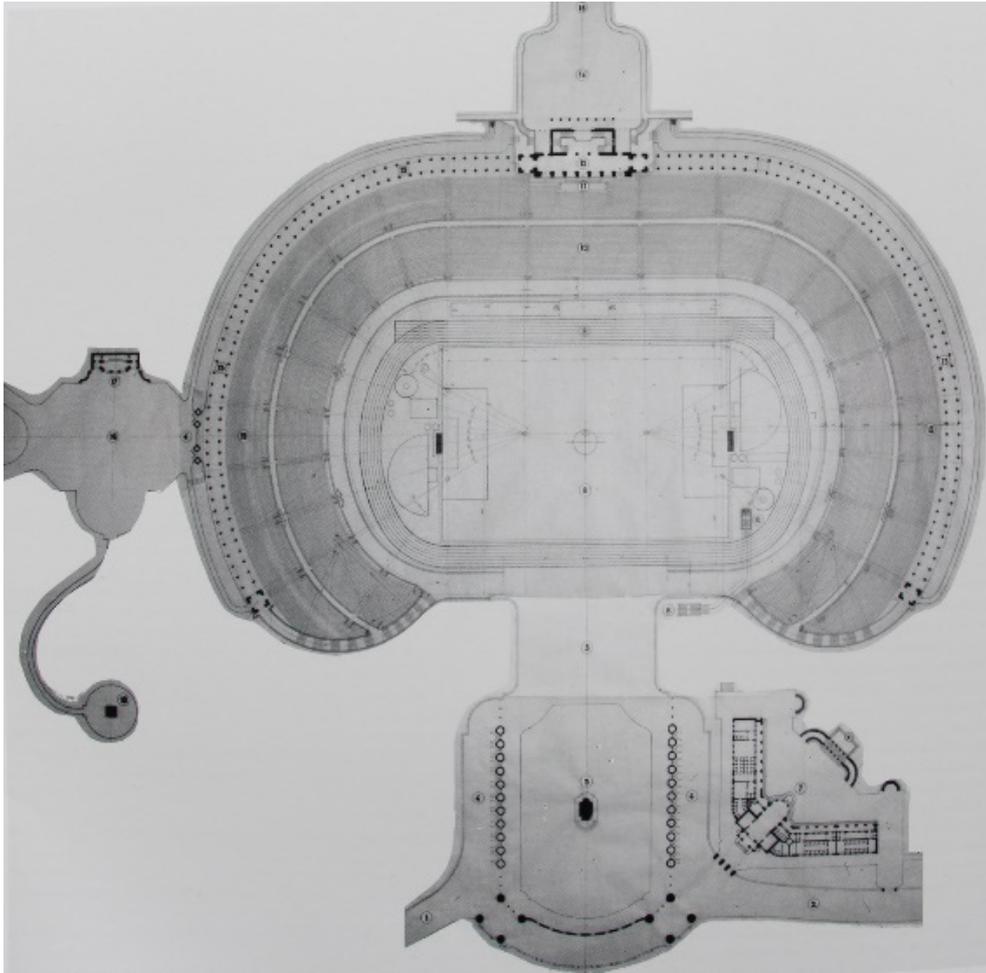


Figura 157 – “Projecto do Estádio Nacional, 1940. In GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional**. Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. p. 76.

Conclusão

A proposta de ampliação do Estádio Nacional no contexto dos Jogos Olímpicos Lisboa 2020, resulta da análise da produção arquitetónica do período do Estado Novo. A análise deste período toma em consideração principalmente as denominações “Português suave” e “arquitetura doce” e a comparação entre o Concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique, onde se inclui o documento “Representação 35” e o processo e concursos para o Estádio Nacional e as suas problemáticas.

A arquitetura deste período é antecedida por um momento de inquietação cultural que se fez sentir, no início do século XX, que atinge também o meio arquitetónico. A insistência do ensino das *Beaux-Arts* nas “bases estilísticas e na padronização de edifícios, codificada nos tratados”¹⁷⁸ e a falta de abertura a inovações revelam “um vazio disciplinar que tinha perdido o conhecimento rigoroso das escolas pombalinas da Academia Militar e da aula de Arquitetura Civil de Maia, Mardel ou Eugénio dos Santos.”¹⁷⁹ Este período de decadência espiritual e moral da nação é denominado por Nuno Portas como “**décadas obscuras**” foi sucedido pelo período do “**efémero modernismo**”. Esta alteração provocada por uma ligeira recuperação económica, que coincide com a implantação da ditadura militar, possibilita a uma série de arquitetos romper com a prática que se vinha a fazer até então com uma linguagem figurativa e são construídos diversos projetos com uma linguagem depurada e funcionalista.

O processo de afirmação do regime criou inúmeras oportunidades para os arquitetos que anteriormente tinham pouco trabalho. Duarte Pacheco através da Política de Obras Públicas apoia o trabalho de muitos arquitetos que procuravam uma linguagem progressista, permitindo “clareiras de liberdade”¹⁸⁰ no trabalho destes, que beneficiavam também de visitas ao estrangeiro para adquirir novos conhecimentos. No entanto, estes arquitetos começam a receber críticas de conservadores mais ou menos influentes no aparelho do Estado, não aceitavam alguns dos elementos mais chocantes que esta arquitetura depurada apresenta. Apesar do interesse por esta nova corrente os arquitetos continuam a fazer simultaneamente projetos de cariz historicista.

A divulgação destas novas obras do Estado era sobretudo feita em publicações do Secretariado da Propaganda Nacional, que através de diversas revistas, livros, folhetos, exposições, fazia propaganda tanto de obras de cariz

178 PORTAS, Nuno – **A arquitetura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitetura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 159.

179 PORTAS, Nuno – **A arquitetura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitetura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 159.

180 PORTAS, Nuno – **A arquitetura para hoje. [seguido de] Evolução da arquitetura moderna em Portugal.** 2ª ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. p. 177

historicista como progressista, mantendo os arquitetos divididos entre as “diversas formulações sintáticas.”¹⁸¹

Estas diversas formulações são evidentes no processo de desenho e na própria obra do Estádio Nacional, assim como no Concurso para o Monumento de Sagres.

Os estádios eram edifícios desejáveis para os regimes autoritários, no caso de Portugal o Estádio do Jamor era a obra símbolo da nação, a maior obra do Estado. O propósito desta construção além da sua função celebrativa e desportiva prende-se com o valor simbólico de uma regeneração política e financeira. Tendo sido a sua inauguração o momento com mais repercussões sociais, onde 60 000 pessoas assistiram à “potência celebrativa do Estado Novo (...)” através “da parada exibidora da nova ordem na sua imagem mais colectiva.”¹⁸²

As denominações “Português Suave e “Arquitectura Doce” utilizadas por José Manuel Fernandes e Pedro Vieira de Almeida, respetivamente, foram fundamentais para este trabalho na medida em que contribuíram para a revisão da historiografia deste período. Definições fundamentais para compreender as diversas formulações sintáticas da época e a sua influência no projeto do Estádio Nacional.

José Manuel Fernandes acredita na existência de uma arquitetura “do Estado Novo” realizada após a afirmação do novo regime entre 1940 e 1955, o “Português Suave”, definição utilizada para distinguir a arquitetura Moderna do Estado Novo da Arquitetura Neo-tradicionista, Nacionalista e Neo-conservadora. A escolha destas duas palavras para definir este período temporal são explicadas através da conotação que “Português” tem com Nacionalismo, tradicionalismo ou conservadorismo, enquanto que “Suave” é utilizada para caracterizar a escala mais delicada da arquitetura portuguesa em relação a outros regimes autoritários da Europa. A utilização da terminologia arquitetura “do Estado Novo”, pelo autor, é justificada pelas condições sociais, culturais e políticas que o Estado estimulava.

Mas em oposição Pedro Vieira de Almeida acredita que se tem simplificado em excesso este período e as variáveis não têm sido tomadas em conta. As tentativas de analisar com coerência o período têm sido interpretadas como formas de aliviar a carga negativa associada a este, afastando os arquitetos desta análise crítica. O arquiteto cria a definição “Arquitectura Doce” para definir a produção arquitetónica, compreendida entre a década de 30 e 50, a partir da interpretação crítica de “Português Suave”. Para o arquiteto e crítico a arquitetura produzida nestas décadas resulta da “mistura

181 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: ma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 202. p.73.

182 Cit. por ANDRESEN, Teresa – O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção. In ANDRESEN, Teresa, ed. lit. – **O Estádio Nacional: Um paradigma da A rquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 2007. p.9.

doce, de modernidade e regionalismo”¹⁸³ quando uma “matriz arquitectónica racionalista se relaciona a uma de carácter decorativo.”¹⁸⁴ E resulta não da imposição do regime, mas das hesitações entre a linguagem a adotar entre modernidade e tradição, justificando esta sua interpretação com as contradições que existem na produção arquitectónica de alguns arquitetos que simultaneamente produziam obras com cariz historicista e progressista, pelos acontecimentos decorrentes ao longo das 4 repetições do Concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres, onde se destaca o documento enviado a Salazar após o resultado do 1º concurso, *Representação 35*, com as opções que se tomaram no I Congresso de Arquitectura, em 1948, e pelas interpretações das obras dos arquitetos Marinus Dudok e Robert Mallet Stevens.

Para Pedro Vieira de Almeida a *Representação 35* representa a vontade que os arquitetos têm em encontrar um “moderno estilo português”, que apesar da situação política e cultural existente pretendem continuar a desenvolver uma arquitetura moderna, denominando o grupo de arquitetos de “geração 27.”

Mas apesar da tentativa de formular e reivindicar uma arquitetura moderna junto do Chefe do governo os projetos apresentados no 2º concurso para o Monumento de Sagres continuam a demonstrar incertezas na conceção desta arquitetura, e continuam a usar referências do passado, perdendo esta oportunidade que Oliveira Salazar lhes concedera ao anular de imediato o 1º concurso e repetindo-o após a receção do documento *Representação 35*.

A comparação entre os Concursos de Sagres e do Estádio Nacional interessou para este trabalho na medida que além de ter ajudado na compreensão da produção arquitectónica do período, revela as hesitações que os arquitetos tinham em relação aos modelos a seguir, da não formulação por parte do Estado de diretrizes específicas quanto à produção arquitectónica, esperando que os arquitetos fizessem esse trabalho e ainda é esclarecedor sobre a dificuldade que os arquitetos apresentavam em lidar com o local de implantação o que dificultava a integração de sublimidade que está intrinsecamente ligada ao cruzamento de “valores do local, motivo e objecto.”¹⁸⁵

Enquanto os arquitetos se focavam em aspetos formais dos objetos arquitectónicos, o estudante de arquitetura paisagista Francisco Caldeira Cabral convidado a participar no projeto do Estádio Nacional elabora um parecer a criticar o projeto de Jorge Segurado principalmente em três pontos

183 Cit por UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 109.

184 UCHA, Maria Margarida - “Português Suave” e “Arquitectura Doce” **Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. p. 109.

185 ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: ma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 202. p.131.

fundamentais: os solos, o vento e o relevo. Caldeira Cabral critica sobretudo o local escolhido para a implantação dos edifícios, que não tem em conta as adversidades do local, nem tira partido da paisagem para benefício dos desportistas. As perspetivas monótonas dos eixos monumentais que não permitem uma vista de conjunto e da paisagem também são criticadas pelo estudante de arquitetura paisagista. Mas a comissão não parece interessada nas críticas que este elabora. Contudo a insistência de Francisco Caldeira Cabral acaba por colher os seus frutos e o projeto construído adoça as bancadas do estádio à paisagem valorizando-a como Francisco Caldeira Cabral propôs em conjunto com Konrad Weisner, refutando a ideia dos projetos iniciais que foram a concurso de estádio à romana. Apesar de Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner terem sido afastados do projeto, a ideia de implantação manteve-se, mais uma vez um arquiteto consegue alterar o rumo de um concurso do Estado, evidenciando também as hesitações deste.

A proposta de Francisco Caldeira Cabral vai ao encontro de uma série de ideias de modernidade que estavam presentes desde o início neste projeto, desde logo a sua localização afastada da cidade, a ideia de um parque verde, longe da cidade industrializada e insalubre, com funções educativas para a criação de um novo homem. A preocupação de Francisco Caldeira Cabral com os percursos está ligada também a uma ideia de sublimidade, de surpresa. Contudo a escala do projeto não atinge a escala das obras do regime Nazi, cuja monumentalidade estava presente sob influencia da tradição romana e a sublimidade pela influência grega. Salazar não contava com a ajuda de um Speer como Hitler, apesar de contar com António Ferro na promoção da Política do Espírito e de Duarte Pacheco com a pasta das Obras Públicas, as visões destes divergem. A “monumentalidade ritualizada” conseguida nas obras alemãs não terá atingido o território lusitano cujas obras não passaram de “acenos a valores de monumentalidade cívica” como diz Pedro Vieira de Almeida em relação à exposição do Mundo Português, ou de “monumentalidade comemorativa” referindo-se às realizações “cívicas de carácter estatal” proporcionadas por António Ferro e Duarte Pacheco. Também José Manuel Fernandes refere esta timidez presente na escala da arquitetura realizada durante o estado novo, em relação a outros regimes europeus, que está presente na palavra “Suave” para a denominação “Português suave.”

Tanto nas propostas do projeto para o Monumento ao Infante D. Henrique como nos projetos apresentados para o Estádio Nacional, no anteprojecto e no projeto definitivo, encontramos problemas no projeto arquitetónico derivados da difícil relação com o local de implantação. A escolha do promontório de Sagres, que apresenta por si só uma escala monumental, torna desde logo a hipótese de construção de um monumento no local “reduzida e plasticamente tautónica.”¹⁸⁶ Mas no Estádio Nacional a escolha da localização da implantação das suas bancadas, com a contribuição do arquiteto paisagista, ganha sublimidade, ainda que numa escala cívica

186 ALMEIDA, Pedro Vieira de – *A Arquitectura no Estado Novo: ma leitura crítica: os concursos de Sagres*. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 202. p.17.

que difere da Tribuna deste, que com linhas severas elevadas em relação à multidão se destaca num desenho clássico e imperial, obra esta da autoria do arquiteto Miguel Jacobetty Rosa, que desenhou também a ampliação das bancadas do estádio, que nunca se chegou a concretizar, provavelmente numa tentativa de aumentar a monumentalidade destas. O estádio é assim constituído por diversos elementos cujas ideias partem de intenções e influências diferentes.

Assim a proposta de ampliação do Estádio Nacional, além de ter em consideração o construído e as variações apresentadas por Miguel Jacobetty Rosa e Francisco Caldeira Cabral para o remate das bancadas de pedra na cota 55.5, onde se incluem novos edifícios na entrada sul, ampliação de bancadas, ou continuidade da colunata em redor do recinto, consideramos também as premissas que Francisco Caldeira Cabral e Konrad Wiesner utilizaram para criticar a proposta de Jorge Segurado e integrar o edifício na paisagem. Resultando assim numa proposta de ampliação temporária das bancadas, preparando o recinto para receber esta atividade de curta duração, os Jogos Olímpicos, adaptando o local às necessidades. Devolvendo no final da atividade a “monumentalidade cívica” ao edifício presente na obra deste período do Estado Novo evitando acrescentar monumentalidade ao projeto. Assim como preservando a relação e proximidade dos espetadores e atletas com a envolvente, ou até mesmo dos frequentadores da mata envolvente com o recinto desportivo. Mas contribuindo também para a sua atividade após jogos olímpicos suprimindo as suas carências e garantindo o seu contínuo funcionamento com a criação de mais instalações sanitárias em redor das bancadas e com criação do Centro Interpretativo e Arquivístico do Estádio Nacional. Este Novo Espaço servirá durante os jogos olímpicos como balneários, complementando os já existentes e mantendo a entrada dos atletas a partir da entrada nascente do estádio onde este se abre sobre o Vale.

Bibliografia

ACHESON, Amanda – **La arquitectura del lugar: Centro de observación de entorno y paisaje**. Quito: Pontificia Universidad Católica del Ecuador-Facultad de Arquitectura, diseño y artes, 2014. 72 p.

ALEGRIA, Cristina do Amaral Tavares Proença - **O modernismo na arquitectura paisagista e na arquitectura paisagista em Portugal: projectos conjuntos, ideias, contextos, formas**. Porto: Faculdade de Arquitectura Universidade do Porto, 2012. 263 p. Tese de Mestrado.

ALMEIDA, Pedro Vieira de – **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica: os concursos de Sagres**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. 261p. ISBN 972-24-1219-1.

ALMEIDA, Pedro Vieira de [et. al.] – **História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna**. Introd. de Pedro Vieira de Almeida. 1ª ed. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. vol. 14.

ANDRÉ, Paula – **Arquitectura Moderna e Portuguesa: Lisboa 1938 – 1948**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010. 522 p. Tese de Doutoramento.

ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **O Estádio Nacional: Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

ANDRESEN, Teresa, ed. lit. - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910- 1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CALDEIRÃO, Teresa – **Arquitectura como propaganda no Estado Novo**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2013. Tese de Mestrado.

CRUZ, Luís André S. F. – **O Estádio Nacional e os Novos Paradigmas do Culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época**. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado.

FERNANDES, José Manuel – A Arquitectura em Portugal nos anos 1930-40: Do ‘Modernismo’ ao ‘Estado Novo: Heranças, Conflitos, Contextos. **DC. Revista de crítica arquitectónica** [Em linha]. nº 13-14 (2005), p. 60-67 [Consult. 3 Maio 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://upcommons.upc.edu/handle/2099/2364>>. ISSN 1887-2360.

Panorama. Lisboa, vol.2, nº7, (1942).

PASTOR, Carmen Escoda – **El magnetismo del lugar en la arquitectura: un análisis a través del dibujo de las diferentes estrategias de intervención en el paisaje a partir de la arquitectura del Movimiento Moderno**.

Barcelona: Universidade de Barcelona, 2006. Tese de Doutoramento.

PEREIRA, Margarida ed.lit – **O plano de Urbanização da Costa do Sol: uma visão inovadora para o território.** Introd. de Margarida Pereira. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: 2008. 121 p. ISBN 978-972-608-204-0.b

PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje.** [seguido de] **Evolução da arquitectura moderna em Portugal.** 2^a ed. Livros: Livros Horizonte, 2008. ISBN 978-972-24-1566-8

Quinze Anos de Obras Públicas 1932-1947. Lisboa: Comissão Executiva da Exposição de Obras, s.n., vol. 1, Livro de Ouro, [1948].

GUIA, Diogo, ed. lit. – **Jamor: O palco maior do desporto Nacional.** Lisboa: INCM, IPDJ, MND, 2014. 376p. ISBN 978-972-27-2317-6.

UCHA, Maria Margarida - **“Português Suave” e “Arquitectura Doce” Contributos para uma historiografia da Arquitectura Portuguesa.** Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Tese de Mestrado. 433 p. Tese de Mestrado.

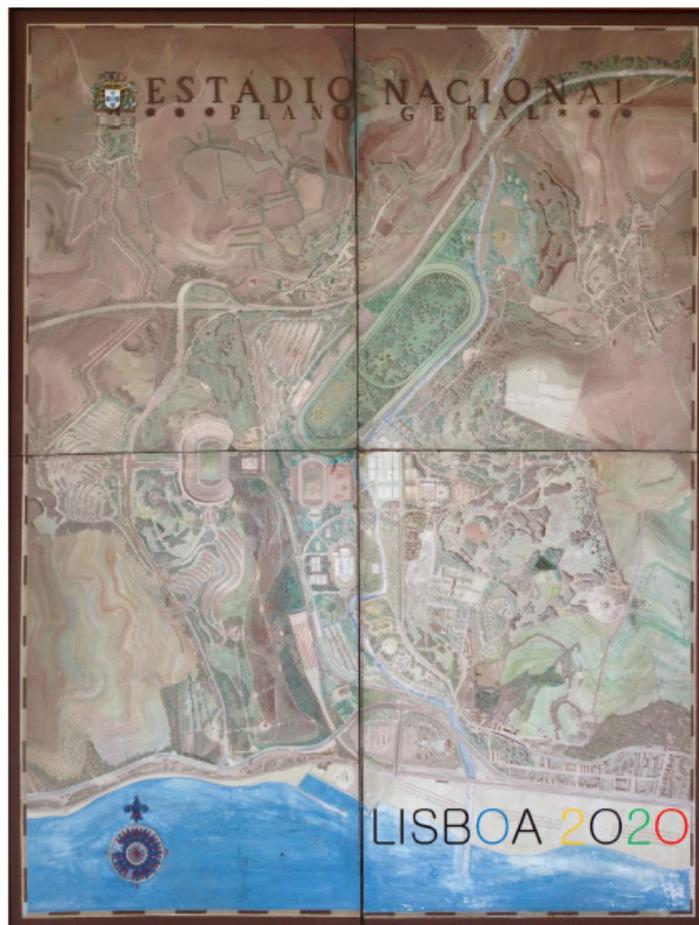
Vida Mundial Ilustrada: semanário gráfico de actualidades. Lisboa, nº161, (15 Jun. 1944).

Anexos

Anexo A

1. Enunciado de PFA, 2019-2020.

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa
Dep. de Arquitectura e Urbanismo



Projecto Final de Arquitectura 2019/2020 - Turma 1

Projecto Final de Arquitectura 2019/2020 - Turma

Enquadramento

Os principais eventos desportivos internacionais têm vindo a estreitar a sua realização a cada vez menos palcos e países do Mundo, em consequência dos grandes investimentos que implicam, dificilmente ao alcance de países de menor recursos e dimensão. Se, por um lado, os Jogos Olímpicos têm aumentado o seu número de modalidades e atletas, nas competições de futebol as fases finais têm aumentado sucessivamente o número de participantes: em 1978, os Mundiais de Futebol tinham somente 16 participantes, tendo esse número dobrado até aos actuais 32, e o campeonato do Mundo de 2026, que terá lugar no Canadá, Estados Unidos da América e México terá 48 equipas. O Euro de Futebol, que em 1992 tinha apenas 16 participantes, subiu ao seu triplo actual!

Resultados desses incrementos são: a virtual falta de competitividade e relevância das respectivas fases de apuramento, que passam a formalidades onde equipas de alta competição se confrontam com micro-estados – e a redução do número de países capazes de suportar semelhante investimento. Não por acaso, os Estados Unidos receberam em 1928 (dois anos depois do Mundial de Futebol de 1926) os seus quintos jogos olímpicos, no Memorial Coliseum de Los Angeles, que se tornará o primeiro estádio a receber três Jogos Olímpicos na história. Berlim recebeu a final do Mundial de 2006, no mesmo estádio olímpico que em 1936 ficou célebre (também) por razões controversas de ordem política, enquanto na Alemanha dividida, após a 2ª Guerra Mundial – houve lugar ainda às Olimpíadas de 1972 (conhecidas por razões ainda piores), no mesmo estádio de Munique onde, dois anos depois, se jogou a final do Mundial de 1974, e em 1988 a final do Euro.

Paris receberá novamente, em 2024, os Jogos Olímpicos, desta feita no mesmo *Stade de France* onde teve lugar a final do Mundial de Futebol de 1998, e em que Portugal venceu o Euro 2016. A capital francesa já havia recebido, em 1938, a final do Mundial, no *Stade de Colombes* - onde, em 1924, haviam decorrido os segundos jogos olímpicos parisienses – tendo a cidade sido palco, por mais duas vezes, da final de um Europeu de Futebol, no Estádio do Príncipes (para além da terceira vez, de 2016). Londres já teve três Jogos Olímpicos, o segundo dos quais teve por palco o Estádio de Wembley, que em 1966 recebeu uma final de um Mundial de Futebol e 30 anos depois a final de um Europeu de futebol.

Nos processos por detrás da escolha dos locais para estas competições, repetem-se casos de suborno juntos das entidades regionais e nacionais, abrindo lugar à sua realização em cleptocracias como a Rússia - onde ocorreu o Campeonato Mundial de Futebol de 2018 -, ou inexplicável escolha do Qatar como palco dessa competição, que obrigará à realização dessa prova, pela primeira vez, no fim do ano civil, entre 21 de novembro e 18 de dezembro. O Qatar é um estado absolutista e hereditário, com a área de 11.437 km² (ligeiramente maior que o Distrito de Beja) onde os direitos humanos são desrespeitados. A população qatari não alcança 2 milhões de habitantes: número muito aquém do total de ingressos para as partidas dessas

candidatura, tendo um estádio sido projectado por Norman Foster e outro por Zaha Hadid - exercício ainda modesto, quando comparado com os 8 estádios construídos, e os 2 profundamente remodelados (quando o caderno de encargos da UEFA só exigia 8) do Euro 2004 em Portugal, para uma prova com metade das equipas.

Os Jogos Olímpicos de Lisboa

2020 teria os seus Jogos Olímpicos realizados em Tóquio. A capital do Japão fora seleccionada para receber os jogos de 1940 - que teriam chegado a constar que poderiam ser em Lisboa (André Cruz, p.44) - mas a 2ª Guerra Mundial impediu a sua concretização, que seria finalmente realizada em 1964, na primeira vez em que a competição se realizou pela primeira vez em solo asiático. O mesmo país recebeu - agora, em parceria com a Coreia do Sul - parte dos confrontos do Mundial de Futebol de 2002 incluindo a respectiva final. Porém, uma sensibilidade surpreendente para com os direitos dos mais pequenos desenvolveu-se no Comité Olímpico Internacional, que em *volte-face* preferiu que a prova se realizasse na capital mais ocidental da Europa.

Alguns dos principais núcleos de provas serão: o Pavilhão Atlântico, na Expo, para as provas de desportos colectivos; os estádios do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, para os desportos colectivos ao ar livre; o cais da antiga Docapesca, em Algés, e a marina de Cascais, para as provas de vela; uma nova infraestrutura desportiva para a prática do remo, no esteiro da Lançada (Montijo). O epicentro da prova, contudo, estará no Vale do Jamor: onde chegou a constar que os Jogos Olímpicos de 1940 (André Cruz, p.44).

O Centro Desportivo Nacional do Jamor (CDNJ) será objecto de um plano de intervenção alargado, incluindo a adaptação dos circuitos rodoviários e pedonais. Será realizado um apeadeiro terminal ferroviário que, por retoma do antigo ramal realizado aquando da construção do estádio, no começo dos anos '40, permita receber composições chegadas do Cais do Sodré. A estação ferroviária da Cruz Quebrada será também remodelada.

O Estádio Nacional terá uma ampliação dos 37.593 lugares actuais para 57.000 lugares, eventualmente recorrendo a sistemas reversíveis. Receberá uma nova piscina olímpica, onde decorrerão as provas de natação, natação sincronizada, polo aquático e ginástica aquática, com tanque de saltos adjacente, a localizar nos terrenos da antiga fábrica da Lusalite, de frente para o Tejo.

A "Cidade do Futebol" será deslocalizada para outro lugar, sendo os seus terrenos ocupados com um refeitório, executado em sistema construtivo que permita a sua desmontagem parcial após a realização das provas, durante as quais estará aberto 24 horas/dia, com capacidade para servir 1800 refeições diárias. Será realizado um novo parque de estacionamento na sua adjacência.

Deverá prever-se alojamento residencial de 1000 atletas de natação, natação sincronizada, polo aquático e mergulho, em edifícios de apartamentos a realizar nos terrenos da antiga fábrica de fermentos holandeses (junto da fábrica da Lusalite), os quais deverão reverter para venda no mercado imobiliário, com uma população residente de sensivelmente 60% desse número, após os Jogos Olímpicos.

LISBOA 2020

Por fim, tendo em vista o futuro do Estádio Nacional, deverá proceder-se a:

- Projecto de pavilhão polidesportivo dotado de bancada(s) para 1000 lugares, balneários e instalações separados por sexo, gabinete de administração e armazém de material desportivo.
- Reabilitação da Quinta da Graça, na estrada da Costa, com programa a colocar pelo CDNJ, como seja a sede do IPDJ e/ou Centro de Medicina Desportiva – que durante os jogos olímpicos funcionaria como centro médico da competição – e/ou Museu do Desporto.
- Projecto de reabilitação da Quinta das Biscoiteiras, na estrada do mesmo nome, para aumento do alojamento do Centro de Estágios do Centro Desportivo Nacional do Jamor, em fogos de tipologia T1 e T2, dotados de uma instalação sanitária e uma pequena cozinha.
- Projecto de reabilitação da Quinta do Balteiro, junto ao Rio Jamor, como edifício de apoio a eventos e aos transeuntes do Eixo-Verde-Azul, actualmente em realização¹, com: restaurante/snack-bar, com esplanada exterior; instalações sanitárias e balneários de apoio à pista de “cross-country”, cada qual separado por sexo e dotado de 4 chuveiros.

Faseamento do trabalho

Trabalho de Grupo - Os estudantes dividir-se-ão em 2 grupo de 5 a 6 estudantes, os quais, numa primeira fase, confrontarão o programa com o contexto, através de recolha de informação gráfica de vários tipos, e investigação sobre fontes escritas relativas ao Vale do Jamor e sua transformação, o seu edificado, as actividades desportivas que deverá receber nos Jogos Olímpicos de 2020, etc. Nomeadamente, deverão articular os sistemas de acesso e circulação no Centro Desportivo Nacional do Jamor, por via rodoviária (incluindo áreas de estacionamento), ferroviária (incluindo localização e disposição do apeadeiro do estádio e da estação da Cruz Quebrada) e pedonal – no que deverá apoiar-se no Eixo Verde-Azul, que acompanha o curso do Rio Jamor, facilitando a permeabilidade de acessos interior-litoral às populações a montante, adjacentes ao Vale do Jamor, e facilitando a fruição dos terrenos do Estádio Nacional.

Deverão produzir, em grupo, um plano de intervenção onde os principais aspectos da proposta fiquem apontados com clareza.

Elementos da entrega:

- Portfólio em formato A4 (em que peças de dimensão maior serão dobradas nesse formato) integrando elementos de leitura territorial e histórica, gráfica e impressa, do local e tema de trabalho. Data de entrega: último dia de aulas do 1º semestre de aulas.
- Maquete na escala 1/1000, englobando toda a superfície do Centro Desportivo Nacional do Jamor, e suas adjacências, onde o plano proposto pelo grupo possa ser ensaiado e caracterizado.

¹ <http://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=noticias&id=930&title=EIXO-VERDE+E-AZUL>

Data de entrega: 20 de Dezembro de 2019, merecendo referência classificativa por parte dos orientadores.

Trabalho Individual – Cada estudante produzirá um trabalho de investigação para Projecto, que completará a investigação realizada em grupo. Os estudantes identificarão um tema de investigação individual, que desenvolverão com acompanhamento da Prof. Paula André, do Prof. Ricardo Resende, na qualidade de orientadores, ou de outro docente que, por razões relacionadas com a investigação proposta, se adequie melhor a essa função específica.

Tratando-se de uma unidade curricular que surtirá um projecto único, deverão existir convergências sensíveis entre o trabalho de projecto e investigação, dentro do **plano de fundo temático, histórico, territorial ou material comum**, como sejam (a título de exemplo): engenharia e infraestruturação de transportes; transformação natural da encosta norte do Rio Tejo, a Poente do Vale de Alcântara; património arquitectónico, existente ou pretérito, do Estádio Nacional e/ou constante da carreira dos seus autores; soluções construtivas a utilizar nos projectos a desenvolver individualmente pelos estudantes, quer para edificado novo, quer para reabilitação (grandes vãos; sistemas desmontáveis; materiais compósitos, etc.); soluções adoptadas noutros tempos, para problemas semelhantes, em estádios, teatros, anfiteatros, pavilhões desportivos – etc.

De acordo com as “Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento”, o número máximo de páginas de texto para trabalhos de projecto de mestrado são 50, nas quais se incluirão aquelas correspondentes à fase de grupo a incluir na entrega. À imagem da prática de anos anteriores em PFA, recomenda-se que os textos de autoria individual não superem as 10.000 palavras.

A investigação acompanhará e informará o conhecimento contextual e/ou aplicação directa ao programa arquitectónico a desenvolver em cada grupo, em que cada membro realizará o projecto de um dos seguintes conjuntos, e sua envolvente mais próxima:

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Ampliação do Estádio. | 7. Reabilitação Quinta da Graça, ou |
| 2. Piscina. | Quinta das Biscoiteiras, ou Quinta |
| 3. Habitações dos nadadores. | do Balteiro – em cada um dos |
| 4. Refeitório. | casos, introduzindo um corpo |
| 5. Apeadeiro do Estádio + estação | novo, com área mínima de 30% |
| ferroviária da Cruz Quebrada. | daquela que o edifício já possui. |
| 6. Pavilhão polidesportivo. | |

Os projectos poderão ser desenhados à mão (devendo ser em seguida fotografados para inclusão nos portfólios) ou em programa informáticos à escolha do estudante. Os estudantes que entendam desenhar os seus projectos individuais em BIM poderão apoiar-se no acompanhamento do Prof. Ricardo Resende, juntamente com o Arq^o. Luís Coroado.

Elementos e datas das entregas:

- a). - Inscrição do tema de projecto final e dos respectivos orientadores - 30 de Outubro de 2019.

LISBOA 2020

b).- Apresentação de estudo prévio desenvolvido individualmente na escala 1/500, para todos os projectos, e na escala 1/200 para os projectos de reabilitação, suportado em texto de acompanhamento resultante da investigação individual em desenvolvimento, composto de índice, introdução, desenvolvimento e conclusões retirada à data - 2 de Março de 2020. Haverá lugar a uma classificação intercalar por parte dos orientadores.

c). - Apresentação de anteprojecto desenvolvido individualmente na escala mínima de 1/200 para o projecto individual, e na escala mínima de 1/100 para os projectos de reabilitação apresentados no ponto 6 acima, com plantas, cortes e alçados, assim como texto relativo à investigação desenvolvida - dia 30 de Junho de 2020. Os estudantes que entendam proceder à defesa pública em júri antes das férias deverão proceder à entrega de acordo com as "Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento", incluindo nela a fase desenvolvida em grupo. Nos casos restantes, haverá lugar a uma classificação intercalar que apenas permitirá a prossecução do trabalho para acesso à Prova Final no caso de ambos os orientadores do estudante lhe atribuírem a valorização mínima de 10.

d). - Entrega do trabalho integralmente desenvolvido durante o ano lectivo 2019/2020, de acordo com as "Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento" e a Fiche de Unidade Curricular - dias 30 de Setembro ou 30 de Outubro (mediante pagamento de emolumento) de 2020.

Acompanhamento do corpo docente

As aulas correspondem ao desenvolvimento e consolidação da prática do projeto investigação, com acompanhamento da equipa docente. As aulas de 2ª e 6ª feira serão exclusivamente de prática laboratorial, enquanto nas de 4ª feira os professores Paula André e Ricardo Resende haverá lugar a:

- Visitas de estudo e apresentação de sessões de apoio teórico nos âmbitos culturais históricos, naturais, construtivos e outros, com participação pontual de convidados especialistas em âmbitos em abordagem na turma.
- Apresentação de sessões de esclarecimento metodológico do trabalho de investigação
- Acompanhamento e crítica, com todos os estudantes da turma, das investigações em curso e das suas relações com os projectos de arquitectura em elaboração nas aulas de prática laboratorial.
- Acompanhamento individual dos trabalhos de investigação em curso.

Bibliografia

ANDRESEN, Teresa (coord.). *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ANDRESEN, Teresa (coord.). *O Estádio Nacional. Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer*. Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

BOIÇA, Joaquim (coord.). *Cartografia de Oeiras. 4 Séculos de Representação do Território (do Século XVI ao Século XX)*. Câmara Municipal de Oeiras, 2003.

CRUZ, André. *O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto. Miguel Jacobetty Rosa e a sua época*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, 2005. Acessível em:

https://www.academia.edu/258971/O_Est%C3%A1dio_Nacional_e_os_novos_paradigmas_do_culto._Miguel_Jacobetty_Rosa_e_a_sua_%C3%A9poca.

GOSCINNY, René e UDERZO, Albert. *Astérix nos Jogos Olímpicos*. Edições Asa, 2004.

INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE. *Plano de Gestão e Ordenamento Estratégico do Centro Desportivo Nacional do Jamar*, 2014. Acessível em:

http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/PGOE_CDNJ_2014.pdf

RIEFENSTAHL, Leni. *Schonheit Im Olympischen Kampf*. Im Deutschen Verlag. Berlim, 1937.

Filmografia

FORESTIER, F./LANGMANN, T. *Astérix nos Jogos Olímpicos*., 2008.

LISBOA 2020

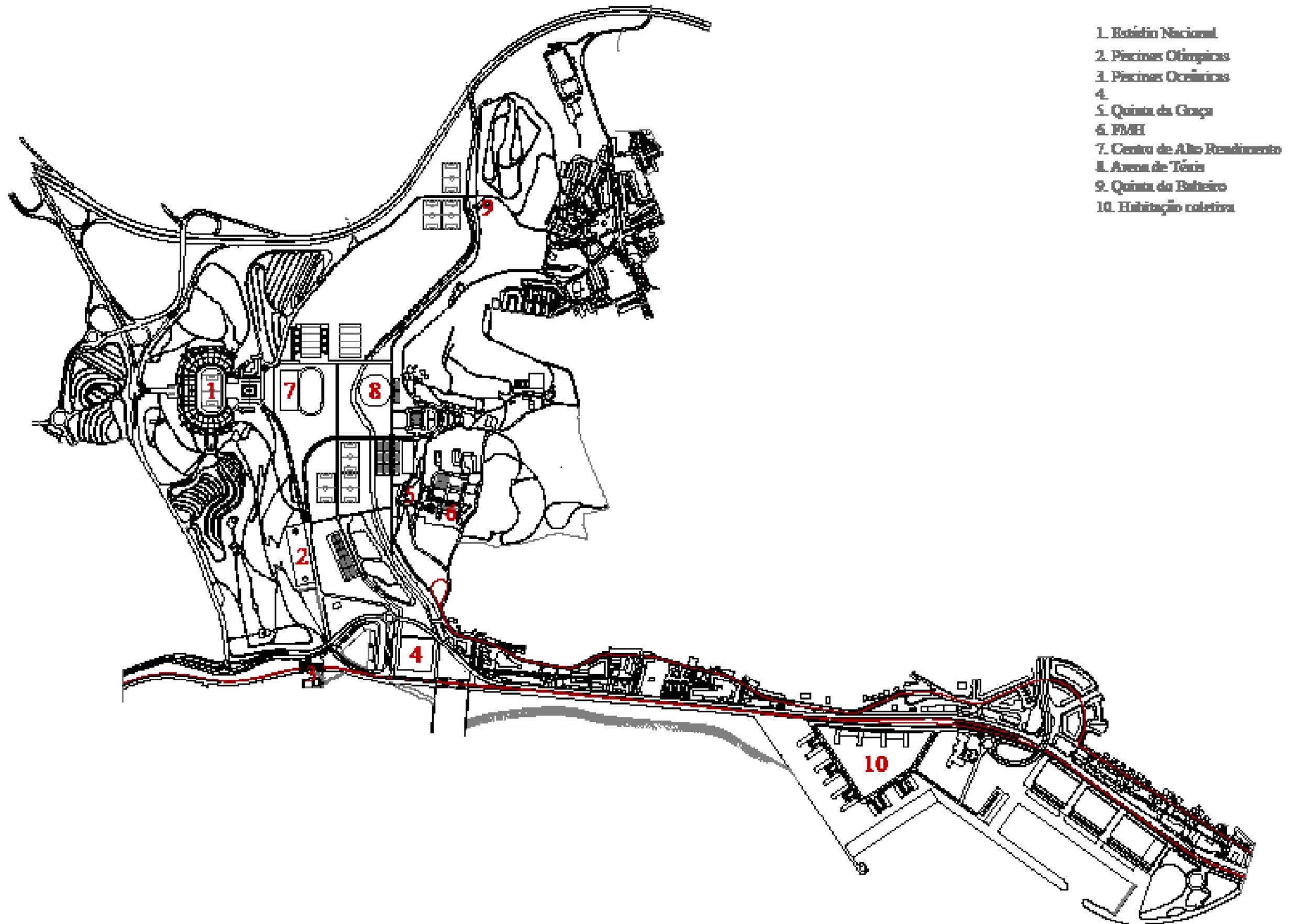


Jesse Owens, der schnellste Mann der Welt
Jesse Owens, l'homme le plus rapide au monde
Jesse Owens, the world's fastest man
Jesse Owens, el hombre más veloz del mundo
Jesse Owens, l'uomo più veloce del mondo

68

LISBOA 2020

Proposta desenvolvida pelo grupode trabalho.



O monumento será construído no promontório de Sagres, que é já, por natureza, um conjunto monumental, e que, pelo seu aspecto grandioso, obriga a que lhe corresponda ao pedestal formado, nas proporções, nas linhas e na majestade. Desde que se não procura assinalar o sitio exacto onde foi a vila do Infante, a «Terpanabal», a nomeada escola de Sagres, ou qualquer outra fundação do excelso filho de D. João I, que sob nomes imprecisos tenha sido localizada nas diferentes pontas do extremo occidental do Algarve, mas sim comemorar e celebrar um período histórico a que está indissolivelmente ligada a personalidade do illustre príncipe, nenhum outro local, como a península rochosa que recebeu a herança toponímica do Promontório Sacro, no eixo da massa de penedias que se formam em planalto, apontando o rumo das primeiras descobertas, salientando-se a toda a costa, e avultando até, para a visibilidade da navegação, ao enneoado cabo de S. Vicente, se pode considerar mais indicado e mais próprio para receber o monumento que se projecta. Constitue, esteticamente considerado, uma verdadeira oferta da natureza.

A vastidão da península de Sagres proporciona ainda aos concorrentes largo campo para o estudo da urbanização do local, permitindo uma fácil zona de isolamento, porquanto, das construções ali existentes, substituirão apenas o forte e a capela, pelo significado histórico que se lhes atribue e como elementos aproveitáveis para a preparação do ambiente monumental, desde a estrada de acesso até ao arranjo do planalto.

Convirá finalmente que o monumento, síntese de um determinado período histórico, reflita também o espirito da época em que foi concebido e realizado, documentando um verdadeiro pensamento criador — sem o qual estaríamos, nós mesmos, negando as possibilidades artísticas da geração a que pertencemos — e não se limitando, portanto, a réplicas e estilizações de motivos que nobilitaram na arte outras gerações.

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Está aberto concurso, pelo prazo de cento e cinquenta dias, entre artistas nacionais, sem distinção de especialidade, para o projecto do monumento a erigir ao Infante D. Henrique, comemorando o primeiro ciclo das navegações e dos descobrimentos dos portugueses.

§ 1.º Entre os artistas autores de cada projecto haverá sempre um escultor e um architecto diplomado.

§ 2.º Quando seja mandado executar pelo Governo o projecto classificado em primeiro lugar, ao architecto co-autor do projecto competirá a direcção artistica dos trabalhos até à sua conclusão.

Art. 2.º O monumento será construído na extremidade sul do promontório de Sagres, sobre o seu eixo longitudinal e voltado ao mar largo.

Art. 3.º Os materiais a empregar devem ser todos de boa qualidade e da máxima resistência, atendendo-se na sua escolha à constituição geológica do solo e à exposição do monumento aos temporais.

§ único. O material agreste do pedestal natural do monumento deve ser respeitado pelos concorrentes ao estudar a composição do conjunto e o natural acesso pela entrada da cortina do forte.

Art. 4.º O custo do monumento não excederá 9:000.000\$, não podendo desta quantia destinarem-se ao custeio do arranjo geral, zona de isolamento e acesso ao recinto monumental importância superior a 2:000.000\$.

Art. 5.º O concurso constará de duas provas, sendo a primeira eliminatória.

§ 1.º Na primeira prova os concorrentes apresentarão as seguintes peças, devendo as primeiras quatro ser entregues devidamente engradadas:

a) Desenho da planta de conjunto, na escala de 1 : 1:000;

b) Planta ou plantas e corte do monumento propriamente dito, para cabal esclarecimento da obra projectada, na escala de 1 : 100;

c) Dois alçados, na escala de 1 : 50;

d) Duas vistas do monumento, em perspectiva, uma tomada do lado do mar e a outra de qualquer ponto da terra, as quais serão apresentadas separadamente, em folhas de 1^m.10 x 0^m.75;

e) Uma memória justificativa e descritiva do monumento, incluindo a iluminação e a respectiva instalação eléctrica;

f) Um orçamento feito por estimativa.

§ 2.º Os candidatos mais classificados nesta prova, até ao número máximo de cinco, serão admitidos à segunda prova.

§ 3.º A segunda prova consiste na apresentação das seguintes peças, em que os candidatos se obrigam a manter a concepção e a linha geral a que obedeceram as peças apresentadas à prova eliminatória:

a) Uma redução plástica do monumento propriamente dito, na escala de 1 : 20, com a coloração representativa dos diferentes materiais empregados;

b) Um pormenor escultórico à escolha do júri, em metade do tamanho natural;

c) Orçamento pormenorizado, acompanhado de bases de preços e de medições.

Art. 6.º Aos concorrentes serão fornecidos pelo Estado os seguintes elementos:

1.º Planta topográfica do promontório de Sagres, na escala de 1 : 1:000;

2.º Uma folha da carta de Portugal n.º 29-B, da escala de 1 : 50:000;

3.º Uma fotografia do promontório, tirada de avião.

Art. 7.º Os trabalhos não serão assinados, mas todas as peças, desenhadas ou escritas, de cada projecto distinguir-se-ão por uma divisa que não permita a identificação dos autores. Acompanhando a remessa dos trabalhos devem os concorrentes apresentar um sobrescrito fechado e lacrado, em que se contenham os nomes e moradas dos autores e se inscreva exteriormente a respectiva divisa.

§ 1.º Os trabalhos da primeira prova devem ser entregues na Secretaria da Presidência do Conselho de Ministros até às dezassete horas do último dia útil do prazo do concurso.

§ 2.º O prazo de entrega dos trabalhos respectivos à segunda prova, para os candidatos a ela admitidos, nos termos do § 2.º do artigo 5.º, será anunciado, com a devida antecedência, no *Diário do Governo*.

§ 3.º Todos os trabalhos deste concurso, aprovados ou não, serão expostos em lugar público, durante dez dias depois de tornada pública a classificação final do júri.

Art. 8.º O júri para apreciação das provas deste concurso será constituído pela comissão nomeada pela portaria de 16 de Junho do corrente ano, acrescida de mais dois membros, um architecto e um escultor, devendo a sua constituição definitiva ser oportunamente publicada na folha oficial.

§ 1.º Haverá duas votações, ambas em mérito absoluto e relativo: uma, eliminatória, para efeito da admissão à segunda prova; outra, no final do concurso, organizando o júri, depois desta última, a proposta graduada a apresentar ao Governo.

§ 2.º Nas deliberações do júri não será permitida a

abstenção de voto, devendo os escrutínios realizar-se com declaração de voto individual, que ficará constando da respectiva acta.

§ 3.º Das resoluções do júri não haverá recurso.

§ 4.º O júri poderá propor a anulação do concurso se não considerar nenhum dos projectos apresentados em condições de ser aprovado ou se verificar que elles excedem as possibilidades da verba autorizada para a sua execução, reservando-se contudo, nesse caso, o direito de propor ao Governo a concessão de algum ou alguns dos prémios ou recompensas estabelecidos.

Art. 9.º A cada um dos candidatos seleccionados, até ao número máximo de cinco, para a admissão à segunda prova, nos termos do § 2.º do artigo 6.º, caberá a quantia de 10.000\$, que será entregue no prazo de quinze dias após a respectiva votação.

Art. 10.º Independentemente das recompensas consignadas no artigo anterior serão distribuídos os seguintes prémios aos concorrentes aprovados na segunda prova:

30.000\$ ao primeiro classificado;
20.000\$ ao segundo classificado;
10.000\$ ao terceiro classificado;
5.000\$ aos restantes concorrentes.

§ único. Estes pagamentos serão efectuados no prazo de trinta dias a contar da data da classificação final.

Art. 11.º Determinando o Governo a execução do projecto classificado em primeiro lugar, o architecto co-autor desse projecto, além das recompensas e prémios obtidos pela classificação das duas provas, conforme o disposto nos artigos 9.º e 10.º, receberá, pela direcção artistica da obra e elaboração de todos os detalhes necessários à sua realização, os honorários correspondentes ás seguintes percentagens sobre os trabalhos realizados: 4 por cento nos dois primeiros anos da construção, 3 por cento no terceiro e 2 por cento nos seguintes até ao quinto.

Publique-se e cumpra-se como nelle se contém.

Paços do Governo da República, 27 de Dezembro de 1933. — ANTONIO OSCAR DE FRAGOSO CARRENA — António de Oliveira Salazar — Antonino Raul da Mata Gomes Pereira — Manuel Rodrigues Júnior — Luiz Alberto de Oliveira — Aníbal de Mesquita Guimarães — José Caeiro da Mata — Duarte Pacheco — Armindo Rodrigues Monteiro — Alexandre Alberto de Sousa Pinta — Sebastião Garcia Ramires — Leovegildo Queimada Franco de Sousa.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

Direcção Geral de Administração Política e Civil

Decreto-lei n.º 23406

Tendo em vista o que dispõe a Constituição Política da República Portuguesa, de Abril de 1933, em matéria eleitoral;

Considerando que ainda antes da publicação do Código Eleitoral é necessário tomar providências sobre o recenseamento eleitoral;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º As juntas de freguesia são eleitas pelos cidadãos portugueses de um e outro sexo, com respon-

sabilidade de chefes de família, domiciliados na freguesia há mais de seis meses ou nela exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

§ 1.º Têm responsabilidade de chefes de família para os efeitos do corpo deste artigo:

1.º Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família legitimamente constituída, se não tiverem comunhão de mesa e habitação com a família dos seus parentes até ao terceiro grau da linha recta ou colateral, por consanguinidade ou afinidade;

2.º As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens e as solteiras, maiores ou emancipadas, com família própria e reconhecida idoneidade moral, bem como as casadas cujos maridos estejam exercendo a sua actividade nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não estiverem abrangidas na última parte do número anterior;

3.º Os cidadãos do sexo masculino, maiores ou emancipados, sem família, mas com mesa, habitação e lar próprio, e os que, embora estando em hotel ou pensão, vivam inteiramente sobre si.

§ 2.º No caso da última parte do n.º 1.º do parágrafo anterior, consideram-se chefes para o exercício do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte do prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.

Art. 2.º As câmaras municipais são eleitas na proporção a estabelecer no Código Eleitoral:

1.º Pelas juntas de freguesia do concelho;

2.º Pelas corporações morais e económicas legalmente constituídas, com sede no concelho;

3.º Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição;

4.º Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, quantia não inferior a 100\$ por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional, imposto sobre a aplicação de capitais;

5.º Pelos cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com curso especial, secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

§ 1.º A idoneidade eleitoral dos eleitores constantes do n.º 2.º deste artigo prova-se pela exhibição dos alvarás e portarias ou pela simples citação dos Diários do Governo em que tiverem sido publicados estes diplomas.

§ 2.º A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) Pela exhibição do diploma de qualquer exame público feita perante a comissão a que refere o artigo 6.º;

b) Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida no artigo 6.º ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o selo branco ou a tinta de óleo da junta;

d) Pela declaração, nos mapas enviados pelas repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarizadas, de que o cidadão tem essas habilitações.

§ 3.º A prova do pagamento mencionado no n.º 4.º faz-se:

a) Pela exhibição, perante a comissão a que se refere

